A volta do Echo & The Bunnymen ao Brasil

SHOW BIZZ

Edição Histórica

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

Os 100 melhores discos da década

a obra-prima de Kurt Cobain

RADIOHEAD • METALLICA • U2
PEARL JAM • RAIMUNDOS • BECK
SKANK • OASIS • BEASTIE BOYS

R$ 5,00
SS61/1 EDIÇÃO172
ANO 15 Nº 11
NOVEMBRO 1999

Ao Vivo: Chili Peppers, The Cult, Engenheiros

Abril

Alcatrão: 13mg • Nicotina: 1,0mg • Monóxido de Carbono: 14mg

O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:
FUMAR CAUSA CÂNCER DE PULMÃO.

theworldisyoursite

www.luckyflavor.com

flavor:clickhere

LUCKY STRIKE

anamericanoriginal

Que bom
se a vida fosse
tão simples
quanto navegar
no zip.net.

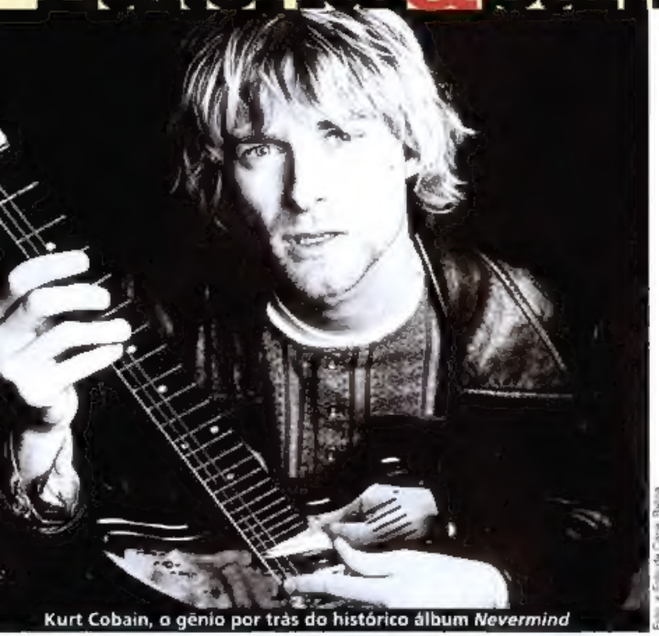
zip.net

Notícias, entretenimento, viagens, bate-papos, e-mail. Tudo fácil, tudo de graça.

Endereço: www.zip.net

a internet simples, ridiculamente simples.

Editorial&Sumário



Kurt Cobain, o gênio por trás do histórico álbum *Nevermind*

Foto e Foto da Capa: Reina

8 CD do mês
Um aperitivo saboroso do que será o novo disco de Lobão, com exclusividade para você!

20 Os 100 Discos Dos Anos 90
Uma lista com os melhores discos da década

38 Man? Or Astro-Man?
Acompanhamos as aventuras dos ETs da surf music no interior paulista

42 CMJ Music & Film Festival
Tudo sobre a maratona de rock e cinema que agitou Nova York

44 Echo & The Bunnymen, De Novo
Doze anos depois, a banda que encantou o Brasil volta para novos shows

sempre em showbizz

10 CARTAS
Belle & Sebastian despertam paixões; novidades sobre o Cult

12 SHOWBIZZ RESPONDE
Ficha do Faith No More; Joy Division

14 BIZZES
Como comprar CDs pela Internet com segurança; os 10,000 Maniacs, novamente independentes

50 DEMOCRACIA
O rock trash dos Impossíveis; Toca

53 CRÍTICA
Titãs, Ira!, Supergrass, Paul McCartney

64 AO VIVO
Red Hot Chili Peppers, Lenny Kravitz, Pavement,

73 LETRA TRADUZIDA
"End Of A Century", do Blur

76 ENTRE LEITORES

78 PARADA CROWLEY

80 INSTRUMENTOS MUSICAIS
A superbateria de Igor Cavalera

82 DISCOTECA BÁSICA
Odessey And Treacle, The Zombies

Quando decidimos que nossa matéria de capa seria uma lista com os 100 melhores discos da década, houve quem soltasse muxoxos e frases céticas... "Tudo isso? Vai ser difícil arrumar tantos..." "Não dá para ficar em dez, não?" Dois dias depois, o – curto – tempo e a experiência já tinham ensinado que dureza seria parar em apenas uma centena. A fama da música popular dos anos 90 não é das melhores, principalmente entre pessoas que viveram a adolescência em outras décadas – fato biologicamente explicável. Mas nosso esforço para produzir a matéria de capa ajudou a recuperar, pelo menos para nós mesmos, ditos "formadores de opinião", o filme queimado de um período ainda longe de ser compreendido.
A relação final que publicamos tem suas idiossincrasias (claro), alguns pontos controversos (quase todos cuidadosamente estudados) e está aí para ser apaixonadamente discutida e contestada. A lista foi feita tendo em consideração você, caro leitor, e seu universo, mas sabemos que muita coisa boa ficou de fora e gostaríamos de saber quais seriam as suas escolhas. Leia, saboreie e nos dê um retorno.
Aquele abraço,

Pedro Só

Parada da redação

Esta edição foi fechada ao som de...

The Moog Cookbook
Em 1996, dois alucinados fizeram versões churrascaria para sucessos do rock independente, com ênfase no grunge. E melhoraram vários!

Pato Fu – Isopor
Quando a canção em japonês do quarteto mineiro for a mais tocada nas rádios, você pode dizer que leu aqui primeiro.

Gomez – Liquid Skin
Às vezes, parece Grant Lee Buffalo; às vezes, Beatles. Quando não lembra finados, o novo do Gomez, de tão bom, ressuscita alguns.

Blur – Parklife
Cada música do 41º da lista dos melhores discos da década tem vida própria. Para meninos, meninas e demais criaturas do fim do século.

Champion.
O único relógio com seguro contra roubo.

Os relógios Champion são feitos para resistir aos tempos. Principalmente aos de hoje.

A partir de agora todo relógio Champion vem com seguro contra roubo válido por (01) hum ano.
Uma idéia inovadora, simples e absolutamente necessária para os dias de hoje.
Enfim, design, precisão, resistência e segurança vão acertar os ponteiros.

Champion
A marca que resiste aos tempos de hoje.

ATI5

*Promoção válida para todos os relógios Champion comprados entre os dias 1º de outubro e 31 de dezembro de 1999, nas revendedoras autorizadas, devidamente identificadas com o adesivo da promoção. Condições Gerais disponíveis com cada relógio.

Lobão inédito!

SHOWBIZZ traz para você um CD com duas músicas inéditas do novo e histórico disco do cantor – uma obra para sacudir e usurpar a MPB

Lobão reinventa sua carreira com canções inspiradíssimas

Brilho de menino nos olhos, Lobão fala de sua produção atual com um entusiasmo contagiante. Quando você ouvir "A Vida É Doce" e "Mais Uma Vez", faixas incluídas no CD *Lobão Inédito* (grátis com esta edição de SHOWBIZZ), vai entender porquê. Não é necessária nenhuma bula, mas esta página e as imagens a que você terá acesso em seu computador vão deixar tudo ainda mais límpido.

O mais recente disco de Lobão é a pedrada que faltava para consolidar a nova fase da carreira, iniciada com *Nostalgia Da Modernidade*, de 1996. Aprimorando os experimentos e excessos de *Noite*, álbum de 1998, ele despejou em *A Vida É Doce* (esse é o título) uma impressionante energia criativa. Estava inspirado... E por idéias revolucionárias no que diz respeito à disponibilização do seu trabalho. O CD *A Vida É Doce* chega às bancas no fim de novembro; será vendido por 14,90 reais junto com uma revista, *Lobão Manifesto*, de formato semelhante ao do velho LP de vinil. A tiragem, de 50 mil exemplares numerados, também será comercializada pela Internet: tudo sem gravadora, totalmente independente, na cara, na coragem e na ousadia.

O disco foi quase todo gravado no estúdio caseiro de Humberto Barros, num apartamento na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro. "Cerca de 95% dos vocais foram feitos dentro de um armário, *made in* armário", diverte-se o cantor. Humberto e Jongui assinam com Lobão a sofisticada produção do disco, repetindo a equipe responsável pelo elogiado *Noite*.

O resultado é rock e MPB, a música popular brasileira que João Luís Woerdenbag reivindica para si, para seus colegas de geração e quem mais quiser chegar. "Sou músico, não sou erudito – sou popular – e sou brasileiro", raciocina. O som também mostra influências contemporâneas de grupos como Nine Inch Nails e do que se convencionou chamar de trip hop (Massive Attack e Portishead) e que os mais xiitas preferem chamar de downtempo, com tempos desacelerados. "As músicas são todas mesmo para trás", traduz Lobão, que sabiamente desconhece tal preciosismo de denominação.

Pois é, mas a nova produção do artista está longe de ser só isso: inclui belos arranjos de cordas (de Sacha Ambak, tecladista que já trabalhou com Lulu Santos), instrumentos como o theremin, minimoog e piano Wurlitzer... E, claro, a bossa nova e a rica tradição harmônica brasileira, reprocessadas e imbuídas de uma urgência e densidade inéditas em trabalhos com esses ingredientes.

Faixa a faixa

1. "A Vida É Doce" (Lobão)
Lobão: voz, cordas, guitarra, synth e programação de bateria • Jongui: programação de bateria, samplers e bateria • Humberto Barros: teclado e vocal • Dé: baixo.
O texto é afiado ("são novamente quatro horas/ ouço o lixo no futuro/ do presente que tritura/ as sirenes que se atrasam/ pra salvar atropelados/ que morreram, que fugiam/ que nasciam, que perderam/ que viveram tão depressa, tão depressa"), a interpretação, condizente, a angústia é... feliz.

2. "Mais Uma Vez" (Lobão)
Lobão: voz, guitarras e violão de doze cordas • Jongui: programação de bateria, samplers, nylon bass e bateria • Humberto Barros: piano e cordas • Dé: baixo • Sacha Ambak: cordas e programação de teclado.
A penúltima faixa do novo trabalho do novo Lobão. Segundo o próprio compositor, a letra resume com exatidão o que seria a trilogia *Nostalgia Da Modernidade*, *Noite* e *A Vida É Doce*. "Quebrar todas as promessas e atacar", conclui o texto.

3. *Making Of*
Imagens da gravação – no estúdio AR, no Rio de Janeiro – do novo e esperado álbum de Lobão, *A VIDA É DOCE*.

Disponíveis nas melhores lojas. Solicite catálogos.
Caixa Postal 4704 Belo Horizonte MG CEP 31270-900 www.michael.com.br 0800 30 30 77
MICHAEL Basses

Cartas

Estourou no Norte

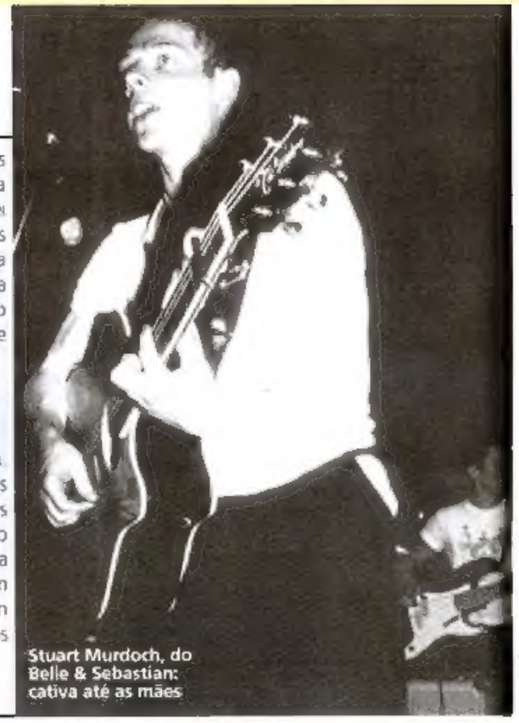
Na edição de setembro, vocês ultrapassaram o limite de boas matérias com boas bandas. Parabenizo a SHOWBIZZ pelo excelente texto e belíssima ilustração sobre a mais adorável de todas as bandas atuais: Belle & Sebastian. Depois que eu comprei *If You're Feeling Sinister* e *The Boy With The Arab Strap* e gravei um CD com os singles, só tenho ouvidos pra eles. A banda é tudo que eu precisava ouvir nesta década de 90 dominada por tecno, hip-hop e toda essa porcaria musical que a mídia tem exaltado. Quero B&S para continuar na sutileza do rock alternativo e não ter que apelar para novas tendências da música dita "moderna". Até minha mãe adora! Foi uma grande surpresa para os leitores *outsiders* que respiram música.

Viva o rock independente!!!

Marcelo Damaso – Belém, PA

É louvável SHOWBIZZ publicar matérias sobre bandas como o Belle & Sebastian. Isso só mostra o interesse da revista em enriquecer a cultura musical de seus leitores. E o B&S já merecia, não somente pela boa repercussão no exterior, mas por mostrar sensibilidade em seu trabalho. Captura o ouvinte logo no primeiro instante, sem perder a probidade ideológica nem a identidade musical. De uma forma descompromissada, com métricas e formatos convencionais, ilumina um pouco mais o cenário pop internacional. Bandas como B&S, East River Pipe, Gen e Sophia me fazem chegar à conclusão que, se o rock morresse, conseguiríamos viver muito bem com o pop.

Fabiano Azevedo Pereira – Manaus, AM



Stuart Murdoch, do Belle & Sebastian: cativa até as mães

Reprodução/divulgação

Puro êxtase

Escrevo para agradecer pela seção Minha Coleção *(edição de agosto)*, com meu ídolo Zeca Camargo (ele não é demais?) segurando um single de vinil dos Smiths. Êxtase total!

O fantástico novo disco do meu divo Brett Anderson *(líder do Suede)* merecia um 10 com louvor. Mas acho que 9 é uma nota boa. Tenho *Cure For Pain*, do Morphine. Mark Sandman *(líder do grupo, falecido em julho e tema de matéria na edição de agosto)* vai fazer falta – ele era tão sexy. Michael Stipe *(entrevistado nesse mesmo número)*: *queer*, cada vez mais *queer* (só não vê quem não *queer*!)

Tenho pedidos: uma entrevista com a melhor cantora do mundo – Tracey Thorn, do EBTG –; *Dummy*, do Portishead, na Discoteca Básica; Letra Traduzida de "Torch", do Soft Cell; uma matéria de respeito com o Placebo (tenho uma camiseta que diz "Eu quero ser como Brian Molko" – o líder da banda). Um pôster com o Keith Flint e todos os integrantes da banda islandesa Gus Gus, peladões!

Rodrigo Rodrissey Vieira – Santa Maria, RS

Estão anotadas as sugestões, Rodrigo. Adoramos sua carta e seu bom gosto.

Contra a brodagem

Eu queria falar um pouco sobre a chamada "brodagem" do pop rock nacional nos anos 90. É engraçado como fulado é amigo de sicrano, que é amigo de beltrano, que gosta dos Raimundos, que curte o Rumbora, que se amarra n'O Rappa, e assim vai. Eu entendo essa situação como ruim. Não que eu queira que eles se matem. Não é isso. Mas quando não há crítica, quando não há debate, quando os artistas apenas dizem amém, é porque estão deixando de lado o senso crítico.

Nos anos 80, tanto no Brasil como lá fora, havia um sem-número de bate-bocas e rixas, que transformavam a cena musical numa verdadeira trincheira (o hard rock americano era repleto de brigas e discussões que chegavam, inclusive, ao confronto físico; na Inglaterra, são incontáveis os quebra-paus envolvendo jornais e revistas especializados). As bandas se empenhavam na busca de bons trabalhos, de um maior número de fãs. Faltava, em alguns casos, humildade. Mas sobrava, em muitos casos, qualidade.

Não quero que Raimundos, Charlie Brown Jr., Rumbora, Planet Hemp e O Rappa dirijam-se aos jornais e metam o pau nos seus "amigos". Sinto falta é de gente que dê a cara pra bater, que critique, que fale mal. Porque, nesses momentos, a criatividade aflora. Talvez isso seja apenas uma explicação minha para a ausência de criatividade dessas bandas. Ainda que, de forma inegável, elas estejam conseguindo recolocar o rock na grande mídia. Boa sorte a elas!

Cesar Grafietti – São Paulo, SP

Decepção titânica

Para fazer um disco hoje, basta você ter a capacidade de enganar o seu público com qualquer coisa. Vejam o comentário de Tony Bellotto dizendo que os Titãs fizeram um disco como o presidente da Warner queria: rapidinho, sem dar muito trabalho. Justo os Titãs, que fizeram tantos discos "cabeça"! Agora se rendem completamente às exigências do mercado. É uma pena...

Marisa Castro Zimmerman – Belém, PA

Cultuadora atenta

Estou escrevendo para corrigir e acrescentar algumas informações a respeito do Cult, publicadas na seção Bizzes da SHOWBIZZ de agosto. Nela, vocês informam que o Cult separou-se em 1994, quando, na verdade, a separação ocorreu em março de 1995 (logo após os shows no Brasil), totalizando quatro anos de separação.

Vocês também publicaram que o guitarrista Billy Duffy tocou em um projeto chamado Vent 414: isso ocorreu logo após a separação do Cult. Porém, desde o ano passado, Billy Duffy vem dedicando-se ao Coloursound, grupo no qual toca ao lado de Mike Peters (ex-líder da banda The Alarm), Craig Adams (ex-The Mission).

A despeito da volta do Cult, o Coloursound lançou um álbum em outubro e Billy Duffy deve dedicar-se à promoção do disco enquanto sua banda principal não grava material novo. Sendo assim, gostaria que vocês publicassem as correções e divulgassem o endereço da home page do Coloursound na revista para quem quiser saber mais: www.coloursound.com

Cintia B. Lacerda – São Paulo, SP

Obrigado pelos toques, Cintia. Confira na seção Ao Vivo uma resenha sobre a volta triunfal do Cult aos palcos de Los Angeles, nos Estados Unidos. Assim como você, o autor do texto e dos fotos, nosso fiel colaborador Daniel Oliveira, é fã ardoroso do Cult.

O futuro do Oasis

Será que esse show vai continuar?

Reinaldo Hungria – Ferraz de Vasconcelos, SP

Torcemos para que continue, Reinaldo.

COMO CONTATAR SHOWBIZZ

REDAÇÃO
Cartas e e-mails devem trazer nome completo e endereço do leitor

Seção CARTAS
Comentários sobre o conteúdo editorial de SHOWBIZZ

SHOWBIZZ RESPONDE
Perguntas, dúvidas, discografias...

ENTRE LEITORES
Fãs-clubes, trocas, vendas e correspondência

E-mail:
showbizz.atleitor@email.abril.com.br
Internet:
www.uol.com.br/showbizz
Correio:
Caixa Postal 66157
CEP 05315-970
São Paulo, SP
Fax: (0__11) 3037-4909

ASSINATURAS
Pedidos ou reclamações, mudança de endereço

E-mail:
abrilsac@email.abril.com.br
Tel.: (0__11) 3990-2112
(Grande São Paulo)
0800-55-2112 *(Outras Cidades)*
Fax: (0__11) 3990-2100
(de segunda a sexta-feira, das 8 às 20 horas)

EDIÇÕES ANTERIORES
Mediante disponibilidade de estoque (de segunda a sexta-feira, das 8 às 22 horas)

E-mail:
abril.na@email.abril.com.br
Tel.: (0__11) 3990-2200
Fax: (0__11) 3990-2233

PUBLICIDADE
Tels.: (0__11) 3037-6860 e 3037-4281
Fax: (0__11) 3037-4909
Internet: www.publiabril.com.br

EDITORA Abril
Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

PRESIDENTE E EDITOR: Roberto Civita
VICE-PRESIDENTE E DIRETOR EDITORIAL: Thomaz Souto Corrêa
VICE-PRESIDENTE E EXECUTIVO: Luiz Gabriel Rico
VICE-PRESIDENTE DE OPERAÇÕES: Gilberto Fischel

DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL: Celso Nucci Filho
DIRETOR DE PLANEJAMENTO E CONTROLE: Celso Tomanik
DIRETOR DE RECURSOS HUMANOS: Marcel Caig
SECRETÁRIO EDITORIAL: Eugênio Bucci
DIRETOR DE SERVIÇOS EDITORIAIS: Henri Kobata
DIRETOR EDITORIAL ADJUNTO: Matinas Suzuki Jr.
DIRETOR DE PUBLICIDADE: Nicolino Spina

SHOWBIZZ

DIRETOR DE REDAÇÃO: Felipe Zobaran
REDATOR CHEFE: Pedro Só
EDITORES: Emerson Garpenn e Toninho Spessoto
REPÓRTER: Andrea Estevam
EDITOR DE ARTE: Rodolpho Vasconcellos
EDITORA-ASSISTENTE DE ARTE: Graziella Iacocca
COORDENADOR DE PRODUÇÃO: Roberto Morgan Lopes
ASSISTENTE DE REDAÇÃO: Ana Paula Freire
COLABORARAM NESTA EDIÇÃO: (TEXTO) Ayrton Mugnaini, Bernardo Araujo, Carlos Eduardo Oliveira, Carlos Marcelo, Celso Pucci, Fabian Chacur, Gastão Moreira, Hagamenon Britto, Helton Ribeiro, Helvécio Parente, Jaime Biaggio, Jose Augusto Lemos, José Flávio Júnior, Juliano Zappia, Luciano Vianna, Luis Henrique Romanholi, Marcel Plasse, Otavio Rodrigues, Roberto Muggiatti, Tarik de Souza, Terence Machado, Valeria Rossi e Zeca Camargo
(FOTOS) Ana Paula Oliveira, Daniel Oliveira, Juliano Zappia, Marcelo Ximenez, Marcos Hermes, Moira Seadon (ILUSTRAÇÃO) Douglas Braga, Felix Reiners, Milton Trajano (REVISÃO) Jorge Cotrin

APOIO EDITORIAL
DEPTO. DE DOCUMENTAÇÃO: Susana Camargo
ABRIL PRESS: José Carlos Augusto
NOVA YORK: Grace de Souza
PARIS: Pedro de Souza
PUBLICIDADE
DIRETOR DE PUBLICIDADE: Moacyr Guimarães
EXECUTIVA DE CONTA: Márcia Regina Braga
MARKETING
GERENTE DE PRODUTO E PROMOÇÃO: André Felipe D'Amato
ASSISTENTE DE PRODUTO: Fernando Euzébio dos Santos

RECURSOS HUMANOS
DIRETOR DE RH: Marcio Ogliara
PLANEJAMENTO E CONTROLE
GERENTE DE PLANEJAMENTO E CONTROLE: Auro Luis de Iasi

ASSINATURAS
DIRETORIA DE OPERAÇÕES DE ATENDIMENTO AO CONSUMIDOR: Lidia Colaviti
DIRETOR DE VENDAS: William Pereira
DIRETOR ESCRITÓRIO BRASÍLIA: Luiz Edgar P. Tostes
DIRETOR ESCRITÓRIOS REGIONAIS: Jacques Ricardo
DIRETOR ESCRITÓRIO RIO DE JANEIRO: Paulo Renato Simões

Abril

PRESIDÊNCIA
Roberto Civita, *Presidente e Editor*,
José Augusto Pinto Moreira e Thomaz Souto Corrêa,
Vice-Presidentes Executivos

VICE-PRESIDENTES:
Geraldo Nogueira de Aguiar,
Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal,
Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald

Discografias, fichas biográficas, dúvidas...

Escreva para SHOWBIZZ RESPONDE:
Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo - SP
e-mail: showbizz.atleitor@abril.com.br

Ingleses difíceis

Gostaria de saber as discografias das bandas The Auteurs e James. Quais de seus discos fizeram mais sucesso?
Claudinei de Souza Lustosa – Diadema, SP

The Auteurs: *New Wave* (1993); *Now I'm A Cowboy* (1994); *µ-ziq Vs The Auteurs* (1995); *Light Aircraft On Fire EP* (1996); *After Murder Park* (1996). O disco de estréia do grupo inglês, além de ser o melhor, foi o que mais vendeu (no Brasil, nenhum deles foi lançado). A banda acabou e o líder Luke Haines montou outra muito boa, a Black Box Recorder.

James: *Stutter* (1986); *Strip-mine* (1988); *One Man Clapping* (1989); *Gold Mother* (1990); *James* (1991); *Seven* (1992); *Laid* (1993); *Wah Wah* (1994); *Whiplash* (1997); *The Best Of James* (1998); *Millianaires* (1999). A coletânea de sucessos vendeu muito, mas tanto *James*, que tem o megahit "Sit Down", quanto *Seven*, puxado por "Born Of Frustration", tiveram grande repercussão. Tudo isso no Reino Unido, claro. O *The Best Of* chegou a sair no Brasil.

Quase clandestino

A seção Responde da edição 169 me deixou com uma dúvida. Vocês disseram que o álbum *A Storm In Heaven*, do The Verve, não saiu no Brasil. Tenho esse disco, com o encarte onde se lê: "Produzido na Zona Franca de Manaus". Gostaria também de saber em que álbum posso encontrar a música "Palo Alto", do Radiohead.
Gabriela Martins – São Paulo, SP

Pedimos desculpas pela informação errada, Gabriela. *A Storm In Heaven* (que data de 1993) realmente teve edição nacional no ano passado – apesar de a gravadora Virgin nem sequer ter comunicado à imprensa o lançamento do álbum. A música "Palo Alto", do Radiohead, pode ser encontrada no EP *Airbag/How Am I Driving?*, que não saiu por aqui.

Vivos e chutando

Gostaria de saber a discografia da banda americana Live.
Aline Mossambani – Rondon, PR

Anote aí, Aline. *Four Songs EP* (1991); *Mental Jewelry* (1991); *Throwing Copper* (1994); *Secret Samadhi* (1997) e *The Distance To Here* (1999)

Só no "Forever..."

Gostaria de saber a discografia completa do grupo Alphaville e o que essa banda tem feito ultimamente.
C.J.B. Júnior – São Roque de Minas, MG

O Alphaville foi fundado em 1981, na Alemanha, e já lançou seis discos:

O vocalista Perry Farrell, o baterista Stephen Perkins e o guitarrista Dave Navarro

Divulgação

segundo, *Good God's Urge*, manteve o alto padrão. Dave Navarro e Eric A. montaram o Deconstruction, cultuado até hoje. O guitarrista gravou um disco com o Red Hot Chili Peppers, o inconstante *One Hot Minute*. Uma reunião aconteceu em 1997, com Flea no baixo, e novas músicas foram gravadas para a coletânea de b-sides, *Kettle Whistle*. Uma versão ao vivo de "Jane Says", gravada em *Ritual*, se saiu razoavelmente nas paradas.

Discografia
Jane's Addiction (1987); *Nothing's Shocking* (1988); *Ritual De Lo Habitual* (1990); *Then She Did EP* (1991); *Kettle Whistle* (1997).

Ficha: JANE'S ADDICTION

A pedido da leitora **Flora Allain Carrasqueira** – São Paulo, SP

Importância
A mistura de pós-punk, rock psicodélico, heavy metal e funk engendrada pela banda na década passada serviu de inspiração para muito do que se fez nos anos 90. A guitarra de Dave Navarro é apreciada por uma legião de músicos e o vocalista Perry Farrell idealizou a melhor idéia de festival americano nesta década, o Lollapalooza.

Biografia
Perry Bernstein começou sua carreira cantando na obscura banda Psi Com. Já como Farrell, conheceu Dave Navarro, o baixista Eric A. e o baterista Stephen Perkins na cidade de Los Angeles, formando o Jane's Addiction. O primeiro registro do quarteto é um homônimo disco ao vivo, lançado em 1987, por um selo independente. Nele, alguns sucessos da carreira do grupo já estavam rabiscados. As versões dos clássicos "Rock'N'Roll", do Velvet Underground, e "Sympathy For The Devil", do Rolling Stones, são destaques do álbum.

O sucessor, *Nothing's Shocking*, já saiu por uma grande gravadora, a Warner. Com o segundo rebento veio o primeiro hit, "Mountain Song". O Jane's Addiction tinha uma boa reputação junto à galera do surf e do skate. *Ritual De Lo Habitual* é considerada a obra-prima do conjunto, com suas extensas e viajantes baladas, além dos rocks mais lapidados que chegaram a produzir. O bem-humorado videoclipe de "Been Caught Stealing" fez a banda ficar popular entre o público da MTV. "Stop" e "Ain't No Right" também tiveram boa execução. O excesso de consumo de drogas impediu que o sucesso fosse desfrutado. Após a dissolução, Farrel e Perkins montaram uma bom grupo, o Porno For Pyros, que obteve um hit logo de cara, a balada "Pets". O disco *Porno For Pyros* ainda tem as lindas "Black Girlfriend", "Orgasm" "Porno For Pyros" e "Cursed Male". O

Alphaville: recorde negativo de público em São Paulo

Marcelo Ximenez

Forever Young (1984), *Afternoon In Utopia* (1986), *The Breathtaking Blue* (1989), *Prostitute* (1994), *Salvation* (1997) e *Visions Of Dreamscapes* (1999). Depois do estouro dos singles "Big In Japan" e "Forever Young", ambos de 1984, a banda deu uma sumida. Em 1988 o álbum *Forever Young* entrou de novo na parada da *Billboard* (EUA) e em 1995 o grupo fez sua primeira turnê. *Visions Of Dreamscapes*, lançado aqui pela Abril Music, traz os antigos hits da banda acompanhados de material inédito. Para divulgar esse trabalho, o Alphaville veio ao Brasil e fez uma apresentação em São Paulo. O show no Via Funchal mostrou uma dura e melancólica realidade: pouca gente ainda se interessa pelo som de Marian Gold (voz e teclados) e Bernhard Lloyd (teclados, samplers e programação). Das 300 pessoas (5% da lotação do local) que compareceram, somente metade agüentou firme e forte até o fim do show para poder ouvir "Big In Japan" e "Forever Young", que fecharam a noite. A outra metade não suportou o repertório – baseado nos discos menos conhecidos do grupo – e foi para casa dormir.

Discos demais

Gostaria de saber a discografia da banda australiana INXS.
Cristiano Barboza Godinho – Porto Alegre, RS

Lá vai: *INXS* (1980); *Underneath The Colours* (1981); *Shabooh Shoobah* (1982); *Inxsive* (1982); *Dekadance EP* (1983); *The Swing* (1984); *Listen Like Thieves* (1987); *Kick* (1987); *X* (1990); *Live Baby Live* (1991); *Welcome To Wherever You Are* (1992); *Full Moon, Dirty Hearts* (1993); *The Greatest Hits* (1994); *Elegantly Wasted* (1997).

Declare Guerra

Existe a possibilidade de o Barão Vermelho relançar em CD o álbum *Declare Guerra*? Todos os outros foram relançados. Não é justo que os fãs de mais de uma década fiquem com suas coleções incompletas, é?
Rogério Feltrin – Campinas, SP

Pode começar a comemorar e procurar, Rogério. WEA e Som Livre lançaram *Declare Guerra* em CD este ano, devidamente remasterizado.

Influentíssimos

Quero saber a discografia do grupo inglês My Bloody Valentine.
Marcio Sapatini – Itapecerica, SP

This Is Your Bloody Valentine EP (1985); *Geek EP* (1986); *The New Record By My Bloody Valentine EP* (1986); *Sunny Sundae Smile EP* (1987); *Strawberry Wine EP* (1987); *Ecstasy EP* (1987); *Isn't Anithing* (1988); *Feed Me With Your Kiss EP* (1988); *You Made Me Realise EP* (1988); *Ecstasy And Wine* (1989); *Glider EP* (1989); *Tremolo EP* (1990); *Loveless* (1991).

Bebês britpop

Gostaria de saber a discografia completa do grupo inglês Pulp e saber em qual disco está a música "Babies".
Leandro Fraga Vasques – Tijuca, RJ

Anote aí, Leandro: *It* (1983), *Little Girl EP* (1985); *Dogs Are Everywhere EP* (1986); *Freaks* (1986); *Separations* (1992); *Pulpintro: The Gift Recordings* (1993); *His'N'Hers* (1994); *The Sisters EP* (1994); *Masters Of The Universe: Pulp On Fire 1985-86* (1995); *Different Class* (1995); *Countdown: 1992-1983* (1996); *Simply Fuss Free* (1996); *This Is Hardcore* (1998). A sensacional "Babies" está em *His'N'Hers*.

Não é um real

O que você precisa saber antes de comprar CDs no shopping virtual da Internet

Antes do surgimento da Internet, descolar um CD raro daquela banda obscura era tarefa hercúlea. Hoje a rede torna as coisas muito mais fáceis — para quem tem bala para gastar, claro.
O Brasil adora essa brincadeira: disco já é o produto mais vendido pela Internet no nosso país. Mas cuidado: é preciso ficar bem esperto para não comprar gato por lebre e para não se enforcar na hora do pagamento. Aqui estão as dicas da SHOWBIZZ:

Quais são as vantagens de comprar CDs pela Internet?
Variedade, comodidade e informação. Você compra sem sair de casa. Na maioria dos sites, pode ouvir trechos das músicas, pesquisar a discografia e a história dos artistas e ainda ler críticas de revistas especializadas.

E as desvantagens?
Nos sites nacionais, o frete acaba deixando o produto mais caro. Nos sites no exterior, a taxa de importação (60%), o frete e a cotação do dólar tornam o preço dos CDs praticamente proibitivo. Quem compra na Internet também deve se preparar para uma certa espera: alguns dias, no caso dos sites nacionais, e de 2 a 8 semanas nos sites gringos.

Quanto custa?
Um CD recém-lançado custa, nos sites nacionais, a mesma coisa que nas lojas convencionais, mais o preço do frete (de 2,50 a 4,50 reais via Sedex). Nas lojas no exterior, os discos custam em média 15 dólares; e o frete, 6 dólares. No total, são 21 dólares ou 42 reais. A taxa de importação (60%) fica em 25,20 reais, totalizando 67,20 reais pelo CD. Se você comprar mais de uma unidade, tem desconto no frete.

Como posso pagar?
Para as compras no exterior, você precisa ter um cartão de crédito internacional. Alguns sites nacionais oferecem a opção de pagamento via depósito bancário; outros só vendem com cartão de crédito.

É seguro?
Sim. Os sites investem pesado em softwares de segurança. Segundo especialistas, pagar conta de restaurante com o cartão (que fica fora de seu campo de visão por alguns minutos) é bem mais perigoso do que comprar online.

E se eu não gostar de um CD?
A maioria dos sites dá um prazo de trinta dias para trocas e devoluções. Para diminuir o risco e evitar a burocracia, abuse dos arquivos de áudio disponíveis nos sites para escolher os discos.

Dica?
Em algumas lojas do centro de São Paulo e de outras capitais, você pode encomendar discos importados sem correr o risco de ser taxado pela Receita Federal. Se o CD for retido, a loja arca com os impostos.

O que a polícia tem a ver com isso

Pela lei, toda compra feita no exterior está sujeita à tributação. A alíquota é única: 60% sobre o valor da mercadoria, incluindo aí postagem e frete. Só estão livres do imposto os pacotes caracterizados como presente — aqueles enviados por pessoa física, com valor inferior a 50 dólares. Alguns sortudos se livram da tributação porque a Receita Federal não consegue examinar todas as mercadorias que chegam ao país (3 mil por dia, em média). Aí, o trabalho de tributação é feito por amostragem: alguns passam, outros ficam.

Os CDs retidos são taxados de acordo com o valor da fatura ou o recibo que os acompanha e enviados para a agência de correio mais próxima da casa do comprador, onde o mesmo deve pagar a taxa para retirar a mercadoria. Se o comprador não concordar com a taxação, pode pedir revisão do valor. Caso ninguém retire o pacote, o mesmo será enviado de volta ao remetente ou considerado "abandonado". Tire dúvidas sobre legislação para importação de CDs, no site da Receita Federal (www.receita.fazenda.gov.br) ou ligando para (11) 838-7268 e (11) 838-7267.

Acesse e compre

Sites nacionais

• www.musicbeats.com
Bastante variedade e preços um pouco mais baixos que os da concorrência

• www.revivendomusicas.com.br
Tesouros da Velha Guarda da MPB

• www.somlivre.com.br
Dez mil títulos de música brasileira e os catálogos completos de todas as gravadoras que operam no Brasil.

• www.sonymusic.com.br
Só o catálogo da gravadora, mas com preços abaixo da média.

•www.fnac.com
Por enquanto, o site oferece somente MPB e rock/pop brasileiro. Os lançamentos têm 30% de desconto no primeiro mês.

Sites gringos

• www.amazon.com
Um dos pioneiros no comércio eletrônico de CDs e livros. Bem completo.

• www.cdnow.com
Enorme variedade: mais de 30 mil títulos. Ótima fonte de informações sobre artistas: biografias, críticas e notícias.

• www.cduniverse.com
Megastore online nos moldes da CDNow e da Amazon.com

• www.bn.com
Site da livraria Barnes & Nobles. Raridades e entrega mais rápida do que as concorrentes.

• www.dustygroove.com
Endereço especializado em soul, funk e jazz. Boas ofertas em discos antigos e raridades.

Maníacos independentes

Robert Buck, do 10,000 Maniacs, diz que a vida é boa sem Natalie Merchant

Depois de ser postos à prova com a saida da vocalista Natalie Merchant, os 10,000 Maniacs provam que têm lenha pra queimar e lançam *The Earth Pressed Flat* (Bar None/Abril), um disco repleto de sonoridades cool e ótimas levadas acústicas. O guitarrista Robert Buck falou à SHOWBIZZ por telefone, de Nova York, sobre o novo trabalho, o segundo da nova fase, e a entrada da vocalista Mary Ramsey.

Vocês começaram gravando como independentes e hoje retomam essa experiência. Qual o motivo? Algum tipo de decepção com as grandes gravadoras?

Robert Buck: As pessoas com as quais costumávamos lidar saíram das gravadoras e foram substituídas por outras que desconheciam trabalhos como o nosso. Trabalhar num pequeno selo é muito melhor, a indústria fonográfica hoje exige resultados rápidos e grandes vendagens. Outra coisa: os produtores das grandes companhias são muito estressados, nos anos 80 as coisas eram mais fáceis.

Rolou alguma mudança na concepção musical dos Maniacs depois da entrada de Mary Ramsey nos vocais?

Não, ela já participava da banda fazendo os *backing vocals*. Apenas passamos a explorar os talentos de Mary como instrumentista. Além de ótima cantora, ela é uma excelente pianista e violinista.

"Peace Train", de Cat Stevens, foi retirada das reedições do disco *In My Tribe* depois que o autor passou a apoiar os xiitas que queriam exterminar o escritor Salman Rushdie (autor do polêmico livro Versos Satânicos). O público a pede nos shows?

Não tocamos essa música, mesmo que nos peçam. Somos contra qualquer tipo de fanatismo, abominamos o terrorismo e a violência. É uma grande canção, mas está totalmente fora dos nossos planos voltar a cantá-la ou mesmo tornar a incluí-la em futuras reedições de *In My Tribe*.

O público dos Maniacs era formado basicamente por universitários. E hoje?

Ainda somos bem populares entre os estudantes, mas atingimos também outras gerações. Há pessoas de 16 a 40 anos nos shows, antigos fãs estão trazendo seus filhos para nos ouvir. Isso é muito legal, renova as energias.

Divulgação

Robert Buck (atras da vocalista Mary Ramsey): pronto – e animado – para começar de novo

O novo disco retoma caminhos mais simples, com uma boa fusão de elementos elétricos e acústicos. O objetivo é atingir rápido as paradas de sucesso?

Não, na verdade queremos fazer algo interessante, criar "paisagens sonoras", lugares para onde você possa ser transportado através da música. Continuamos a levar um som com fortes referências do folk/rock dos anos 60 e 70.

Quais são as canções mais fortes desse disco?

Gosto muito de "Once A City", que fala de nossas origens, é uma canção triste. "On & On (Mersey Song)" tem muito a ver com o *merseybeat* inglês dos anos 60; "In The Quiet Morning" é uma de minhas favoritas, lembra o Velvet Underground; "Who Knows Where The Time Goes" reflete a angústia quanto ao futuro do mundo, bastante comum aos que tem 41 anos, como nós (*o músico e o repórter*).

Toninho Spessoto

Scratch no moralismo

Naquele Rio de Janeiro onde o mar não bate e a maré não está para garota de Ipanema, sobram razões para surgir uma versão dos Racionais MC's. E ela existe, mas a cidade só está se dando conta agora. **MV Bill**, ex-flanelinha, ex-rapper do grupo Geração Futura, morador da violenta Cidade de Deus (na calorenta e desbotada Zona Oeste), é escolado na arte de fazer rimar o noticiário das seções de polícia dos jornais. E começa a virar notícia por conta própria agora, a bordo do álbum *Traficando Informação*, lançado pela Natasha em parceria com a BMG.

MV Bill (à esq.) convive diariamente com o terror

Na verdade, esse disco é a versão remasterizada e com quatro faixas inéditas do álbum *CDD Mandando Fechado*, lançado em 98 pelo selo independente Zâmbia. Suas treze faixas não têm nada a ver com o Gabriel O Pensador ou com Marcelo D2, que, até aqui, deram o tom do rap carioca. É cara de poucos amigos e verdades desferidas na lata do ouvinte. "Não é cara feia, é cara séria", diz Bill (o MV é de Mensageiro da Verdade), em um Ciep na Cidade de Deus, de onde, afirma, não pretende sair jamais.

O rapper pega pesado nas letras, mas diz se policiar para não cair na apologia da violência. "Às vezes, o cara pra quem eu vou cantar pode não entender. É preciso ter muito cuidado, principalmente em músicas na primeira pessoa", diz. Com a mesma segurança, porém, admite que tem amigos no tráfico e não buzina em seus ouvidos para que eles mudem de vida. "Não tenho como tirar o cara dali. Vou dar o quê em troca?" É a realidade fazendo *scratch* no moralismo.

Devotos, agora, só de Enya

Depois de onze anos, a banda pernambucana **Devotos** resolveu se livrar do Ódio que carregava no nome. Canibal (baixo e voz), Neilton (guitarra) e Celo (bateria) cansaram de explicar que era uma referência ao livro do José Louzeiro (autor de *Pixote*) e não uma apologia à violência. "Fomos barrados na televisão exclusivamente por causa do nome. Agora somos Devotos só da música", anuncia Canibal.

Outra decisão importante foi iniciar as gravações do próximo CD, mesmo sem ter gravadora. O trio se mandou para o Rio e lá se enfurnou no estúdio de Dado Villa-Lobos, que topou produzir o disco. Mais uma referência ao rock Brasil da década passada é a regravação de "Selvagem?", dos Paralamas. "A gente escutava muito e a letra continua atual", afirma Canibal. Antes de iniciar as gravações, o trio encara inusitadas sessões de relaxamento ao som de Enya. "A gente adora ela, tem camiseta, pôster... E também tomar café da manhã ouvindo Devotos é f***!", diz Canibal.

Carlos Marcelo

notas

Guns volta moderninho

Divulgação

Axl: novo estilo

O Guns N' Roses – ou o que restou dele – finalmente deu o ar de sua graça em outubro, com o single "Oh My God". As suspeitas de que a banda ressurgiria com um som diferente do tradicional hard rock que lhe deu fama se confirmaram: a música lembra os trabalhos do início da carreira de Marilyn Manson e de Trent Reznor, do Nine Inch Nails. "Oh My God" estará presente na trilha sonora do novo filme de Arnold Schwarzenegger, *End Of Days*, programada para chegar às lojas ainda neste mês. Quanto ao novo disco original do Guns (o primeiro desde *Use Your Illusion I e II*, de 1991), nada foi anunciado. Mas, a julgar pela nova canção, vem aí um Guns N' Roses todo moderninho.

Marley na cabeça

Produto bom que sempre foi, Bob Marley continua sendo alvo de discos e mais discos. Enquanto está sendo programada uma reedição da indispensável caixa *Songs Of Freedom*, lançada originalmente em 1992 com quatro CDs que dão uma retrospectiva na obra do mestre do reggae, a indústria fonográfica planeja também mais um tributo ao artista, *Chants Down Babylon*. O projeto trará artistas atuais interpretando sucessos de Marley junto com o próprio, graças aos truques de engenharia de estúdio. O disco vai incluir "Turn Your Lights Down Low" (com Lauryn Hill), "Black Survivors" (com Chuck D, do Public Enemy) e "Roots Rock Reggae", com Steven Tyler, vocalista do Aerosmith.

Viagem sem cogumelo

A garota saiu

Depois do baixista D'Arcy deixar o Smashing Pumpkins e do vocalista Crispian Mills não dividir mais o mesmo mapa astral com o Kula Shaker, outra banda foi sacudida com a perda/troca/demissão de algum integrante: Mushroom, sócio-fundador do Massive Attack, não dá as caras desde o último Natal para falar com seus companheiros de banda, Daddy G e 3-D.

Sai dia 25
a Revista lobão manifesto,
com o CD A vida é doce.

- Independente
- Numerado
- Inédito

www.lobao.com.br

Hanx!
apresenta:

Ataque Sonoro
Coletânea Punk Nacional

Skabadabadoo!
Coletânea Ska Internacional

Invasores de Cérebros
1º CD

Grinders
CD com faixas bônus

Distribuição Exclusiva
Aguarde novos lançamentos!

The Toasters
Hard Band For Dead

The Toasters
D.L.T.S.G.Y.D.

Visite nossa loja:
Rua 24 de Maio, 62 - 2º andar - Loja 344 - São Paulo, SP - CEP: 01041-000 - Fone: (0XX11) 220 7705
Preços especiais para lojistas

RENT
Letra e Música de
Jonathan Larson

PAIXÃO
UMA RAZÃO
PARA VIVER.

NÃO
EXISTE
AMANHÃ.

O AMOR
NÃO ESTÁ
À VENDA.

ESTRÉIA EM
NOVEMBRO

informações: 3171-1277

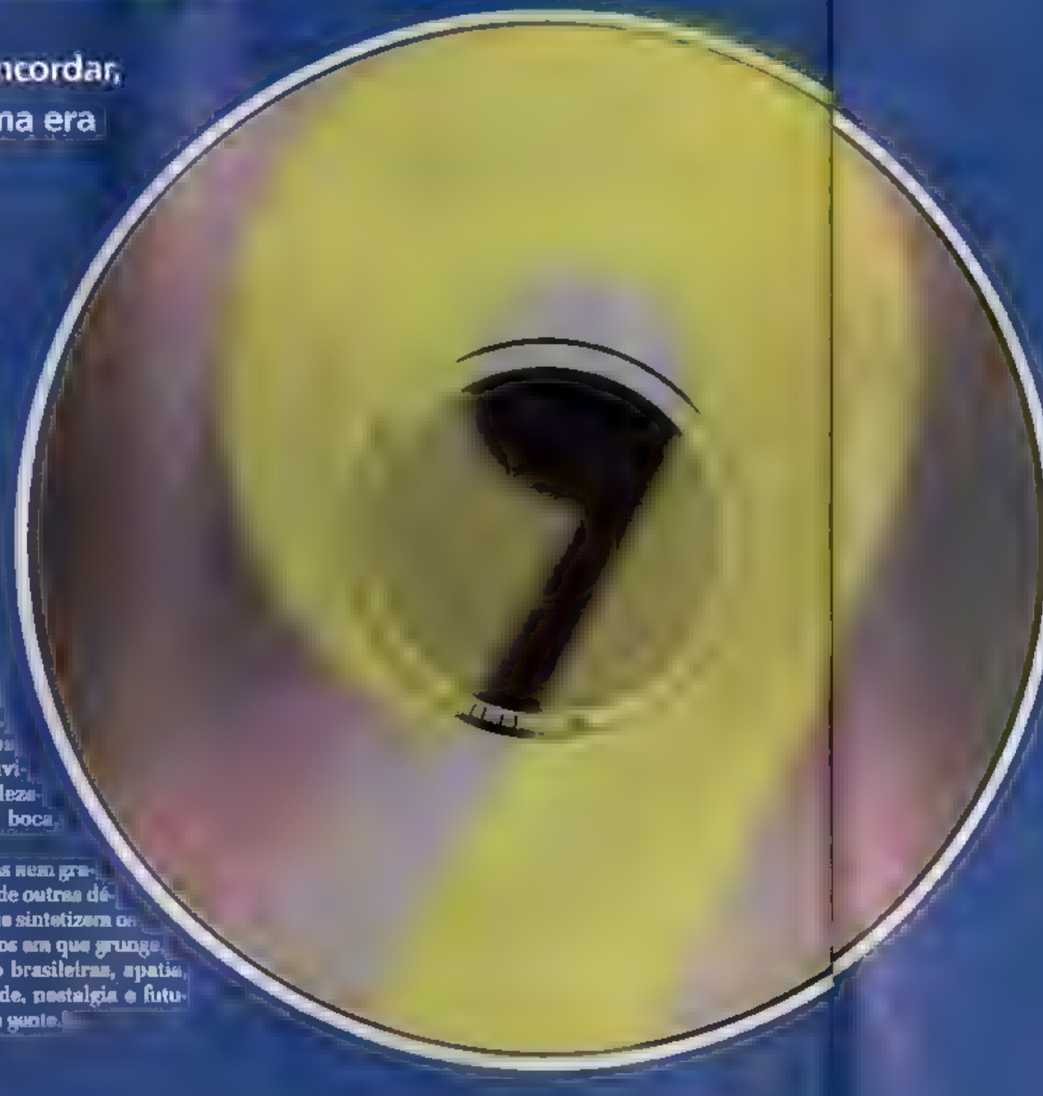
PATROCÍNIO
UOL
SHOWBIZZ

REALIZAÇÃO
BLACK&RED
CIE Brasil

TEATRO
Ópera
R. Rui Barbosa, 266

Os 100 melhores discos dos anos

Uma lista para você concordar, discordar e recordar uma era ainda a ser decifrada



Primeiro, explicamos a continha. São quarenta discos do pop/rock internacional, incluindo aí as vertentes mais pesadas. Depois, os vinte melhores álbuns brasileiros. Para completar, um top 10 de reggae, outro top 10 da música eletrônica, mais outro do segmento hip-hop/rhythm & blues, cinco disquinhos de blues e mais cinco de world music. Pronto, já bateu em 100. Aí, de lambuja, selecionamos dez obras brasileiras que merecem uma reavaliação. Para isso, consultamos nossos atenciosos colaboradores, espiamos listas de revistas estrangeiras, reviramos coleções, espantando os ácaros de alguns majestosos vinis, ouvimos novamente *muuuita* porcaria e dezenas de discos maravilhosos, batemos boca, quase saímos no tapa.

Optamos por não selecionar coletâneas nem gravações ao vivo que incluíssem músicas de outras décadas. A idéia, afinal, é reunir discos que sintetizem os incríveis anos 90, uma colcha de retalhos em que grunge, hip-hop, música eletrônica, fusões pop brasileiras, apatia, conscientização, brutalismo e fragilidade, nostalgia e futurismo também brigaram nos ouvidos da gente.

Pop/Rock 90

NEVERMIND *(1991)*

Oito anos depois, é inexato dizer que este é "o disco que salvou o rock". Como bem disse Neil Young, "a ferrugem nunca dorme" – e o *establishment* também, tentando empurrar lixo nas paradas do mundo. Já estamos precisando de novas porradas como essa para dispersar mais uma vez um saudável sentido de transgressão pela música popular do planeta. Acima das fronteiras entre gêneros, a coisa mais importante que a audição do segundo álbum do Nirvana transmite hoje vem do fundo da goela de Kurt Cobain, a sinceridade. Por mais que alternasse – palavras dele próprio – "um babaca sarcástico" com um "otimista", Kurt é uma voz inocente se batendo contra o mundo (até um indongo acuado rugindo para a vassoura). O tempo tristemente provou isso. Claro, em *Nevermind* a fúria de um jovem talentoso foi bem enquadrada pelo produtor Butch Vig. Krist Novoselic e Dave Grohl também deram o sangue para proporcionar a canções geniais como "Drain You" e "Breed" o tranco necessário. Independentemente do significado histórico, esse disco é um feliz encontro de talentos e uma belíssima coleção de canções pop. Os mais jovens já devem estar ouvindo como quem escuta Beatles.

OK COMPUTER *(1997)*

Em seu terceiro álbum, o Radiohead conseguiu fazer um disco conceitual emocionado e sem pentelhação. Precisou existir um sujeito chamado Thom Yorke, cujo disco de cabeceira é o EP *Chrome Town* do R.E.M., para chegar a esse resultado perseguido há três décadas por bandas das mais diversas correntes. São 53 minutos e 25 segundos extremamente claustrofóbicos preenchidos por músicas imantadas. "Airbag" puxa "Paranoid Android" (instigando a cada mudança de andamento), que chama a belíssima "Subterranean Homesick Alien". Até o final apoteótico com "The Tourist".

"No Surprises" e "Karma Police" ficaram conhecidas pelo grande público e ganharam espaço nas MTVs do mundo inteiro graças aos seus videoclipes inovadores. Jonny Greenwood, Phil Selway, Ed O'Brien e Colin Greenwood criam o clima para que Thom cante versos como "Mate-me Sarah/ Mate-me de novo/ Com amor/ Vai ser um dia glorioso" (em "Lucky").

Outra virtude de *OK Computer* foi chamar a atenção das pessoas para o antecessor, *The Bends*, erroneamente subestimado (erro devidamente corrigido nesta lista). E ainda tem "Let Down", balada que só oferece uma alternativa ao ouvinte: chorar. Um disco aparentemente pouco acessível, nada convencional. Para obras como essa, criaram até um nome: arte.

CHECK YOUR HEAD *(1992)*

Quando, depois de dois discos – os desertadores *Licensed to Ill* e *Paul's Boutique* – o mundo achou que tinha finalmente digerido o rap dos Beastie Boys, o trio nova-iorquino se reinventou com o surpreendente *Check Your Head*. Mezzo hardcore, mezzo funk e 100% artístico, este disco rendeu aos meninos um reconhecimento que eles ainda não haviam alcançado com os álbuns anteriores: o de bons músicos e aplicados estudiosos do mundo maravilhoso dos grooves de todas as épocas. Com o dado bambas que iam do pianista de jazz Richard "Groove" Holmes ao rapper das antigas Spoonie Gee, os Beasties perpetraram uma insólita combinação, na qual elementos tão diferentes pareciam ter nascidos um para o outro.

METALLICA *(1991)*

Popularmente, o disco conhecido como *Black Album* tornou-se um clássico instantâneo por abandonar a monocromia de *Master Of Puppets* e *And Justice For All*, apostando em outras cores sonoras. Veja bem, *Masters...* e *Justice...* são discos sensacionais, mas *Metallica* é o disco para vangloriar o metal de sua época. Mas *Metallica* é também revolução e uma diversidade tão grande que faz alguns trabalhos anteriores da banda parecerem brincadeira de adolescente em crise. A produção de Bob Rock foi crucial valorizando texturas e as variadas nuances de cada música. O resultado é uma pequena obra-prima em que cada faixa – incluindo aí "Nothing Else Matters", "Wherever I May Roam", "The Unforgiven" e "Enter Sandman" – tem vida própria. Os puristas podem chiar aqui, a banda estourou os limites do metal e seduziu as massas.

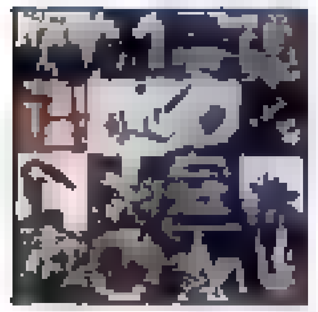
BLOODSUGARSEXMAGIK *(1991)*

Hoje pode parecer distante, mas houve um tempo em que o Red Hot Chili Peppers era uma exótica saboreada apenas por iniciados no balanço californiano. Até que se trancaram em uma mansão cheia de ladeiras em Hollywood para gravar o sucessor de *Mother's Milk*. Durante o período de internação, seu idioma ganhou uma pegação hedonista inusitada para quem começou punk. Tudo ali se traduzia em paz e terror, harmonia cósmica, luz espiritual. Como em uma daquelas raras composições estruturais, a banda conseguiu fazer músicas acessíveis e que atestavam seu progresso instrumental. Era mais uma prova de que nem sempre uma banda piora ao se tornar mais pop. Depois vieram o sangrento *One Hot Minute* e o arejado *Californication*. Da combinação sangue-açúcar-sexo-magia, porém, restaram apenas os traços

ODELAY *(1996)*

Tudo que o álbum anterior, *Mellow Gold*, prometia, Beck cumpriu – superando as expectativas – em *Odelay*. "[illegible] Devil's Haircut", "The New Pollution", "Novacane" e "Where It's At" confirmam sua [illegible] e, a partir daí, criam [illegible] os e, a partir daí, criam [illegible] trus descontextualizados [illegible] so levar muito a sério, a [illegible] Loser' [illegible]

Pop/Rock 90



ACHTUNG BABY (1991)
U2

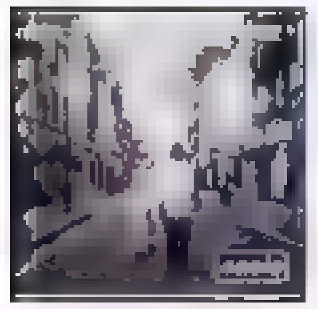
Uma grande banda se reinventa para a nova década. Para isso foi preciso perder o que restava da inocência e vestir o cinismo adequado, vide o Mefisto incorporado por Bono ao interpretar a magistral "Until The End Of The World". A estética berlinense e a presença de Brian Eno remetem a sons de "*Heroes*", de Bowie. O fim do milênio começa em "The Fly", com The Edge infernal, mas baladas como "Ultra Violet (Light My Way)" confortam o espírito.

TEN (1991)
Pearl Jam

Que banda era aquela que a MTV começou a tocar incessantemente no final de 1991, com aquele cabeludo pendurado nas estruturas de um palco, cantando uns ô-ô-ôs guturais? Poucos discos de estréia são originais como este, cheio de guitarras, a bateria bem tocada (pelo primeiro da série, Dave Krusen) e os vocais angustiados de Eddie Vedder. A mais estável das bandas de Seattle até hoje lança discos de sucesso. *Ten* é cheio de clássicos: "Alive", "Jeremy", "Even Flow".

GISH (1991)
Smashing Pumpkins

Muito antes de os Pumpkins enveredarem por egotrips melancólicas em busca do pop perfeito, eles eram uma boa banda de rock. É nessa condição que a banda aparece em *Gish*, em pleno auge da onda grunge. Os caras podiam até nem ser de Seattle (são de Chicago), mas a produção de Butch (*Nevermind*) Vig e a combinação perfeita de barulho com melodia só reforçavam a associação. Quer saber? Ninguém – nem o chato Billy Corgan – reclamou.



(WHAT'S THE STORY) MORNING GLORY (1995)
Oasis

Este segundo disco consagrou o compositor Noel Gallagher acima de controvérsias fabricadas e declarações arrogantes. Inspiradas ou não em glórias anteriores do rock britânico, com gosto ou não de *déjà-ouvi*, canções como "Wonderwall" e "Champagne Supernova" falam por si mesmas. As interpretações de Liam também mostraram evolução, alcançando uma sutileza inédita no anterior – e também bom – *Definitely Maybe*.

SLANTED AND ENCHANTED (1991)
Pavement

Gravado antes de *Nevermind*, este álbum tornou-se um marco do rock de baixa fidelidade e gerou inúmeros seguidores no meio alternativo. Na época, o líder Steven Malkmus não tinha a menor idéia de que isso viria a acontecer. "Eu trabalhava como vigia no Whitney Museum de Nova York, pensava em, no máximo, fazer um disco melhor do que os do Sebadoh (outra banda independente americana)." Recomendável para todos os fãs de Velvet Underground.

SCREAMADELICA (1991)
Primal Scream

A ponte rock dance music ameaçada no fim dos anos 80 pelos artificialmente inflados Stone Roses é finalmente erigida no terceiro disco da banda de Bobby Gillespie. O Primal Scream entregou suas canções às mãos de produtores como Jah Wobble (PiL), The Orb, Boys Own Productions e Jimmy Miller (Rolling Stones). O resultado é um grande disco – tanto de rock quanto de britpop, quanto de psicodelia, quanto de dance music.

AUTOMATIC FOR THE PEOPLE (1992)
R.E.M.

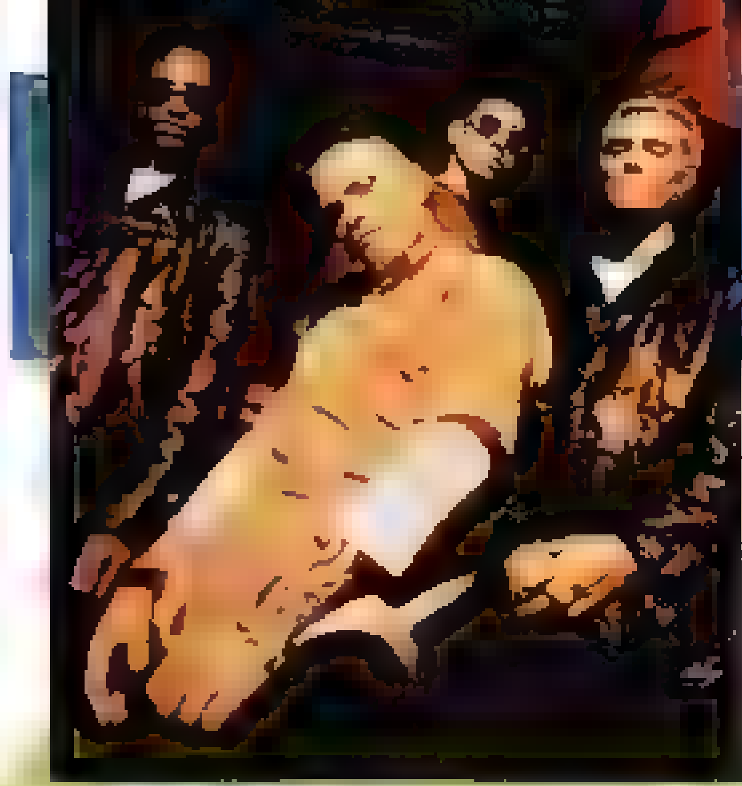
"Man On The Moon", "Everybody Hurts", "Sweetness Follows": balada após balada, o R.E.M. faz deste disco dos anos 90 a maior concentração de canções belas, melódicas e sutis por minuto. Este é o décimo trabalho do R.E.M. (foi lançado pouco depois de *Out Of Time*) e soa como o mais honesto e despretensioso. Isso porque a banda ignorou as expectativas: enquanto todos esperavam um *Out Of Time 2*, Stipe & Cia. optaram por arranjos acústicos e orquestrados.

RITUAL DE LO HABITUAL (1990)
Jane's Addiction

Em uma Los Angeles dominada pela farofa do fim dos anos 80, o Jane's Addiction era a antítese, personificada na pele e osso do líder Perry Farrell: sexualidade indefinida, som eclético e um porrilhão de influências díspares. Com esse perfil (a má-companhia em pessoa), ele e seus comparsas cometeram o que talvez tenha sido, novamente, o último grande disco de rock de arena.

BEING THERE (1996)
Wilco

"É o fim do século e não consigo pensar em nada a não ser em você", canta Jeff Tweedy em "I Got You". O romantismo resume bem o belo anacronismo que é este CD duplo. Depois de lançar as sementes do country rock alternativo em sua banda anterior, Uncle Tupelo, Jeff jogou neste segundo álbum do Wilco as velhas emoções que cantores e caminhoneiros sentem pela estrada da vida.

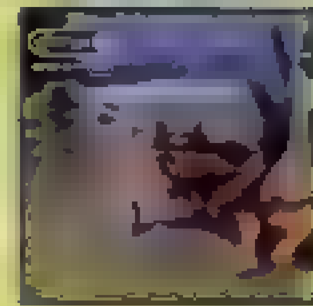


GRAND PRIX (1995)
Teenage Fanclub

O grupo escocês Teenage Fanclub condensa as melhores influências melódicas de outras eras: Beatles, Byrds, Alex Chilton, Kinks, Neil Young. Em abordagem respeitosa, a banda, que já havia lançado o espetacular *Bandwagonesque* em 1991, toca corações em "About You", "Sparky's Dream" e na homenagem "Neil Jung", dedicada a "ele".

GET A GRIP (1993)
Aerosmith

Depois do excelente *Pump*, de 1989, e da propaganda alardeada pelo Guns N' Roses, este disco consolidou o renascimento do Aerosmith. Pauladas como "Eat The Rich", baladas como "Crazy" e "Cryin'" e mais "Livin' On The Edge" detonaram uma escalada de sucesso planetário. O hard rock mostrou que ainda tinha vez nas paradas – coisa que *Nine Lives* comprovou em 1997.



THE FAT OF THE LAND (1997)
Prodigy

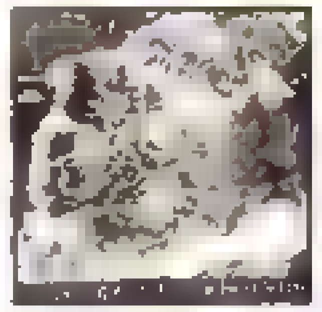
Apesar do inegável papel que teve na popularização da música eletrônica, o Prodigy está muito mais para Sex Pistols do que para Kraftwerk. Ou seja: os caras rezam muito mais na cartilha do punk do que do tecno. O que só engrandece ainda mais a banda de Liam Howlett, que conseguiu tal proeza sem se prender a apenas um rótulo. Ou alguém é capaz de definir a que gênero pertencem as ofegantes bordoadas "Smack My Bitch Up", "Diesel Power" ou "Breathe"?

BADMOTORFINGER (1991)
Soundgarden

Cada década tem a "Born To Be Wild" que merece. A de 90 felizmente ficou a cargo do Soundgarden, com sua "Outshined", que investia com todos os acordes na atualização de Sabbath e Led Zeppelin. Este álbum traz também outras canções de igual calibre, como "Rusty Cage", "Jesus Christ Pose" e "Face Pollution". Para melhorar as coisas, a banda acabou antes de cometer (muitas) besteiras.

THE BENDS (1995)
Radiohead

Lou Reed, Michael Stipe e muitos fãs preferem este segundo álbum ao incensado *OK Computer*. São canções perfeitas e emocionantes, muito além do hit "Fake Plastic Trees". As letras são tristíssimas, mas a beleza das interpretações é tanta que acaba elevando o espírito de quem ouve. Thom Yorke emerge como um compositor genial expressando fragilidade, paranóia e a dor de uma civilização.



RAGE AGAINST THE MACHINE (1992)
Rage Against The Machine

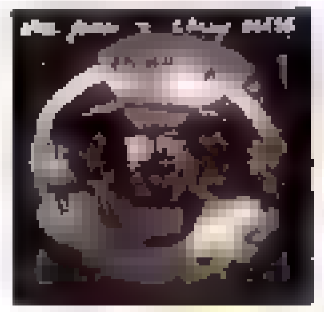
"Killing In The Name". Combinados com a guitarra de Tom Morello, esses gritos de Zack De La Rocha sempre incendeiam a molecada. Em seu primeiro disco, o RATM prova que é possível misturar política e música visceral. Rap, punk, funk: sonzeira para quem está interessado nos problemas do mundo e para quem só quer pogar chutando o Dalai Lama.

GOO (1990)
Sonic Youth

Entre *Daydream Nation* (1988), disco essencial, e o surpreendentemente palatável *Dirty* (1992), o Sonic Youth deixou uma preciosidade: *Goo*. "Dirty Boots", faixa de abertura, rivaliza com "100%" (de *Dirty*) na categoria "melhor música com videoclipe genial da história". Com o inimigo público Chuck D no microfone, "Kool Thing" era o rock [illegible] que os 90 seria a [illegible] da do rap.

DOOKIE (1994)
Green Day

Sim, tinha guitarras pesadas. Sim, havia refrões ganchudos que grudavam à primeira audição. Sim, os caras sabendo que iriam chocar os desavisados. Assim era o Green Day: três patetas que pareciam uma caricatura do tal do hardcore melódico. Tempo foi gasto discutindo se era ou não punk, enquanto o que importava quase passou batido: seu rock melódico desce redondinho.



RAGGED GLORY (1990)
Neil Young & Crazy Horse

Antes do advento do grunge, o [illegible] tom [illegible] da década [illegible] "I'm Sick", do Mudhoney). [illegible] é banda de [illegible] quando [illegible] porteira. Riffs matadores, [illegible] guitarra [illegible] d[illegible], tudo [illegible] velhos [illegible] "Love And [illegible]" [illegible]

Pop/Rock 90

SOUTHERN HARMONY & MUSICAL COMPANION (1992)

Black Crowes

Quando uma banda opta por beber na fonte do rock clássico, corre sério risco de virar uma imitação barata de seus inspiradores. Neste disco, o Black Crowes driblou esse perigo e, mesmo claramente influenciado por bandas como Rolling Stones e The Faces, criou uma obra que tem personalidade e "Remedy", uma das melhores canções de rock da década. Pena que em outros trabalhos eles não tenham sido tão felizes ao trazer os anos 70 para os dias atuais.

DIFFERENT CLASS (1995)

Pulp

Incubado durante mais de dez anos de carreira medíocre (o álbum de estréia da banda data de 1983), o talento do inglês Jarvis Cocker aflorou neste disco ao mesmo tempo furioso e superpop. Sintetizadorezinhos carnudos envelopam palavras de ordem revolucionárias – em termos de costumes, com panfletarismo do bom – e algumas das letras mais inteligentes da década. Do hedonismo das raves ao voyeurismo classe média tudo é demolido com ironia. Infelizmente, não saiu no Brasil.

RAY OF LIGHT (1998)

Madonna

Com excelente produção do *ambient wonderboy* William Orbit (que pouco antes havia produzido um disco solo da cantora Beth Orton), Madonna fez um álbum simultaneamente etéreo e dançante, em que as letras maduras (no melhor sentido) quase sepultam o velho lado *material girl*. Sem o exibicionismo dos tempos de "Justify My Love", ela apagou o desvio de rota de *Evita* e mostrou que está viva para o próximo milênio. Novas belezas estrangeirinhas virão, *baby*!

SEASONS IN THE ABYSS (1990)

Slayer

Após ter expandido as fronteiras da agressividade musical nos anos 80, o quarteto californiano precisava continuar inovando para seguir no topo. Arava, King, Hanneman & Lombardo mantiveram a brutalidade, mas evoluíram como instrumentistas (especialmente o baterista Dave Lombardo). E Tom Araya descobriu que sabia cantar. Com "War Ensemble", "Blood Red" e "Dead Skin Mask", a década começou bem no mundo metal. E vai terminar melhor ainda, com bandas como Korn e Limp Bizkit apontando o futuro barulhento do som dos ex-cabeludos.

SUEDE (1992)

Suede

Quando esta banda inglesa surgiu, foi dado destaque demais à boba polêmica "será que ele é?" envolvendo o cantor Brett Anderson. A coisa da bissexualidade e das interpretações alteradas, este disco de estréia traz um excelente trabalho de Bernard Butler (hoje também solitando a voz em bem-sucedida carreira solo) e alguns rocks excelentes que lembravam diretinho a era glitter. Claro as letras satanas e culpadas falando em cócegas proibidas e coisas como "porque somos jovens, tão jovens, tão dissipados" dão um sabor especial a esse marco do britpop – e da auto-estima pop inglesa.

HARVEST MOON (1992)

Neil Young

Gravado com os Stray Gators, a porção suave acústica de Neil Young, este disco é uma seqüência de *Harvest*, clássico LP (e maior sucesso de vendas) que o genial cantor canadense tinha lançado vinte anos antes. Lindas canções de um sonhador ("Dreaming Man", "[illegible] problema") reconhece ele numa delas) sobre amor no casamento, velhos amigos velhos cachorros e uma infinita ternura pelo rock'n'roll. Podia ter sido lançado na década de 60 ou na de 70, mas os anos 90 definitivamente estavam precisando ouvir isso.

LITTLE EARTHQUAKES (1991)

Tori Amos

Pouco conhecido no Brasil, este disco influenciou Alanis Morissette, Bjork e todo o pop feminino da década. Sexo, espiritualidade e lirismo em estado puro espalhados em baladas que ordenham lágrimas do mais duro dos corações. Quem ouvir "Crucify", "Tear In Your Hand", "Silent All These Years", "Winter" ou "China" vai começar a entender por que Tori é objeto de um culto quase religioso nos EUA.

LIFE'N PERSPECTIVES OF A GENUINE CROSSOVER (1991)

Urban Dance Squad

A [illegible] estréia desta banda holandesa surge [illegible]pidada. Ora pop, ora esquisita, mas sempre instigante. Dá [illegible]-título, distribuída em quatro vinhetas que casam barulho com Public Enemy, no balanço energético de "Careless" e "Harvey Quinnt", passando pelo funk à Chilli Peppers ("Grand Black Citizen") [illegible] soa adequado.

DIRT (1992)

Alice In Chains

Em seu segundo trabalho, a banda de Seattle optou por mudar seu lado mais pesado e escuro. Aqui não há músicas alegres nem "Man In The Box". Há, sim, aquilo que o nome promete: um som sujo, cheio de guitarras distorcidas e de referências ao metal. "Rain When I Die" e "Dirt" – duas pérolas do disco – são ótimas amostras do que uma boa banda de rock é capaz quando resolve virar as costas para o pop.

VULGAR DISPLAY OF POWER (1992)

Pantera

Em 1990, o quarteto texano já havia sepultado um hilariante passado farofeiro com a porrada de *Cowboys From Hell*. Neste disco, foi além. Sem esquecer a acessibilidade do som – graças ao talento e suor dos manos Dimebag Darrel (guitarra) e Vinnie Paul (bateria) –, era caprichar no peso e deixar Phil Anselmo se esgoelar à vontade, que isso ele faz muito bem. Ouça "This Love" (Sim, amor. E daí? Vai bater?), "Walk" e "Fucking Hostile" e aprove.

PSALM 69 (1992)

Ministry

Uma dupla de americanos doidões mostrou como se podia usar máquinas a serviço da barulheira. A. Jourgensen (guitarra, voz, vocoders) e Paul Barker (voz, baixo, programações) inventaram o industrial com músicas como "Just One Fix", "Scarecrow" e "Jesus Built My Hotrod" e deram outra dimensão à música pesada. Marilyn Manson agradece.

IF YOU'RE FEELING SINISTER (1997)

Belle And Sebastian

Repleto de referências literárias e agarrado ao pop e ao folk dos anos 60, o conjunto escocês Belle And Sebastian foi agente de um dos maiores fenômenos independentes desta década. Este disco é um sopro de candura para órfãos de pop sensível num momento em que a grosseria descartável e a brutalização imperavam via rock e hip hop.

EVERYTHING MUST GO (1996)

Manic Street Preachers

Após parir o perturbador *The Holy Bible*, Richey James (guitarrista e principal letrista) pirou e se matou, mas o restante seguiu em frente, como sugere o título deste quarto álbum. O vocalista Nicky Wire ficou a função de compor pérolas como "A Design For Life".

ANGEL DUST (1992)

Faith No More

Depois de escrever todas as letras de *The Real Thing* em uma semana, Jocerar a melhor performance do Rock In Rio 2 e beber muito num show em Mogi das Cruzes (SP), Mike Patton meteu toda sua esquizofrenia aqui. Pela audácia e pela lapidação melódica [illegible] canções como "Everything's Ruined" e "Be Aggressive", o quarto álbum do grupo está na cabeceira de quem busca novos caminhos para o rock pesado.

RE (1994)

Café Tacuba

No segundo disco, o universo paralelo do quarteto mexicano Café Tacuba se delineou. Encabeçado por "El Metro" e "Las Flores", *Re* mostrou que o quintal latino-americano poderia ser vanguarda. Os Tecubos emocionam cantando extermínio indígena, caos urbano, ideologia, destruição ecológica, colonização, claro, o amor. Vão da melodia beatle a uma tradicional ranchera sem pedir licença. Um chute na indústria fonográfica! ▶

ASTRO CREEP 2000... (1995)

White Zombie

O último disco antes da saída do cantor Rob Zombie e o que mostra a banda mais [illegible] ponto de bala. O perfeccionismo e o [illegible]smo irônico de Rob nas letras – [illegible] direto a vinhetas tiradas de filmes [illegible]ssoriam à competência dos musi[illegible]ors destaque para o guitarrista J[illegible]e o [illegible] John Tempesta, a vontade entre [illegible]

Poderiam muito bem estar na lista...

Björk – *Debut*
Blur – *Parklife*
Bob Dylan – *Time Out Of Mind*
Cake – *Fashion Nugget*
Elliott Smith – *XO*
Foo Fighters – *Foo Fighters*
Garbage – *Garbage*
Hole – *Live Through This*
Jesus & Mary Chain – *Honey's Dead*
Johnny Cash – *Unchained*
Lemonheads – *It's A Shame About Ray*
Lenny Kravitz – *Mama Said*
Morphine – *Cure For Pain*
Mudhoney – *Superfuzz Bigmuff*
Offspring – *Ixnay On The Hombre*
Portishead – *Dummy*
Ron Sexsmith – *Ron Sexsmith*
Sublime – *Sublime*
Wallflowers – *Bringing Down The Horse*
Weezer – *Weezer*

[illegible] você? Mande sua lista com os dez melhores discos brasileiros e os dez melhores discos internacionais, independentemente do gênero, para MELHORES 90 – Redação SHOWBIZZ – Caixa Postal 60.[illegible]

Nacional 90

RAIMUNDOS (1994)
Raimundos
Seriam eles os novos messias a anunciarem a boa nova: os grupos nacionais não precisariam mais se limitar a copiar o que se fazia lá fora se quisessem atingir o sucesso. Exageros à parte, a música pop brasileira jamais seria a mesma depois da estréia do quarteto candango. Pela primeira vez um artista independente daqui ganhava disco de ouro e, melhor, com canções totalmente fora dos padrões das paradas da época. Logo, as gravadoras saíram atrás de outros representantes do som tosco e que deixassem explícita sua brasilidade. Muita besteira foi gravada em nome dessa idéia, mas a crueza e urgência de *Raimundos* vão virar o século ainda com a validade intacta.

SAMBA ESQUEMA NOISE (1994)
mundo livre s/a
A estréia desse banda pernambucana não teve a mesma repercussão e influência que *Da Lama Ao Caos*, de Chico Science & Nação Zumbi. Mas é um disco mais bem resolvido. O cavaquinho punk de Fred 04 e seus hibridismos funk/rock/samba apontam um caminho menos populista e menos para grunge ver – e o que é melhor, esse caminho já está pavimentadinho nas exatas "Livre Iniciativa", "O Rapaz Do Bonezinho Preto", "Cidade Estuário" e "Musa Da Ilha Grande". Esta raridade aqui (esgotada) é disco para ser descoberto, ouvido, copiado, digerido e finalmente incorporado à música popular brasileira. Muito além de mangues e manifestos bem sacados.

CALANGO (1994)
Skank
A natureza dançante engana... Sucessos como "Esmola" e "Pacato Cidadão" vão ser lembrados daqui a trinta anos como retratos bem realistas da década que está findando. Brasileiraço ainda que sintonizado com o melhor da Jamaica contemporânea nos ritmos e nos excelentes vocais de Samuel Rosa, *Calango* é acessível e popular, mas também revolucionário.

ROOTS (1996)
Sepultura
OK, a década já havia tido um *Arise* para colocar o Sepultura em pé de igualdade com os maiores nomes da cena metaleira. Mas o que o quarteto fez em *Roots* não encontrou paralelo entre seus pares: metal devastador e sem os clichês que tornaram o gênero mais que previsível. A partir daí, quem quisesse saber o que de novo existia em música pesada, procurava o Sepultura.

...COR DE-ROSA E CARVÃO (1994)
Marisa Monte
Como compositora ou como cantora, a estrela de Marisa Monte brilha forte neste seu terceiro disco. Sucesso de vendas (660 mil cópias) e de crítica, é um álbum brasileiríssimo sem deixar de ser pop. As versões de Marisa para músicas de Paulinho Da Viola, Jamelão, Arnaldo Antunes e Jorge Benjor podem facilmente substituir as originais.

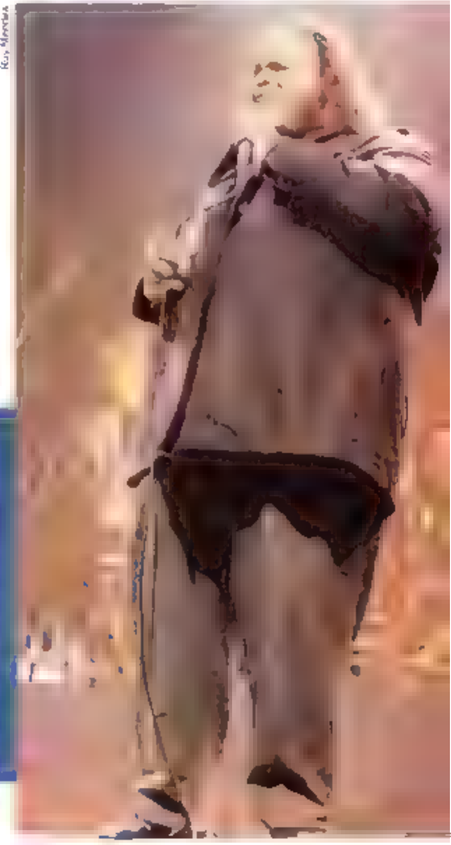
MANUAL PRÁTICO... (1997)
Ed Motta
Foi preciso que Ed Motta descobrisse a música brasileira (ele que pouco a considerava) e resolvesse fazer um disco "comercial" (aspas, sim) para que surgissem os funks mais bem resolvidos de sua carreira. De quebra, *Manual...* traz uma nova versão do "Falso Milagre Do Amor", pérola MPBística do primeiro *Pequeno Dicionário Amoroso*.

SOBREVIVENDO NO INFERNO (1997)
Racionais MC's
"Eu tô na rua de bombeta e mosetom/ Din din don, rap é o som/ Que emana do opala marrom." Esta é apenas uma amostra ("Capítulo 4, Versículo 3", do disco de rap nacional mais popular de todos os tempos. Verídico, indigesto e contundente, tal um album acerca de tretas, declarações irresponsáveis e balaços *universolárias*.

HEY NA NA (1997)
Paralamas
Cabeça a cabeça com o anterior *Nove Luas*, este trabalho traz vários lados do caleidoscópio paralâmico: MPB, reggae, rock, baladas, portenhices. Tudo inspirado e caprichado, com destaque para "O Amor Não Sabe Esperar" (com Marisa Monte), "Scream Poetry" (Chico Science na letra e Jorge Mautner na voz) e as harmonias vocais de "Ela Disse Adeus".

DA LAMA AO CAOS (1994)
Chico Science & Nação Zumbi
A mistura de hip-hop, rock e maracatu que Chico não teve tempo de azeitar na potência máxima está desenhada em linhas gerais aqui. E acompanhada por textos absolutamente geniais, como o de "Banditismo Por Uma Questão De Classe". Ainda hoje o pop brasileiro espera audácias bem realizadas a partir desse fio da meada.

USUÁRIO (1995)
Planet Hemp
Alguns trabalhos merecem respeito pelo simples fato de serem precursores. *Usuário* é um desses casos. Se hoje é lugar-comum no pop nacional falar de maconha e juntar rock, rap e MPB, foi o Planet Hemp o primeiro a apertar essa mistura. "Legalize Já", "Mantenha O Respeito" e "Dig Dig Dig (Hempa)" foram parar nas rádios e acenderam a polêmica sobre a legalização.



Outras pérolas que merecem reavaliação...

TOP HITS (1995)
D. Fhala
O De Falla podia ser a "banda doidona do Edu K", mas o D. Fhala foi a banda pop do guitarrista Castor Bruno. *Top Hits* honra o nome e é o disco no qual mais se sente a mão dele – tudo aqui soa fácil (no bom sentido). Nos vocais, Tonho Crocco liga o pop de Castor à bizarrice de Edu K, seja no power groove de "Tell Me" ou no funk melody de "Linha Do Horizonte", do Azymuth.

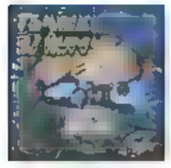
GESSINGER, LICKS & MALTZ (1953)
Engenheiros Do Hawaii
O último disco de carreira com a formação clássica da banda gaúcha é uma viagem conceitual sem concessões e sem paralelo na história recente do rock brasileiro. Inteligência com ou sem cinismo, ótimas canções e um sentimento inconformado contra os impostores do show business nacional e da nação.

WELCOME TO TERREIRO (1993)
Gangrena Gasosa
A conexão metal com umbanda e percussão brasileira que o Sepultura externou a sério em *Roots* já estava no CD de estréia desa banda suburbana do Rio. Mal tocado, sacaneado e chulo, o disco traz "Fist Fuck Agrédi", o hardcore com a letra mais adequada de todos os tempos ("Eu não deixo ninguém enfiar o braço no meu c* porque isso *agrédi* pra c***").

KARNAK (1995)
Karnak
A idéia de começar essa história bateu no multimídia André Abujamra depois de sua volta ao mundo, captando canções regionais e diálogos num gravadorzinho. Juntou nove músicos, um cachorro e vários convidados especiais finos (Rolandro Boldrin, Tom Zé, Marco Matolli, Marisa Orth), inventou um dialeto russo e temperou as catorze iguarias do disco com bastante bom humor.

ENTRE E OUÇA (1993)
Ed Motta
O maior talento surgido na música nacional nas duas últimas décadas fez este discaço antes de descobrir a rica herança brasileira. Com o baixo do velho parceiro Bombom, o vibrafone de Jota Moraes e Lulu Martin esmerilhando em pianos Wurlitzer e Fender Rhodes, não é preciso entender o edmottês de algumas letras para apreciar esse magistral trabalho.

Nacional 90



PRESTE ATENÇÃO (1996)
Thaide & DJ Hum

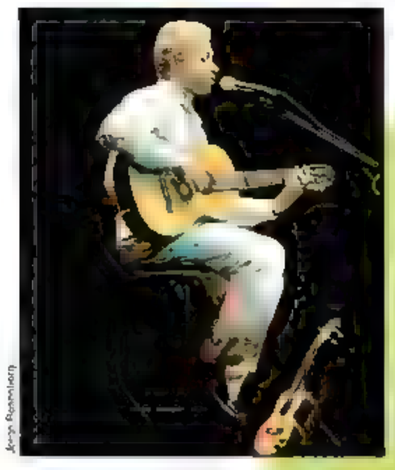
Com o verbo afiado depois das broncas para consolidar o rap no país, Thaide & DJ Hum trataram de esmerilhar o lado musical em *Preste Atenção*. Dessa união do discurso na lata com grooves bacanas e (principalmente) apelo pop saiu um disco recheado de hits – potenciais e/ou comprovados: "Sr. Tempo Bom", "Revolução", "Máquina De Vacilar"... Apesar de *Humildade e Coragem São Nossas Armas Pra Lutar* ser mais considerado entre os manos, este CD é que tirou a dupla do gueto.

EU E MEMÊ, MEMÊ E EU (1995)
Lulu Santos

Histórico, o primeiro disco pop nacional concebido e assinado por um DJ – no caso, Marcelo Mansur – trouxe Lulu de volta às paradas. Com samples tão bem sacados quanto manjados, Memê armou a cama sonora onde Lulu deitou, rolou e arrasou. As releituras de "O Descobridor Dos Sete Mares", "Sossego" (Tim Maia), "Fullgás" (Marina Lima), "Se Você Pensa" (de Roberto Carlos, com sample de "Long Train Running", dos Doobie Brothers) valem por recriações.

SOBRE TODAS AS FORÇAS (1994)
Cidade Negra

Shabba Ranks, Marisa Monte, Luminha, Marcos Suzano, Gabriel O Pensador, Samuel Rosa, Nando Reis, Serginho Trombone... Com todos esses reforços em ficha técnica ou no repertório, o Cidade Negra virou fábrica de hits. Incluindo até vestígios da primeira fase ("Pensamento", com Ras Bernardo entre os compositores), o disco mostra o poderio da vencedora formação com Toni Garrido e marca a virada pop soul da turma do Belford Roxo.

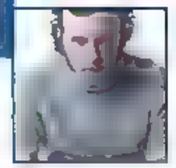


Jorge Bodanzky

BEBADOSAMBA (1996)
Paulinho Da Viola

Depois de sete anos sem gravar, Paulinho Da Viola, nosso maior sambista vivo, voltou com esta obra-prima que não fica devendo nada a seus melhores trabalhos da década de 70. Ao longo de catorze faixas, ele destilou poesia, inteligência e musicalidade sofisticadamente popular numa verdadeira aula de samba – samba mesmo, sem expressões complementares ou restritivas. A antológica "Timoneiro" (dos versos "não sou eu quem me navego/ quem me navega é o mar"), "Ame" e a faixa-título foram tão marcantes que até a MTV teve de abrir espaço para seus clipes.

Bebadosamba pode ser apontado como o melhor lançamento da música popular brasileira em uma década em que o samba dito "autêntico" mostrou que está muito longe da estagnação. Nos anos 90, Zeca Pagodinho registrou pelo menos três excelentes trabalhos baseados em composições inéditas – *Samba Pras Moças, Hoje É Dia De Festa, Deixa Clarear* – e houve também a histórica estréia fonográfica do mestre Walter Alfaiate, que lançou, aos 70 anos, o belo e emocionante *Olha Aí*. Antes tarde do que nunca.



SAMBA PRA BURRO (1998)
Otto

Ex-percussionista do mundo livre s/a, Otto veio com uma concepção toda particular dos conceitos (parabólica na lama, caranguejos com cérebro etc.) anotados pela turma do Recife. A saber: música brasileira sim, mas com cara e jeito de coisa contemporânea, sem apelar para covers, tributos ou acústicos. Para conseguir seu intento, ele não se esquivou de usar e abusar de recursos eletrônicos a fim de forrar sua sutil poesia – vide a bossa tecnova de "Rob" ou o drum'n'bass doentio de "Renault/Peugeot". No lado inverso, há a curiosa "O Cel(u)lar De Nanã", sem mais nem menos em tom de lamento e toadas. Nascia aí o mais cosmopolita dos discos de MPB que se tem notícia por estas plagas.

GOL DE QUEM? (1995)
Pato Fu

Depois de uma estréia fulminante com *Rotomusic De Liquidificapum*, o trio mineiro Pato Fu (ainda sem Xande na bateria) arranhou dois hits com *Gol De Quem?*: "Sure O Tempo" e a releitura de "Qualquer Sobagem" (Tom Zé e Os Mutantes). Johnny da tinha prazer em escrever letras herméticas e botava sua voz esganiçada à frente de metade delas, com Fernanda Takai apenas coadjuvando. "Vida Imbecil", "Mamãe Ama É O Meu Revólver" e a nervosa faixa-título estão entre as coisas mais inspiradas que o Pato Fu já fez. Trechos em inglês, francês e italiano forneceram o subsídio para que hoje a banda arrisque uma música inteira no idioma nipônico.

NA CALADA DA NOITE (1990)
Barão Vermelho

Considerado por muitos fãs como o melhor trabalho do Barão Vermelho, *Na Calada Da Noite* acabou trazendo uma homenagem póstuma involuntária a Cazuza, cuja morte, em 7 de julho daquele ano, coincidiu com o seu lançamento: a balada "O Poeta Está Vivo", composta por Roberto Frejat e Dulce Quental. Com produção caprichada de Liminha e ótimas intervenções da guitarra de Frejat (e do baixo de Dadi, que se despedia da banda após ter substituído o titular Dé por um breve período), o álbum traz um excelente trabalho de violões e uma inspirada faixa-título, parceria do guitarrista com o cantor e compositor Luiz Melodia.

RAPPA-MUNDI (1996)
O Rappa

O Brasil precisava de uma banda que procurasse novos caminhos dentro do pouco criativo panorama reggae do país. E o Rappa, depois de um ótimo CD de estréia, necessitava de hits para prosseguir trabalhando em paz. As duas coisas foram obtidas com Rappa-Mundi. A banda trouxe soluções originais, como as fusões com samba ("Eu Quero Ver Gol"), hardcore ("Tumulto") e música eletrônica ("O Homem Bomba"). E as versões ("Hey Joe", "Vapor Barato") garantiram um reconhecimento radiofônico que há muito o Rappa já merecia e abriram os ouvidos do público para as composições próprias do grupo.

MAMONAS ASSASSINAS (1995)
Mamonas Assassinas

Palhaços, irreverentes, sagazes, ótimos músicos. Como toda boa piada, a existência dos Mamonas Assassinas foi curta e agradável. Este disco garantiu um ano de delírio para Dinho, Sérgio, Samuel, Júlio e Bento e vendeu mais de 2 milhões de cópias. Muito além de "Pelados Em Santos", "Robocop Gay", "Sabão Crá-Crá", "Chopis Centis" e "Mundo Animal" ("comer tatu é bom/ que pena que dá dor nas costas/ porque o bicho é baixinho") são dássicos que não merecem ser esquecidos.

O DESCOBRIMENTO DO BRASIL (1993)
Legião Urbana

Despedida antes do despedida oficial de *A Tempestade Ou O Livro Dos Dias*, este foi o último disco da banda que pôde contar com todas as forças de Renato Russo. Pessimamente punk na exata "Perfeição" e trabalho bem como tem as recorrentes baladas, amor e traição. Entre belas canções como "Vinte E Nove", a frase: "É tão estranho/ Os bons morrem jovens".

Outras pérolas...

TUDO AO MESMO TEMPO AGORA (1991)
Titãs

Extremo, sujo, escatológico, a trilha perfeita para a era Collor que abortou o começo da década. Saiu antes de o grunge ganhar o mundo e foi incompreendido, mas tem tudo para agradar aos fãs de Mudhoney. Inclui as excelentes "Eu Vezes Eu" e "Clitóris", além de uns de ódio muito justos, como "Cabeça" e "Se Você Está Aqui".

SEVERINO (1993)
Paralamas

Além de um dos melhores hits de toda a carreira do trio, "Dos Margaritas", este álbum promove um encontro histórico entre Tom Zé e o poeta dub Linton Kwesi Johnson na ótima "Navegar Impreciso". Lançado num tempo inóspito para o pop nacional, *Severino* pagou o preço de sua aridez e contenção (bem ao feitio do inspirador João Cabral de Melo Neto).

NOSTALGIA DA MODERNIDADE (1996)
Lobão

"O *Nostalgia* é um disco heterogêneo, um compêndio de uma síndrome de fim de século...". A sentença de Lobão na SHOWBIZZ de agosto tentava dimensionar um disco que nem o próprio autor acredita que compôs. Bons sambas, baladas pungentes, rock'n'roll quando precisava, usando loops antes de todo mundo.

BALADAS SANGRENTAS (1997)
Wander Wildner

O ex-replicante teve de virar punk-brega para poder escrever sobre "amor legal". Cumprindo o que o título promete, ele compôs um álbum quase conceitual, que começa com "Ustê" e termina com o herói solitário "Caminhando" sobre rockões, guarânias e marchas-rancho. O macho nunca mais teria vergonha de dizer "eu te amo".

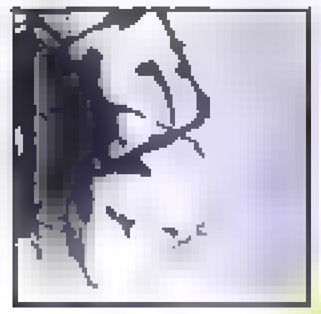
NINGUÉM (1995)
Arnaldo Antunes

O segundo álbum solo do ex-titã dosa inteligentemente ousadia e energia: do soneto de Augusto dos Anjos, "Budismo Moderno", vertido em bossa, à clássica "Judiaria", de Lupicínio Rodrigues, subvertida em lo-fi raivoso, passando pela vigorosa faixa que batiza o disco. O melhor dentre os bons e geralmente subapreciados trabalhos de Arnaldo.

Eletrônicos 90

DIG YOUR OWN HOLE (1997)
Chemical Brothers

Se em sua estréia em disco, em 1995, Tom Rowlands e Ed Simmons logo foram nomeados como "os eletrônicos que todo roqueiro deveria ouvir", no álbum seguinte a dupla atacou por um caminho completamente diverso. Não, eles não se tornaram "roqueiros que todo eletrônico deveria escutar", apenas rechearam seus beats com características de música pop, como refrões e (alguns) vocais. Com essa tática, ficou claro que sons de terceiros, colados e alterados, também poderiam virar composições próprias com a cara do Chemical Brothers. Em seu recente – e matador – álbum *Surrender*, a dupla voltou a investir pesado na eletrônica, sem concessões ou hibridismos. Mas o estrago causado por *Dig Your Own Hole* já estava feito.



SECOND TOUGHEST... (1996)
Underworld

"Pearls Girl", "Juanita", "Banstyle". Ficou muito mais fácil escutar techno em casa com os climas propiciados por esse Underworld. Aí, para completar a farra, a BMG lançou o disco no Brasil com um CD bônus que trazia "Born Slippy" (hit planetário do filme *Trainspotting*) e a ascendente "Rez". Cavarlia para compensar o atraso.

BLUE LINES (1991)
Massive Attack

Reggae, soul e hip-hop revestem este disco de um jeito que mantém seu frescor intacto até hoje. Ouça o rasta Horace Andy em "Hymn Of The Big Wheel," e a versão dos massivos Mushroom, Daddy D e 3 D para o clássico "Be Thankful For What You Got" do soulman William DeVaughn. Não é preciso mais para convencer o ouvinte.

ORBITAL 2 (1992)
Orbital

Não é necessário nenhum aditivo químico para perceber porque a som dos irmãos Hartnoll é freqüentemente descrito como "tecno inteligente". Camadas sobre camadas, batidas sobre batidas, o Orbital preparou um coquetel de ambient, trance e dance que transporta mente e corpo, como em "Lush" ou "Halcyon".

NEW FORMS (1997)
Roni Size/Reprazent

A gravidade das freqüências de baixo de "Brown Paper Bag" ou "Beatbox" faz o ouvinte vibrar junto com os alto-falantes. Beleza: nunca o jungle/drum'n'bass soou tão pop como nas novas formas propostas por Roni Size. O homem teve a manha de reinventar o estilo, tornando-o acessível e desafiador ao mesmo tempo.

LEFTISM (1995)
Leftfield

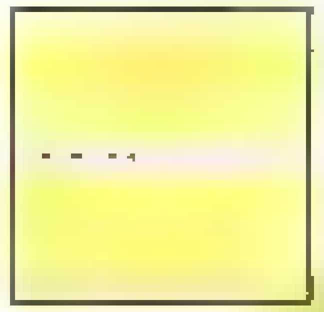
Seria impossível não qualificar de "indispensável" qualquer disco que trouxesse John Lydon, o anti-Cristo, o ex-Joãozinho Podre do punk, rosnando "burn, Hollywood, burn" sobre uma devastadora linha de baixo. Pois bem: isso acontece na música "Open Up" e é apenas um dos quitutes fermentados por Neil Barnes And Paul Daley em *Leftism*. Basta.

YOU'VE COME A LONG WAY, BABY (1998)
Fatboy Slim

Algo está muito estranho quando um artista como Fatboy Slim entra na trilha de novela. Ou não? Como disse uma [illegible] gringa, [illegible] é igual a ver TV – você vai zapeando até encontrar algo interessante. A diferença é que [illegible] você não vai querer trocar de canal. Electro, acid e pop para as massas.

EMPEROR TOMATO KETCHUP (1996)
Stereolab

Poucas bandas transitam tão à vontade entre vários gêneros quanto o Stereolab. O grupo recorre a tudo que possa incrementar seu som, desde melodias europop sessentistas a teclados moog, filtradas por batidas modernas e vocais em inglês e em francês. Toda essa suave esquizofrenia atinge o auge neste disco.



TB RESUSCITATION (1993)
Hardfloor

Primeiro disco dos alemães Ramon Zenker e Oliver Bondzio, que sob a alcunha Hardfloor mostram como quantas TBs 303 – "a" máquina que move o tecno – se faz uma pista derreter. Os álbuns seguintes até que saíram um pouco dessa trilha, mas neste álbum só dá acid, com destaque para o hit "Acperience 1".

HOMEWORK (1996)
Daft Punk

Rádio, globo terrestre, pôster do Kiss, adesivos do Led e do Who, vitrola, cartão do Beach Boys, coletânea de sucessos, disco do Chic, fitas cassete, revista *Playboy*. O encarte de *Homework* dá bem uma idéia do que é a lição de casa do Daft Punk, um bolo de referências que definitivamente acordou o resto do mundo para a música que se estava fazendo na França.

Hip-Hop/R&B 90

THE CHRONIC (1992)
Dr. Dre (1992)

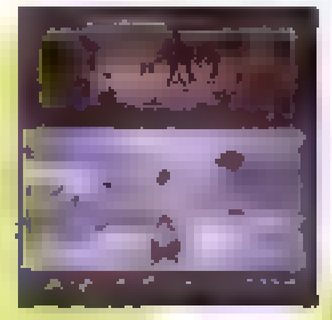
Dr. Dre sacou que nem só com barulhos de tiros e desaforos contra a mulherada que se constrói um disco de gangsta. Munido de bases infalíveis (Parliament, Funkadelic, Donny Hathaway), ele chamou o rapper Snoop Doggy Dogg (então um desconhecido) e, juntos, confeccionaram uma série de canções memoráveis, como "Let Me Ride", "Nuthin But A 'G' Thang" e "Lil' Ghetto Boy, só para citar algumas. Tanto é que, na época, para defini-lo, inventou-se um novo rótulo: g-funk, o gangsta que bebia das matrizes do balanço black de todas as eras. Como um jesuíta das ruas, Dre catequizou toda uma geração de analfabetos musicais, que por causa de *Chronic* saiu atrás dos criadores. Acabou criando também as condições para imitadores sem talento, mas isso é outra história.

DON'T LOOK BACK (1993)
Al Green

A volta do reverendo à música laica após quinze anos de gospel foi praticamente a salvação da soul music numa década em que faltou alma no rhythm and blues. Ajudado pela dupla inglesa Andy Cox e David Steele, do Fine Young Cannibals, e com [illegible] dos companheiros dos Memphis [illegible], Al mostrou um caminho de modernização – infelizmente pouco seguido.

FEAR OF A BLACK PLANET (1990)
Public Enemy

O terceiro disco da gangue nova-iorquina quebrou tudo ao [illegible] em alvos palpáveis, como a polícia ("911 Is A Joke") e o racismo ("Burn Hollywood Burn"). E ainda sobrou espaço para o otimismo de "Brothers Gonna Work It Out" e para o hino "Fight The Power". O PE fez a coisa certa.



OF THE HEART, OF THE SOUL AND OF THE CROSS (1991)
PM Dawn

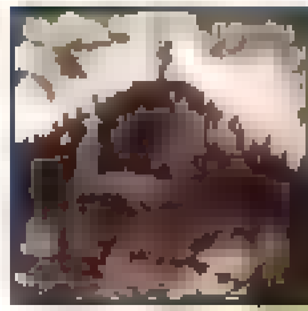
A dupla de gorduchos americanos estreou com este álbum psicodélico usando o que [illegible] do hip-hop (sampleagens diretas, raps, beats) para chegar ao resultado mais pop possível. Além do hit "Set Adrift On A Memory Bliss", inclui várias viagens de bom gosto [illegible].

CHOCOLATE SUPA HIGHWAY (1997)
Spearhead

Sai o clima urbanóide das metrópoles (no mais esquizofrênico dos sentidos) e entra uma levada *mellow*, com raízes africanas e jamaicanas. Deste jeito, como o Arrested Development, a [illegible] [illegible] antes, o Spearhead teceu suaves ladainhas cercadas de reggae, R&B e soul por todos os lados.

HOUSE OF MUSIC (1996)
Tony! Toni! Toné!

Dois irmãos e um primo criados no swing beat, a melhor invenção da música negra americana dos anos 80, cresceram e apareceram, neste quarto álbum, com uma das mais bem-sucedidas experiências de soul contemporâneo. Músicas como "I've Been Thinking Of You" não devem nada a trabalhos de mestres de outras eras. Um disco sem data de validade.



BLACK SUNDAY (1993)
Cypress Hill

Apesar do primeiro disco [illegible] [illegible] foi [illegible] *Sunday* que o Cypress Hill [illegible] todas as bocadas do planeta. Rap'n'roll cabuloso sobre armas, polícia e maconha, muita maconha, deixando a indústria fonográfica bem ligada a respeito dos efeitos benéficos da erva sobre as vendagens.

CRAZYSEXYCOOL (1994)
TLC

Três *bad girls* de Atlanta conquistaram os EUA e abalaram o R&B com este segundo disco suave, gostoso e excitante. Malícia nas letras e na interpretação, sexo puro nos grooves macios que souberam aproveitar a tradição da Filadélfia e o legado do gênio que um dia se chamou Prince.

URBAN HANG SUITE (1996)
Maxwell

Um disco conceitual sobre uma noitada sensual, na voz de uma grande revelação da nova geração R&B. Grooves carinhosos, grooves venenosos e envolvimento pélvico garantido para os ouvintes. "Sumthin' Sumthin" talvez tenha os dois minutos mais perfeitos da década.

36 CHAMBERS (1993)
Wu-Tang Clan

Será que o grupo [illegible] imaginava que iria construir um "império"? [illegible] atmosfera tensa, [illegible] e suas paisagens [illegible] [illegible] [illegible] álbum para [illegible] marca Wu-Tang Clan [illegible] [illegible] a turma do rap. Salve a América ►

Reggae 90

DUBS (1999)
Cidade Negra

O reggae nos anos 90 deixou de ser apenas jamaicano para ser de todo mundo. O Cidade, primeira banda brasileira do gênero a assinar com uma grande gravadora, misturou neste disco o suingue da Baixada Fluminense com o talento de mestres como Lee Perry, Mad Professor, Augustus Pablo, Sly & Robbie, Aswad e Steel Pulse – o creme do creme. É o produto mais que perfeito desses quase trinta anos de reggae no Brasil.

PAMPAS REGGAE (1994)
Los Pericos

Essa banda argentina não recebeu ainda a devida atenção aqui no Brasil. Que bobagem. Este disco é a grande síntese de seu trabalho: tem o espírito reggae-hippie – sem religiosices ou cabelos trançados em salão de beleza –, músicas inteligentes, dançantes e, acima de tudo, extremamente positivas.

DREAMS OF BOB MARLEY (1997)
Bob Marley & Bill Laswell

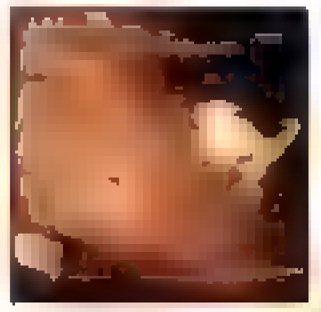
A música de sua santidade na genial releitura dub de Laswell. Climas ambientes, labirintos, criaturas, conexões siderais e outras oportunidades de viagem que não se acham a toda hora. Ou seja, nosso Mister M rasta continua na moda e, claro, mandando bem.

THE GAME IS NOT OVER (1992)
O'Yaba

Uma banda da nova geração sul-africana fazendo músicas emocionantes, num disco bom de ponta a ponta. Os arranjos são simples, há teclados demais, ritmos estranhos e refrões piegas. Mas é tudo bem original, sem aquela intenção boba de querer soar jamaicano.

REDLIGHT (1997)
The Slackers

Essa banda nova-iorquina acertou a mão: arran os saudosistas e tecnologia do futuro para fazer um disco de reggae e ska como há muito não se via (os temas instrumentais são de fazer chorar). O disco aponta caminhos inovadores para a sobrevivência do gênero, que não pode sobreviver só de covers.



FREE TO MOVE (1996)
Israel Vibration

Um trio vocal das antigas, que acabou redescoberto e voando alto nos anos 90 (se bem que agora, com a saída de Apple Gabriel, virou dupla). Harmonia nota 10, temas de auto-ajuda espiritual e tudo que um verdadeiro rasta reggae precisa ter – mas sem ser chato. Bula: ouça o começo de cada música três vezes.

TEASE ME (1993)
Chaka Demus & Pliers

Excepcional, com sínteses perfeitas do melhor dancehall: letras bem sacadas e muito romantismo. Fez sucesso tanto em Nova York quanto em São Paulo e até em São Luís do Maranhão (onde, até então, a onda era só roots). Não por acaso, a produção é de Sly & Robbie, que sabem fazer.

SONGS OF PRAISE (1991)
African Head Charge

No balaio desse grupo de Gana (África Ocidental) há sons tribais, guitarras distorcidas, samples, overdubs e mixagens criativas, como um resumo de loucuras das duas décadas anteriores. Pesa muito aí a assinatura do produtor inglês Adrian Sherwood (mago da gravadora On-U), um dos mais festejados discípulos do feiticeiro dub Lee Perry. Para ouvir e sonhar de cabeça feita.

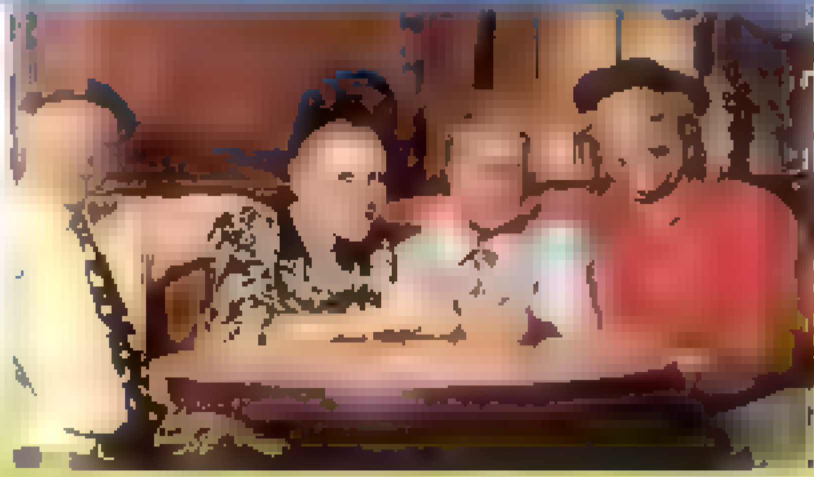
IT'S GROWING (1994)
Garnett Silk

Jovem e talentoso, Silk compunha e cantava bem, fazia um dancehall ético quando a maioria de seus concorrentes confundia armas com mulheres e vice-versa. Chegou a ser anunciado como "o novo Bob Marley", mas morreu misteriosamente num incêndio antes de subir ao trono. É um disco ótimo para quem quiser entrar no dancehall pela porta da frente.

SPIRIT OF MUSIC (1999)
Ziggy Marley & The Melody Makers

Impossível não considerar o sobrenome. Mas o que conta mesmo é a volta por cima (ou por baixo, ou por todos os lados?) que Ziggy e seus irmãos sangue-bom conseguiram neste mais novo disco, reinventando e transcendendo o reggae com muitos arranjos de cordas, vozes emitidas do fundo do coração e uma bem-vinda atmosfera de rhythm'n'blues.

World Music 90



BUENA VISTA SOCIAL CLUB (1997)
Vários

Uma nova revolução cubana. E patrocinada pelo ouro texano do guitarrista Ry Cooder, que tirou do ostracismo velhos bambas como Compay Segundo, Rubén Gonzalez, Ibrahim Ferrer, Eliades Ochoa e Omara Portuondo. *Son*, *guajira*, bolero e *danzon* para você ouvir, se emocionar, dançar e nunca mais associar o santo nome da *latinidad* a porcarias como Ricky Martin e Jennifer Lopez.

O PARAISO (1997)
Madredeus

Para ouvidos atentos e corações abertos, este sexto álbum do grupo português é isso mesmo que está no título. Com uma das maiores vozes do planeta – a de Teresa Salgueiro – ecoando sobre inspirados violões clássicos e sons de sintetizadores, este quinteto conquistou a Europa. Música encantada no mais poético dos idiomas.

CESARIA (1996)
Cesaria Evora

Uma grande cantora do pequeno arquipélago de Cabo Verde, discípula da nossa Angela Maria, a emocionar o planeta. Somada a influências brasileiras, a melancolia lusa desembocou na morna, gênero em que brotam compositores geniais como B. Leza e Manuel De Novas.

KHALED (1992)
Khaled

O rei do rai (ainda não foi desbancado pelo também ótimo Cheb Mami, o príncipe), em seu disco mais bem sucedido comercialmente. Foi gravado nos EUA, sob a supervisão de Don Was, e tem descarados funky, mas não perdeu o sabor forte do Magreb (África muçulmana). A [illegible] to universal para pistas de dança, world music para todo mundo apreciar.

MUSTT MUSTT (1991)
Nusrat Fateh Ali Khan

O cantor paquistanês faleceu em 1997, deixando tristes fãs como Eddie Vedder. Gravou pelo selo de Peter Gabriel obras mais fiéis às suas tradições religiosas, mas seu melhor disco é este, feito com Michael Brook. Inclui um remix by Massive Attack.

Blues 90

CHILL OUT (1995)
John Lee Hooker

A série de cinco CDs que ele gravou com uma legião de convidados é ao mesmo tempo uma enciclopédia do blues e do rock. Esteve com Eric Clapton, Santana, Van Morrison, Canned Heat, Robert Cray, Albert Collins, Charlie Musselwhite, Roy Rogers e Ry Cooder. *Chill Out* é um dos melhores (ao lado de *The Healer*, de 1989) e mostra por que Hooker continua sendo um dos maiores nomes do blues.

DEEP IN THE BLUES (1997)
James Cotton

Um dos maiores nomes da gaita de Chicago, Cotton voltou às raízes acústicas do Delta neste disco. A sofisticação e o clima [illegible] da banda – composta só por [illegible] baixista Charlie Haden, que [illegible] com Ornette Coleman [illegible] Cotton.

A ASS POCKET OF WHISKEY (1996)
R. L. Burnside

Esse septuagenário [illegible] Mississippi conseguiu inovar o gênero [illegible] Jon Spencer [illegible] a sua Blues Explosion [illegible]. Dois estilos totalmente crus colidem em um disco realmente explosivo.

[illegible] HEIGHTS (1995)
Kenny Wayne Sheperd

A década gerou garotos prodígios como Jonny Lang, Derek Trucks, "Monster" Mike Welch [illegible] Copeland. A estréia de Shepherd foi gravada quando ele tinha 18 anos e já tocava uma barbaridade, ecoando Stevie Ray Vaughan, Albert King, Lonnie Mack e outros.

THE SOURCE (1992)
Ali Farka Touré

O blues faz o caminho inverso e vai parar na África ou, [illegible] final de contas, [illegible] as origens. Ritmos e instrumentos característicos do Mali misturam-se ao boogie e etc. co americano com influência de John Lee Hooker. Para blueseiros de ouvidos abertos e sem preconceitos.

*A reprodução não autorizada de obras protegidas por direitos autorais é ilegal e estará sujeita às penalidades previstas na Lei de Direitos Autorais. Este aparelho não deverá ser utilizado com tal finalidade

CD Player portátil
com Electronic Shock Absorption

Não é porque é street dance
que tem que ser na rua.
Pode ser lá em casa mesmo.

Radio-gravador
portátil com CD

Gravador de CD com Duplo CD Deck,
que facilita a gravação

System para 3 CDs
Incredible Surround

Philips CD Collection

Com os gravadores de CD* (CDR) Philips, além de ser o seu
próprio DJ e fazer seu próprio CD com a seleção de músicas que
você sempre sonhou, você ainda pode ouvi-las no próprio CDR
nos rádio-gravadores com CD Player ou no CD Player portátil com

Electronic Shock Absorption, que garante um som contínuo mesmo
em movimento. Agora, se você quer mesmo arrasar como DJ,
experimente tocar seus CDs para vocês em um FW870, um Mi
System com som de gente grande. Tem 2800 W de potência
Incredible Surround, que amplia o efeito estéreo criando um incrível
som envolvente, e DBB (Dynamic Bass Boost) para dar mais força
aos graves. E também um seca-discos laser para 3 CDs, duplo deck
paralelo e caixas acústicas com novo design que são um show
parte. Ninguém vai conseguir ficar parado com tanta coisa e tanta
tecnologia. Compre o Mini System Philips e descubra por que ele é
o melhor som para qualquer tipo de festa.

www.philips.com.br

PHILIPS

Let's make things better

A banda que caiu na terra

por José Flávio Júnior.
Fotos Juliano Zappia

Man Or Astro-man?, a banda de surf music mais amada no Brasil, deixa de lado a mitologia espacial e enfrenta a realidade do interior de São Paulo

Trace Reading, Birdstuff, Blazar e Coco: prontos para carpir

Eles gostam de se apresentar como Coco, The Electronic Monkey Wizard ("o mago macaco eletrônico"), Birdstuff ("coisa de passarinho"), Trace Reading ("leitura de traços") e Blazar, The Probe Handler ("o responsável pela sonda"). Dizem que vieram de um distante lugar na galáxia chamado Grid Sector e que desenvolvem novas tecnologias para dominar o mundo, capazes de aniquilar a raça humana com estruturas sônicas... Tá legal!

Por baixo dos macacões de astronauta, o Man Or Astro-man? é apenas a banda de Rob, Brian, Eric e Richie: quatro americanos, com idade entre 26 e 31 anos, que não sabem bem por que fazem sucesso no Brasil.

Entre setembro e outubro, o grupo esteve no país para a segunda turnê (ou, como eles preferem, a segunda fase de "Projeto Brasil"), após uma bem-sucedida passagem em 1996. Desta vez, a invasão foi mais abrangente, com shows em cidades que dificilmente vêem atrações internacionais.

A aventura começou em Americana. Assim que aportou em *terras brasilis*, o Man Or Astro-man? seguiu para a cidade do interior de São Paulo num ônibus com leitos, o que deixou os rapazes bastante animados. ▶

Trace Reading ameaça esmagar Blazar, Birdstuff e Coco com um "antena *diving*"

Como dava para desconfiar, durante o trajeto, na hora de almoçar e no trato com os primeiros terráqueos jornalistas que se aproximaram, a banda não foi nada "astro-man'. Conversaram sem usar nenhuma palavra intergaláctica, não se movimentaram de maneira estranha ou receberam mensagens telepáticas do computador Eeviac. Na hora de tirar fotos e fazer o trabalho promocional, viraram "astro-man

O BURACO NEGRO É MAIS EMBAIXO

A saga do Man Or Astro-man? começou em 1992, numa universidade do interior dos Estados Unidos. Um estudante de engenharia e outro de engenharia de comunicações decidiram formar uma banda, inspirados nas guitarras alucinantes de Ventures, Link Wray e Dick Dale, referências obrigatórias para quem curte surf music. Como parte da viagem, esses dois rapazes criaram codinomes. Coco e Birdstuff batizaram o grupo com uma frase de um filme B japonês, e inventaram a história: quatro seres estelares vagavam pelo espaço quando a nave entrou em pane, colidindo com a Terra e se espatifando em mil pedacinhos.

"Como seria difícil encontrar todas as partes para reconstruir a nave, decidimos que o melhor a fazer era ficar e dominar o planeta", explica Blazar, que, assim como Trace Reading, não faz parte da formação original (mas já pirou como os outros). "Ficou decidido que o melhor plano de ataque para conquistar este mundo era se passar por bandinha de rock. Você vinja para todos os cantos e ninguém desconfia que um grupo de rock independente faz projetos maiores, de pesquisa científica e completa".

Voltando à realidade, Coco conta que, no início, foi muito difícil as pessoas entenderem a proposta de sua banda. "Encaravam como se fôssemos apenas uma piada." Para o líder e fundador de toda essa doideira, o buraco negro é mais embaixo. "Gostamos de ter um visual diferente, mas sempre fizemos música. Talvez se não nos vestíssemos desse jeito, as pessoas prestariam mais atenção na música, mas é preciso entender que o Man Or Astro-man? é um conjunto de coisas!

Quem vê hoje o MOAM se apresentando em doze cidades brasileiras, tocando por quatro noites consecutivas, pode ter uma idéia errada do que foram os primórdios. Coco e Birdstuff não podiam excursionar, pois ficavam presos à faculdade (Coco chegou a se formar engenheiro). Por outro lado, possuíam vários amigos com estúdio de gravação em casa, o que lhes permitia gravar álbuns freneticamente. É por isso que o grupo tem um número enorme de registros, até os integrantes se confundem na hora de contabilizar. O último rebento, *Eeviac: Operational Index And Reference Guide, Including Other Modern Computational Devices*, deste ano, foi gravado em Belo Horizonte, aproveitando a folga que tiveram após a primeira turnê brasileira e a brodagem com o pessoal da Motor Music, gravadora mineira que fez o selo Brasil–Man Or Astro-Man?.

NERDS COM A MÃO NA ENXADA

Em Americana, SHOWBIZZ resolveu colocar os supostos alienígenas em contato mais profundo com a terra. Com letra e música, mesmo terra batida.

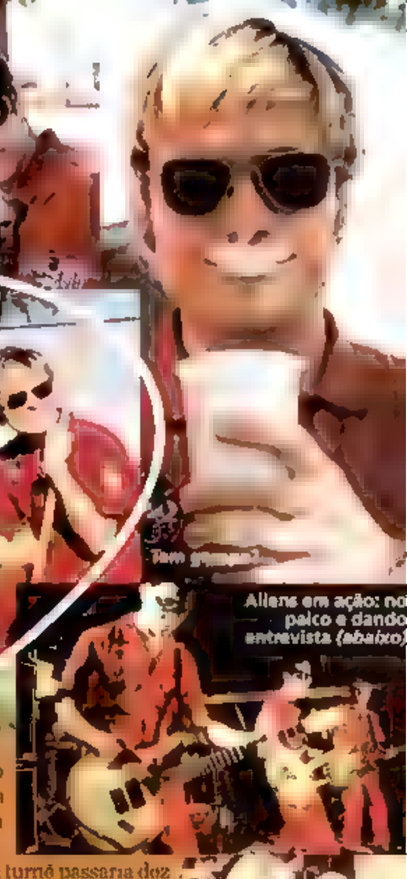
Chegando à roça, Coco já foi logo se engraçando com uma máquina de arar. Enquanto isso, o repórter foi pedir autorização ao proprietário do pequeno sítio para fazer as fotos. "Por que tirar fotos? Coloca eles para trabalhar!" [illegible] bem – o agricultor.

Com enxadas e pás nas mãos, o Man Or Astro-man? se pôs a carpir os caminhos de alface. "Nunca fizemos fotos numa ocasião tão legal como essa", vibrou Trace Reading. "Definitivamente, eu quero ver esse ensaio pronto. Dá pra colocar no próximo encarte!", atropelou Birdstuff. "É assim que a banda tem que ser lembrada daqui há vinte anos."

O grupo também se deliciou com a tradicional garapa interiorana. Primeiro, se mostraram intrigados com a engenhoca que moía a cana-de-açúcar. Depois, opinavam sobre qual variação era mais gostosa, a purinha ou a com limão. "Tem uma textura leitosa, diferente do que eu imaginava", intrigava-se Birdstuff, enquanto os copos com o açúcar líquido passavam de mão em mão.

No trajeto para o local do show, a casa Diversões Sônicas, a nerdice dos músicos tornava-se latente. "Acho que dá pra dizer que somos bem nerds", confirmou Blazar, fuçando em seu laptop, enquanto o resto da tripulação combinava uma saída para comprar CDs da banda Ween.

O guitarrista, que após a turnê passaria dez dias de muito acarajé, ritmos africanos e mariscos frescos na capital do Bahia, fez uma paradinha para ligar para a namorada, sua parceira na trip por Salvador. "Tem muito o que ver e fazer neste planeta!", finalizou Blazar, que queria que a moça trouxesse um aparelho que baixa e-mails quando conectado ao bocal de qualquer telefone.



Coco ficou impressionado com a balança do restaurante por quilo

Loucos pela mandioca

Tirando o engenheiro de som Kurt (The Brainoc Device), que come de tudo, os ETs do MOAM contornam suas dietas cheias de restrições alimentares, com vícios brasileiros – adquiridos na primeira turnê. Birdstuff é o mais xiita: não come carne nem derivados do leite. Blazar e Trace Reading evitam qualquer tipo de carne e Coco chega a traçar um peixinho ou franguinho eventualmente. Todos são malucos por guaraná – o refrigerante foi a primeira coisa que pediram no restaurante. Na hora da pizza, a exigência foi o catupiry. Com exceção de Birdstuff, a banda passava o dedo no requeijão e se lambuzava. Com polenta frita, o deleite era ainda maior. A cada mordida, um "hmmm". Infelizmente, nenhum boteco de Americana pôde lhes oferecer mandioca, outra iguaria nacional que fascinou os gastronomos alienígenas.

Novos ventos

Quase mil shows de música alternativa!!! Em setembro, o CMJ Music Marathon, MusicFest & FilmFest 99 varreu Nova York

por Adriana Penna, de Nova York
Ilustração: Milton Trajano

College Music Journal (algo como *Diário de Música Universitária*) começou no porão da casa de Robert Haber recém-formado da Universidade de Brandeis Califórnia Robert tinha sido diretor musical da rádio da universidade e percebeu que a indústria musical estava ignorando a importância e o impacto das rádios universitárias e não-comerciais nas vendas e tendências da música americana. Em 1978, esse jornal mimeografado foi lançado com o Top 20 das *college radios* da região e críticas de artistas ditos "alternativos". Para ter uma idéia de como era o mercado na época, foi no CMJ que o U2 teve seu nome citado pela primeira vez nos EUA. No ano seguinte, Rob organizou um festival com as bandas da região: nascia o CMJ Festival.

Vinte anos se passaram. A música "alternativa" – entre aspas, por favor – hoje representa 1[illegible]% das vendas de CDs nos EUA e o CMJ transformou-se num grupo empresarial: além de revistas e jornais, organiza o festival de música – que agora também é de cinema. A 19ª edição dessa verdadeira maratona aconteceu de 15 a 18 de setembro no tradicional Hotel Hilton, em cinquenta clubes, bares e em quatro cinemas da cidade. Oito mil participantes, 78 performances, 37 filmes e quase mil shows!!!

Anote estes nomes

- Femi Kuti
- Ice T's Rhyme Pest – Os irmãos Lunasek estão
- Innerzone Orchestra
- Herbalizer
- Breakbeat Era – A banda do DJ inglês de sensação em NY. Real, DJ Dee e a secretária
- Jurassic 5 – A versão californiana e anos
- Ming & PS – A revista Urb e o selos Liquid

Filmes para ouvir

- Westway to the World
- Clash
- Better Living Through Circuitry
- Sinergy: Visions of Vibe

O futuro...

Algumas das palestras valiam por shows: muitas eram recheadas de artistas e produtores de renome, como Ice T, Ric Ocasek, ex-Cars, e Don Fleming, ex-Gumball, DJ Sasha, Marshall [illegible]

Mas a grande vedete de tudo que foi discutido e debatido no CMJ foi a nossa, a vossa, a sua Internet. As palavras de ordem eram: *download* (baixar a música para o seu computador), *customized CD* (você monta com as faixas que quiser e dois dias depois ele está na sua casa), *e-mail fan list* (list, de e-mails da turma que curte sua banda), [illegible] Aí do MP3, SDMI (código de segurança digital criado pelas grandes gravadoras para proteger seus interesses).

Hoje, antes de procurar uma gravadora grande, toda banda nova já tem seu site, lista de e-mail e adesivos com o endereço do site colados por vários pontos da cidade. Há casos em que as gravadoras contratam artistas após ouvir as músicas na rede. A luta para quem está nessa batalha é: parar de ligar para diretores artísticos dos grandes selos e vá em frente, tocando e conquistando fãs.

Endereços para entrar no mundo digital da música

www.atomicpop.com – gravadora que só vende na Internet. Public Enemy e Ice-T fazem parte do elenco
www.EZCD.com
www.cdbaby.com
www.cductive.com
www.emusic.com
www.amplified.com
www.iuma.com
www.collegeradios.com
www.den.net
www.mp3.com
www.mcy.com

Doze anos depois de fazer shows que marcaram a história do rock no Brasil, o Echo & The Bunnymen voltou e tentou mostrar a velha magia

Missão impossível

Por Jaime Biaggio

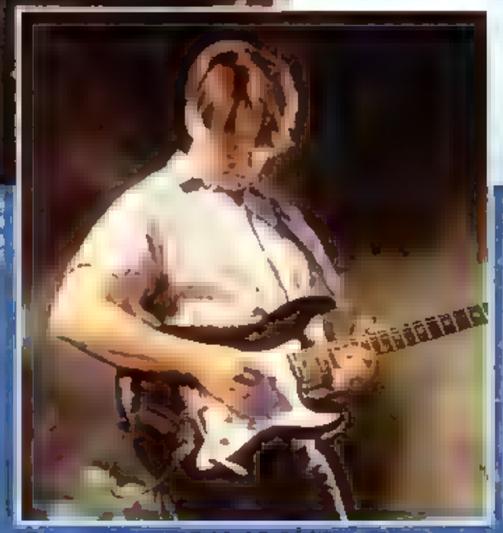
Ian McCulloch em 1999, no Via Funchal, e em 1987, no Anhembi

Já se passou tempo suficiente para as traças darem conta de todos os sobretudos pretos que passaram pela porta do Canecão (Rio) naquelas noites de maio. Mas não há mofo nem olho que apague as imagens. Quem esteve por lá não esquece. Echo & The Bunnymen, 19 e 20 de maio, 1987: os mais brilhantes shows de rock que este maltratado país já viu.

Eles também passaram por São Paulo e Porto Alegre, mas, segundo disseram à *BIZZ* na época, os shows do Rio foram especiais. De qualquer forma, toda a turnê entrou para a história. Clássicos de álbuns fundamentais dos anos 80 como *Crocodiles* (1980), *Heaven Up Here* (1981), *Porcupine* (1983) e *Ocean Rain* (1984) ganhavam aparatos musicais inéditos, mesclados a registros em *Echo & The Bunnymen* (1987). Todo o mundo ficou muito impressionado com o prazer de ver a banda de novo. Como dizia Freddie Mercury, [illegible] uma certa magia.

De lá para cá, muita água rolou. Ian McCulloch, vocalista, letrista, fumante e bebedor, pulou fora no ano seguinte para tentar carreira solo. Os Bunnymen decidiram continuar sem ele. Separados, nem Ian nem o grupo levantaram vôo. O grande baterista Pete De Freitas morreu em 1989, em um acidente de moto, pouco antes das gravações do único disco sem Ian, *Reverberation* (que, como os álbuns do cantor, *Candleland* e *Mysterio* foi justamente esquecido). Em 1994, Ian e o guitarrista Will Sergeant voltaram a tocar juntos no grupo Electrafixion. Começava-se a ensaiar a volta, que, com o retorno do baixista Les Pattinson, se concretizaria em 1997, com o bom álbum, *Evergreen*.

Enquanto isso, por aqui, só aumentaram a lenda e a certeza de que ninguém jamais teria um show como o dos Bunnymen – nem eles mesmos, se voltassem [illegible] responsabilidade nos velhos parceiros Ian e Will, que, pilotando a nova encarnação da banda (Les pulou [illegible] das gravações de *What Are You Going to Do With Your Life?*, lançado em maio), baixaram aqui em setembro, para datas no Rio, São Paulo, Porto Alegre e Curitiba. ▶



Ian McCulloch e Will Sergeant em 1998 (acima) e em 1987

"Sabemos quão especiais aqueles shows foram para o público", garantiu Ian no camarim do Metropolitan recém saído do palco, onde acabara de provar que ainda é um cantor seguro e versátil, um *frontman* carismático e uma chaminé. "E foram especiais para nós também (*do pra acreditar, pois declarações parecidas constam de uma biografia do grupo*). Estão entre os meus shows favoritos, juntamente com aqueles do início, 1981, 1982, quando ninguém de nós se barbeava. Nossos primeiros cinco anos foram os mais intensos. E quanto mais intenso, mais depre. Eu era um trapo em 1981.

Não levem seu ídolo não está com coelhinhos no sotão. Ele é assim mesmo. Entrevistá-lo é um jogo de enigmas, feito aquelas ferias tão lindas quanto vagas. Nem sempre uma frase tem a ver com

BIZZ, junho de 1987

Assim registrava a chegada do Echo no Canecão

"Echo & Paul" animado e vocalista apontado para o baixista que está à sua esquerda, no palco, é alguém sugado, deleitado. "Echo & Paul" continua à da voz, particularmente em algumas do baterista George. [illegible] fluído, que envereda [illegible] lembra sueca dos anos 60, [illegible] pitoresco [illegible]. Nossa próxima música é [illegible] protegida à vera consagrada de um toque à que [illegible] [illegible] [illegible]

Bons exemplos
de como se portar
à mesa do chefe

Às vezes, para conseguir um bom emprego só falta um detalhe. O detalhe de abrir uma Você S.A. e ficar bem informado sobre o perfil que se espera do profissional hoje no mercado. A seção *Ponto de partida*, por exemplo, traz matérias sobre atualidades e novidades do mundo corporativo brasileiro e mundial. Você S.A. A única para quem tem ambição.

www.vocesa.com.br

você S.A.
Para quem tem ambição.

VOCE S.A. QUERRNAR O PRESIDENTE DA EMPRESA? JANEIRO/1999

EDITORA Abril

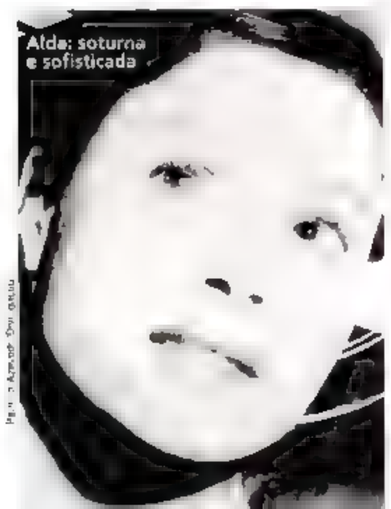
Discos independentes, CDs e fitas demo
Envie para: Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, SP

Novos sacanas

Quem é órfão de Joelho De Porco e Mamonas Assassinas e está feliz com a volta do Ultraje precisa conhecer uma nova banda paulista que toca junto há três anos e está lançando o segundo disco, *Soup Tomato & Mosquito*. Além de possuir um instrumental competente, o sexteto **Os Tratantes** é mestre em fazer paródias e piadas com qualquer tema. A impagável "Jason Nós Te Amamos" já vale pelo CD demo. Trata-se de uma música de amor dedicada ao mascarado vilão da série *Sexta-Feira 13*: "Jason, pare de matar/ O Jason... Faça logo uma plástica." Zé Do Caixão dá o ar da graça na faixa homenagem "O Zé". "Somos fãzaços do homem", manda o guitarrista Douglas, que define o som dos Tratantes como "rock pop cornflakes". "Hoje, tudo mundo é cór', forró cor, capoeira cór' então inventamos essa bobagem." O álbum termina com uma adaptação do rei Roberto, que ficou assim: "Eu quero ter um milhão de amigos e cada um me dá 1 real/ Eu quero ter um milhão de amigos e se dor 2 não é nada mal".
Contatos: Tel. (11) 288-2120; e-mail: mooska@uol.com.br

Os Tratantes: "Eu quero ter um milhão de amigos e cada um me dá 1 real"

Marcelo Nunes/Divulgação



Alda: soturna e sofisticada

Henry Ayrton/Divulgação

Sombria emoção

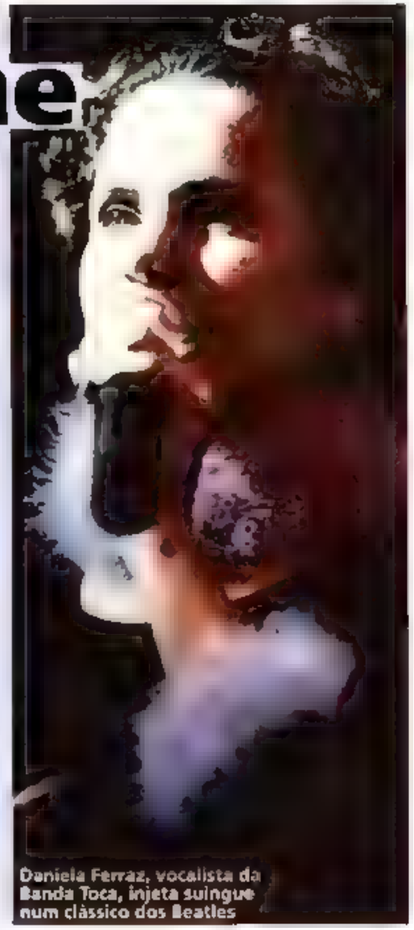
Há quatro anos fazendo shows em Belo Horizonte, **Alda Rezende** está decidida a levar a força de seu canto para outras paragens. Dona de uma voz contralto, consistentemente grave, a cantora mineira faz uso de sua formação erudita para dar um toque sofisticado a grandes canções pop rock. Em seu EP independente, Alda transformou a desconhecida "WC", do Vima Lisi, numa balada contida, arranjada em violão e violino, capaz de arrepiar o mais insensível ser humano. Marca ponto também ao reler "Faca", do Sexo Explícito, e "Insistência", do Ultimo Numero. Ambas servem como exercício fetichista aos fãs do Pato Fu, já que John (ou João Paulo) integrou as duas bandas.

A cantora, que morou por dois anos na Dinamarca, assume seu lado sombrio. "Sou um pouco soturna, sim." Entre as influências, cita Diamanda Galás e Nick Drake. Além de ser uma garganta para a efervescência cultural de BH, Alda escreve suas próprias composições e promete um álbum repleto delas para breve. **Contatos: Tel. (31) 547-7401, e-mail: alda@planetarium.com.br**

Com o charme e a coragem

Quantas bandas formadas de brincadeira, no ginásio, por garotos de 15 anos, resistem por mais de dez anos ininterruptos? A **Banda Toca** se encaixa nessa história. No início, o interesse da trupe paulistana se restringia a levar clássicos da MPB. Após a puberdade e algumas trocas internas, a Toca hoje conta com um bom número de composições próprias entre o pop e o dançante.

O quinteto recentemente se apresentou no programa *Ultrasom*, da MTV. A música escolhida, "Movimento", é uma das melhores do repertório, junto com "Um Pouco De Tudo" e uma versão swingada de "I Am The Walrus", dos Beatles. O canto e o charme de Daniela Ferraz são o grande foco de atenção. Depois de se desiludir com [illegible] Psicologia, a menina [illegible] conselhos dos amigos e [illegible] artístico. "Fui [illegible] agora não tem [illegible] volta", [illegible]
Contatos: Tel. (11) 3021-1362; site: www.studio4922.com.br/Toca



Daniela Ferraz, vocalista da Banda Toca, injeta suingue num clássico dos Beatles

Heróis trash

Muito filme B dos anos 50, punk rock e HQ. Esses são os ingredientes principais no som da grande revelação de Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul: **Os Impossíveis**. Discos de Ramones e Misfits estão na cabeceira do grupo e as letras homenageiam figuras bacanas, como o cineasta Kevin Smith. "Batman Sadomasô" é um clássico, com versos como "Ele leva tudo no batcinto/ Bola chinesa e chicote fino... O Batman é sadomasô/ Ele gosta de sentir dor". Os shows em Campo Grande são cada vez mais freqüentes e o vocalista Cebola garante que existe brodagem entre todas as bandas de rock da cidade, independentemente do estilo de cada uma. "Aqui só toca menos música sertaneja do que em Goiânia. Por isso estamos unidos." **Contatos. Tel. (67) 725-5337; e-mail: bastard@loja.net**

Os Impossíveis homenageiam o diretor de *Procura-se Amy*

Raio-D Um exame nas demos mais interessantes do mês

Ayrton Mugnaini Jr.

Som: Brega pop
Origem: São Paulo, SP
Auto-retrato: "Sou um jornalista musical, compositor em estado crítico. Me preocupo com métrica, rima e melodia, sempre fazendo uso de humor sutil e sonoridade eclética."
Resumo crítico: Depois de tomar aulas de canto lírico, Ayrton continua o mesmo maluco esganiçado e querido por Kid Vinil, Nasi (Ira!) e John (Pato Fu). A bizarra "Saudade Do Cursinho" é o destaque dentre as 22 canções da demo *BREGA.COM.BR MAIUSCULO*.
Produção: Regular
Contatos: tel. (11) 251-3396; site: www.musicultura.art.br/ayrtonmugnaini

Food 4 Life

Som: Hardcore melódico
Origem: São Paulo, SP
Auto-retrato: "Tocamos *positive* hardcore, tentando fazer as pessoas entenderem que se fizerem a parte delas, o mundo será melhor."
Resumo crítico: Cozinha, composta pelo baixo de Hendrix e a pegada forte de Fernanda, guitarra e o vocal afiadíssimo de Gustavo estão [illegible] quem curte o estilo.
Produção: Regular
Contatos: tel. (11) 810 2824, e-mail: f4l@z.pmail.com.br

Loaded

Som: Pop guitar rock
Origem: Curitiba, PR
Auto-retrato: "Fazemos parte da rapaziada que cresceu nos anos 80 ouvindo Smiths, The Cure, New Order e Echo & The Bunnymen. Nosso som é carregado de sentimentos [illegible]."
Resumo crítico: Depois de cinco anos rolando no circuito underground curitibano, o Loaded conseguiu se aproximar bastante das bandas idolatradas pelos integrantes. Letras em inglês e esmero na produção gráfica da fitinha.
Produção: Regular
Contatos: tel. (41) 274-7786, e-mail: loaded@zipmail.com.br

Cabeças... cabeças diferentes!

Notas de 0 a 10 dadas pelos críticos e colaboradores de SHOWBIZZ

Titãs e Ira! relêem o pop brasileiro em discos de intérprete – cada um na sua proposta

TITÃS
As Dez Mais 6
Warner

IRA!
Isso É Amor 9
Deckdisc/Abril Music

O que leva grupos sólidos como Titãs e Ira! a gastar tempo e dinheiro com regravações de Roberto Carlos, Ronnie Von, Dalto, Tim Maia e outros? As respostas são várias. Os Titãs pretendiam tirar férias após o sucesso do *Acústico MTV* e do *Volume 2*, o Ira! mudou de gravadora e vinha se mantendo a duras penas com o status de grande banda do rock nacional. A solução? Covers, muitas covers, músicas que as pessoas já sabem cantar e proporcionam diversão sadia aos músicos.

Os Titãs foram a Seattle gravar *As Dez Mais* com produção do mestre do grunge Jack Endino, que já havia trabalhado com eles em *Titanomaquia* e *Domingo*. Algumas canções escolhidas são um tanto óbvias. "Querem Acabar Comigo", de Roberto e Erasmo Carlos, faz o papel de "É Preciso Saber Viver", também da dupla, no *Volume 2*. "Um Certo Alguém", de Lulu Santos, e "Gostava Tanto de Você", de Tim Maia, são aquelas que todo mundo sabe cantar. A versão de "Pelados Em Santos", dos Mamonas Assassinas, é uma balada com refrão pesado como qualquer outra, só que sem humor. Há também coisas boas – e não são poucas. Algumas canções soarão inéditas para jovens ouvidos, casos de "Roubo dos Inocentes", "Fuga Número 2", dos Mutantes, com belo arranjo; a ótima "Circo De Feras", do grupo português Xutos e Pontapés, e a furiosa versão para "Vingue-se", de Raul Seixas.

A idéia do Ira! é totalmente diferente. A banda pretende "se apresentar" para o público que não a conhece. Então lá está a voz rouquenha de Nasi e as guitarras e violões de Edgar Scandurra fazendo de tudo um pouco. A dupla arrebenta em "Bebendo Vinho", do gaúcho Wander Wildner (ex-Replicantes), e em "Telefone" [illegible] (Ira Gang 90). A vozinha doce de Fernanda Takai reforça a bela "Chorando No Campo", de Lobão, que também ganhou musculosos riffs de guitarra de Scandurra. O megaclássico "A Vida Tem Dessas Coisas", de [illegible], transformado em rock, com interpretação [illegible] da Roberto Carlos também está presente, com uma versão [illegible] "Sentado À Beira Do Caminho", assim como a Legião Urbana [illegible].

A MPB em suas várias vertentes é a grata surpresa do disco. [illegible] Maravilha", de Juninho Da Adelaide (também cantada por Chico Buarque), se emocionar com "Um Girassol Da Cor Do Seu Cabelo", de Lô Borges (com participação de Samuel Rosa, do Skank) e sorrir com o alto astral de Ronnie Von em "Minha Gente Amiga". Longa vida ao Ira!
Bernardo Araujo

[illegible] de responsabilidade dos críticos que os assinam, não necessariamente expressando [illegible]

Chris Cornell: grande gogó e melodias ganchudas também na carreira solo

Vida após o grunge

CHRIS CORNELL
Euphoria Morning (7)
A&M/Universal

Chris Cornell fez o mais difícil em seu primeiro disco solo: fugiu da sombra do Soundgarden e buscou luz própria. Em algumas faixas de *Euphoria Morning*, essa luz brilha, em outras, nem tanto. O single "Can't Change Me" é um belo começo e mostra que a força deste CD reside na voz de Cornell – uma das melhores dos anos 90 – e nas letras intimistas, ao mesmo tempo fortes e vulneráveis. "Ela vai mudar o mundo/ mas não pode me mudar/ de repente eu vejo tudo que está errado comigo/ Mas o que posso fazer, se sou tudo o que tenho?", pergunta ele no refrão embalado por influências orientais misturadas à estética beatle. "Preaching The End Of The World" bebe na fonte do Rad ohead (ainda que exagerando um pouco no açúcar) para falar da procura por alguém especial para se dividir o apocalipse. "Wave Goodbye", melhor faixa do disco, mistura funk com rock progressivo e tem um gostinho de Prince misturado com Lenny Kravitz. Trabalhando com ótimos músicos, os ex-Eleven Alain Johannes (guitarra) e Natasha Shneider (teclados), Cornell apresenta arranjos elaborados ao longo de todo o disco. Infelizmente, deixa a impressão de um certo cansaço criativo nas faixas finais. Mas valeu a coragem de escolher o caminho mais difícil
Andrea Estevam

JOHN MAYALL & THE BLUESBREAKERS
Padlock On The Blues (8)
Eagle/Roadrunner

Novo show do dinossauro do blues

Em seu novo disco, John Mayall prova que continua fiel à tradição do blues, mesmo praticando uma versão atualizada do estilo. Aos 65 anos e ainda à frente dos Bluesbreakers (que lidera há 36 anos e já empregou gente como Eric Clapton e Jack Bruce), o veterano bluesman prova que ainda tem lenha para queimar em faixas como a incendiária "Ain't No Surrender" (onde arrasa no piano), "Don't Turn Your Back" e "Always A Brand New Road". Como se não bastasse o mestre John Lee Hooker dá uma canja luxuosa – apenas na guitarra, infelizmente – em "Somebody's Watching" e "Bad Dream Catcher". Valeu cada centavo investido
Celso Pucci

MR BUNGLE
California (7)
Warner – IMPORTADO

Novos lances do verdadeiro amor de Mike Patton

Antes da entrada de Mike Patton para o Faith No More, na virada da década, o Mr Bungle já tinha suas fiéis seguidoras cultuadas na Costa Oeste americana. Em 91 estrearam com um grande álbum homônimo, escorregaram no eletrônico *Disco Volante* e voltam com um terceiro trabalho muito bom. Livre do rock/rap do Faith No More, podendo ser experimental em sua carreira solo e fazendo trash core no Fantômas, Patton, Trevor Dunn, Trey Spruance, Bar McKinnon e Danny Heifetz misturam dar um toque pop em *California*. "Sweet Charity", "Retrovertigo", "Pink Cigarette" e "Vanity Fair" são bons exemplos disso. No entanto, as mudanças de andamento continuam fortemente presentes, as incursões jazzísticas estão mais bem resolvidas e a esquisitice vence no final. Ponto para Patton
José Flávio Júnior

QUARTETO JOBIM – MORELEMBAUM
Quarteto Jobim – Morelembaum (8)
Velas

Clássicos de Tom recriados por seus colaboradores

Em seus últimos anos de vida, Tom Jobim cercou-se de um time de músicos pra lá de competente, aos quais batizou de Nova Banda. Agora, quatro deles se reúnem no Quarteto Jobim-Morelembaum revisitando a obra do genial compositor. Jaques Morelembaum (cello), Paula Morelembaum (voz), Paulo Jobim (violão e voz) e Daniel Jobim (piano e voz), os dois últimos, respectivamente, filho e neto de Tom, revivem clássicos como "Corcovado", "Águas De Março", "Meditação", "Ela É Carioca" e "Desafinado", com extrema fidelidade aos arranjos originais do autor e interpretações repletas de sutilezas. Um disco simples, feito com capricho e devoção.
Toninho Spessoto

JOHN MELLENCAMP
Rough Harvest (8)
Universal

Roqueiro americano faz releituras acústicas

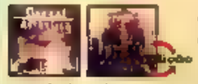
Em 1997, John Mellencamp regravou algumas canções do seu repertório num formato acústico. Esse material acrescido de "Wild Night" (gravada ao vivo em 1994) e "Under The Boardwalk" (clássico dos Drifters, registrado por Mellencamp em 1986), é a base deste *Rough Harvest*. Além de obras-primas do naipe de "Rain On The Scarecrow", "Human Wheels" e "Minutes To Memory", ele investe no repertório de Bob Dylan, com "In My Time Of Dying" e "Farewell Angelina". O resultado é um banho de rock com sotaque country-folk feito com personalidade. É um disco que desmente a tese de que Mellencamp não passa de um clone de Bruce Springsteen
Fabian Chacur

O trio Dorsal Atlântica, presença carioca na cena metaleira nacional

Esqueletos do porão

DORSAL ATLÂNTICA
Terrorism Alive/Ultimatum (8)
Varda Records

SARCÓFAGO
INRI (8)
Cogumelo Records



Alvissaras, algum louco dá valor ao heavy metal nacional. E não apenas aos cosmopolitas Sepultura, Soulfly e Angra, mas aos velhos cariocas da Dorsal Atlântica e aos mineiros do Sarcófago. Os fósseis da nossa barulheira retornam com velhos e clássicos discos dos anos 80, agora lançados em CD. A Dorsal do herói Carlos Lopes, bem assessorado pelo baterista Guga e pelo baixista Alexandre, também aproveita para lançar seu primeiro disco ao vivo, *Terrorism Alive*. Gravado com total fidelidade e sem mexidas de estúdio em Fortaleza, no ano passado, *Terrorism Alive* passa por toda a carreira da banda, evitando sabiamente as canções de *Ultimatum* (como o clássico "Guerrilha"), que vêm logo a seguir na pureza de sua gravação original, com Carlos vociferando em português.

Já o *INRI*, do Sarcófago, é uma preciosidade do metal nacional. Com boa qualidade de gravação, o quarteto de Belo Horizonte praticamente inventa um estilo, de riffs lentos e demoníacos de guitarra e vocais incompreensíveis num inglês idem. As letras, claro, falam de morte, inferno, Satanás, esses temas adolescentes e divertidos. E o CD ainda traz "Nightmare", "The Black Vomit" e "Satanas", em ótimas versões ao vivo. De levar lágrimas aos olhos.
Bernardo Araujo

GOMEZ
Liquid Skin (8)

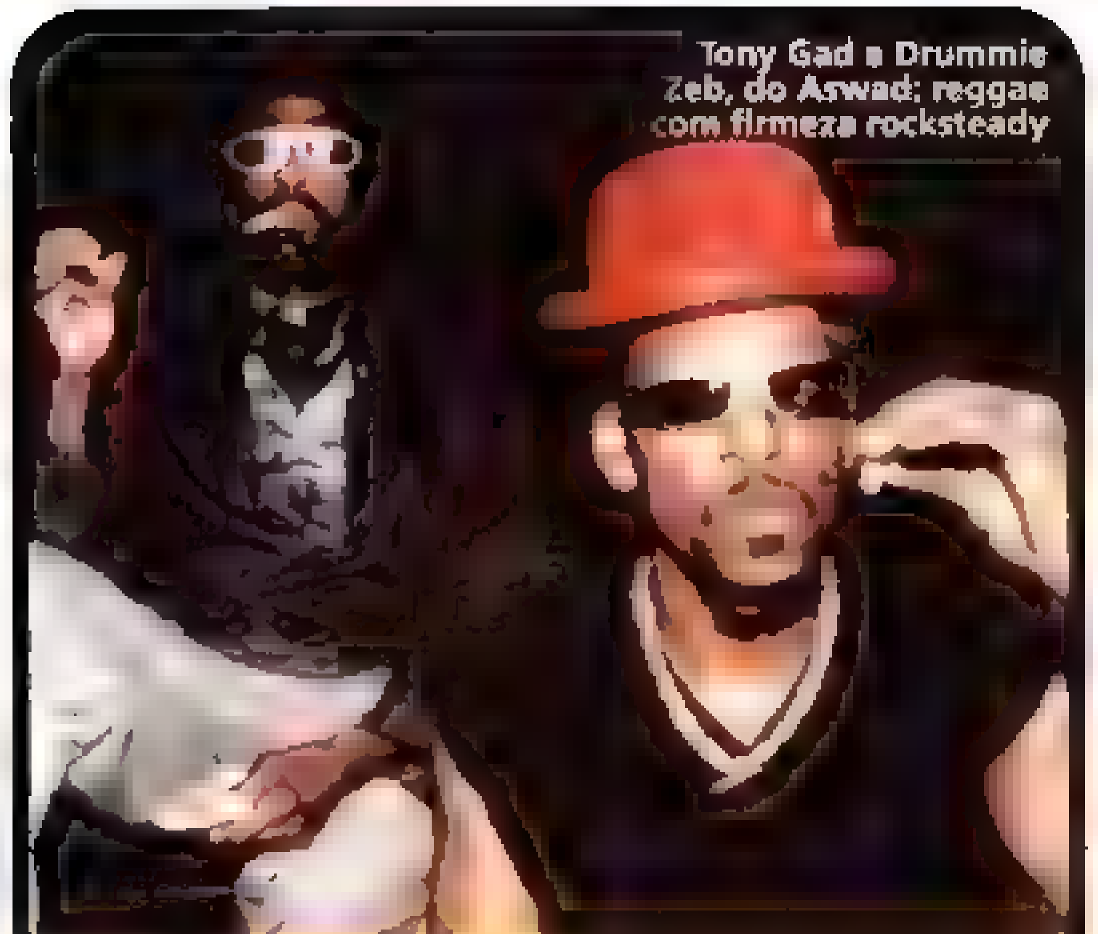
ola da vez inglesa aposta o sonoridade anos 70

omez chega ao segundo álposta[nd]o na mesma fórles desesperado de . A faixa mais significativa l Bonus Kind, cuja[n]ra desanca a cena rave. Ha tam[m] bom "Rhythm & Blues Alibi" [e]nde suas raízes mostrais embora o R&B que o Gomez to[c]que não tenha a barba e o bigole dos Allman Brothers. O vo[z]al suave e bem colocado denuncia a procedência britânica. Além disso, a banda alterna melodias folk com ruídos *vocoders* e distorções estouradas que remetem ao som e ao derminho do Air, ainda que sua principal inspiração venha da boa e velha The Band. Para quem quiser conhecer outros interessantes artistas dessa tendência, este CD do Gomez traz a participação do Mojave 3, mais um dos muitos grupos britânicos apaixonados por música americana fora de moda.
Marcel Plasse

BIA GRABOIS
Rock Me (7)
Dubas

Rock e contestação cheio de boas influências

Uma das estreias mais promissoras da temporada é a da cantora e compositora Bia Grabois. Ao contrário da propalada mistura de rock [illegible] geração 90, Bia está mais ligada à tradição anglo-saxã do gênero e absorve influências [illegible]sic (presentes nas guitarras de "O Céu Negro" e da faixa título) [illegible] do [illegible] Medo [illegible] com pesadas [illegible] na Patti Smith e tem um quê [illegible] do autoria da cantora em parceria com o irmão Mario. Uma das melhores é "O Índio", cuja letra questiona o conservadorismo cultural ("Vou morar os [illegible] Por muito tempo/ Como se fossem vanguarda"). Em "Pobre Coitadinha" o grande destaque é a participação do gaúcho Wander Wildner na guitarra. A moça tem talento, é bonita e [illegible] dito pela
Hagamenon Brito



Tony Gad e Drummie Zeb, do Aswad: reggae com firmeza rocksteady

Entre o velho e o novo

ASWAD

Roots Revival ⑧

Universal

Na órbita dos cultores do reggae, este novo CD dos ingleses do Aswad pode ser entendido como um divisor de águas. Ao invés de, mais uma vez, investir em criativas tramas eletrônicas, como vinha fazendo nos últimos dez anos, o Aswad parou no meio da rua, cocou a cabeça e olhou para trás. Em outras palavras, conforme sugere a faixa-título, prepare-se para curtir alguns clássicos revisitados e arranjos mais para anos 70 do que para Terceiro Milênio. Ficaram sensacionais as releituras de "Caution", "Thank You Lord" (ambas de Bob Marley), "Boom Boom Carnival" (The Jamaicans) e "Take It Easy" (Hopeton Lewis). Há também algumas canções novas muito boas, mas essas vão de brinde. Ah, o guitarrista Brinsley Ford saiu. Mas, num time que tem Tony Gad e Drummie Zeb, quem daria falta?

Otávio Rodrigues

Antenas ligadas

Durante muito tempo, o Aswad investiu num reggae moderno e de recursos eletrônicos bem originais. Não é o que aparece neste disco...

TONY GAD (baixista e guitarrista): Estamos sempre buscando coisas novas. Em nossos primeiros discos, nos anos 70, fazíamos dub (ecos, *efeitos especiais e outras colagens sonoras*) quando quase ninguém sabia o que era. [illegible] **de idade. Demos um trato em alguns clássicos e compusemos coisas realmente novas, foi isso.**

Então vocês resolveram mexer no baú, redescobrir coisas antigas?

O público está mudando e não faz sentido fazermos a mesma coisa de vinte anos atrás para caras que estão com 15 ou 25 anos

Como anda a cena inglesa do reggae? [illegible]

Não se cultuam bandas, a coisa rola mesmo com solistas. Há bons cantores e DJs, mas é raro surgir uma banda de sucesso.

PIZZICATO FIVE

Playboy & Playgirl ⑧

Matador/Trama

Sushi pop saboroso chega ao Brasil

A veterana dupla Pizzicato Five, apesar de mais de vinte anos de carreira, ainda faz às vezes de cartão postal para a prolífica cena underground japonesa. O lançamento nacional deste *Playboy & Playgirl* oferece desde já uma das melhores trilhas para o próximo verão.

[illegible] ouvir o pop com [illegible] e cordas ("Concerto", "A New Song", "Such A Beatiful Girl Like You"), new wave ("Playboy Playgirl"), eflúvios sessentistas de Beatles e Burt Bacharach ("Weekend", "Magic Twin Candle Light") e bossa nova contemporânea à Style Council ("I Hear A Symphony", "Drinking Wine"), que dão ao P5 musicalidade irresistível. Mesmo com letras em japonês.

Mas o CD deve sua alma ao delicioso registro de Nomiya Maki, ex-top model que trocou as passarelas pelo microfone e injetou veia pop à receita soft rock/jazz/ bossa nova de Yasuharu Konishi, multiinstrumentista [illegible]. Gostosamente irresistível.

Carlos Eduardo Oliveira

SUPER FURRY ANIMALS

Guerrilla ⑦

Flydaddy IMPORTADO

Rock alucinado sem meias palavras

O Super Furry Animals é a banda mais lisérgica do rock contemporâneo. Gruff Rhys, Dafydd Ieuan, Cian Ciarán (nomes bastante comuns, não é?) usam LSD, sim, fumam maconha, sim, e tomam chá de cogumelo, sim. O terceiro disco da banda, sucessor do ótimo *Radiator* (1996), reforça todo o amor que os integrantes cultivam pelo lado viajandão da vida.

As letras de *Guerrilla* vão da filosofia nonsense de "Some Things Come From Nothing" ("Algumas coisas vêm do nada [illegible]") ao [illegible] de [illegible] ("Não masque chiclete na cama, você pode acordar com ele preso no cabelo").

Quem conseguir sacar os trocadilhos em inglês terá prazer ainda maior. Em "Do Or Die", Gruff canta: "I am free/ you are few/ let's take a five". "Northern Lites", primeiro single do álbum, e "The Teacher" são as músicas mais [illegible] – e são [illegible] que têm letras menos viajandonas.

O som continua parecendo com tudo e nada ao mesmo tempo. Você ouve e diz: "Isso é Pink Floyd, agora ficou com a cara do Blur, tem toques de Buzzcocks, pianinho à Dave Brubeck, lances eletrônicos, algum ritmo caribenho..." Dá pra dizer qualquer coisa a respeito do Super Furry Animals, menos que essa rapaziada não tem criatividade. Cogumelo neles!

José Flávio Júnior

NOCAUTE

Nocaute ⑦

Black Groove/Sony

Ouvindo a vida dura em rap'n'roll

Os contrastes do Brasil em forma de rap'n'roll: é isso que o Nocaute, mais novo rebento da Baixada Fluminense (periferia da Cidade Maravilhosa), traz em seu disco de estréia. A vida na subúrbio, o domingo de sol, o otimismo e a crítica social convivem lado a lado sob doses generosas de guitarras, baixo, samples, scratches e a baqueta feminina certeira de Andrea Wolff. O single "Meninos" já é hit nas rádios paulistanas especializadas em rock e a faixa "Diversão" – inspirada combinação da música homônima dos Titãs com "AAUU", também deles – tem tudo para seguir o mesmo caminho.

O álbum também traz outros momentos bem interessantes, como "Só Uma Idéia" e "Brother". Depois de sete longos anos de dura batalha no [illegible] underground, a rapaziada do Nocaute merece seu lugar [illegible] – não só ao sol do [illegible] Brasil inteiro.

Andréa Estevam

VÁRIOS

WHERE IS MY MIND? – A TRIBUTE TO PIXIES ⑥

[illegible] Factory IMPORTADO

Tributo se perde entre reverência e desrespeito

[illegible] no momento em que se mantinham na ativa, na virada dos anos 80 para os 90, os Pixies ficaram com ótimos álbuns. Agora chega a vez de um tributo, a cargo de bandas contemporâneas, seguindo o conceito de destruição e completa transformação das músicas.

As releituras de "Wave Of Mutilation" (a cargo do Superdrag) e "Here Comes Your Man" (numa versão ensandecida do Samiam) são muito parecidas com as originais. Os destaques acabam ficando mesmo com a divertida "La La Love You", cantada pelo Weston, a versão apocalíptica de "Monkey Gone To Heaven", do Far, e "Velouria", na visão lenta e pesada do Weezer. Fuja do ska em que se transformou "Manta Ray" (com o Teen Heroes) e dos zumbidos eletrônicos [illegible] "Gigantic" (com Reel Big Fish), o CD tem coisa bem melhor.

Juliano Zappia

O angolano Mindelis gravou novamente com o Double Trouble, de Stevie Ray Vaughan

Blues com outras caras

NUNO MINDELIS

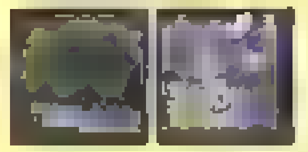
Blues On The Outside ⑨

Trama

SOLON FISHBONE

Blues Galore ⑧

Antídoto/Act



Quem acha que blues é sempre igual vai ter uma surpresa com os novos CDs de Solon Fishbone e Nuno Mindelis. *Texas Bound*, do angolano Nuno, de 1996, foi um marco, com sua guitarra brilhando entre o baixo de Tommy Shannon e a bateria de Chris Layton (ex-companheiros de Stevie Ray Vaughan). Aqui a abordagem é mais cool, com canções bem resolvidas se sobrepondo ao virtuosismo, embora a guitarra possante de Mindelis continue vibrando forte. Como cantor, ele também mostra evolução. Destaques: o choro "Brasileirinho", citado na faixa-título, e "Spinning Wheel" (do grupo Blood, Sweat and Tears) e "Walk Away, Baby, Walk", revelando a intenção de conquistar um público mais amplo.

O gaúcho Solon Fishbone ousa ainda mais. Seguidor de Stevie Ray Vaughan, ele agora ataca de funk e soul music, com direito até a naipe de metais. A guitarra continua faiscante mas, da mesma forma que no CD de Nuno, ela já não é onipresente. Seus fãs vão estranhar, mas quem não o conhecia pode achar muito natural e bem interessante a mistura, principalmente em faixas como "Me & My Guitar" (de Leon Russell) e "Little Bit Of My Love".

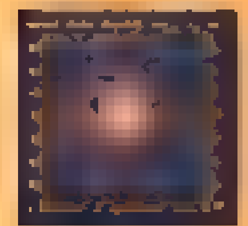
Helton Ribeiro

México maluco

O Café Tacuba veio para confundir e encantar

CAFÉ TACUBA

Reves/YoSoy ⑧
WEA



Comemorando dez anos de carreira, o quarteto mexicano Café Tacuba soltou uma obra maluca. *Reves/YoSoy* são dois discos. O primeiro, Reves, é quase todo instrumental. Tirando a parceria com o Kronos Quartet, "M C" (versão sem voz para "La Muerte Chiquita", presente em YoSoy), são 13 músicas intituladas por números: a primeira chama-se "11"; a segunda, "2", a terceira, "9"... A oitava, "6", leva o troféu da mais linda. Mas, tudo muito esquisito, experimental. Guitarras minimalistas dialogam com batidas eletrônicas e alcançam novas texturas.

YoSoy é o disco cantado. Muita coisa nele lembra *Re* (1994), que consagrou a mistura entre ritmos regionais e pop rock perpetrada pelo grupo. A chiclete "La Locomotora" é a que agrada mais rápido. "El Padre", "Dos Niños", "El Hombre Impassible" e "El Ave" completam o deleite, casando melodias singelas com letras tristes ou engajadas ou críticas. Mas a estranheza ronda novamente em "Árboles Frutales" e em "Bicicleta", temas fragmentados que ocupam várias faixas. É tão complicado quanto explicar por que o vocalista Rubén Albarrán muda de nome a cada disco. Já foi Pinche Juan, Cosme, Anónimo e agora usa dois: Amparo Tonto Medardo In Lak'ech ou, simplesmente, Nrü. O que virá a seguir, ninguém sabe

José Flávio Júnior

MADREDEUS

O Porto ⑨
EMI

O grupo português em CD duplo ao vivo

Se você ainda não conhece os Madredeus (como dizem além mar,, maravilha! Isso significa que ainda há um oceano de prazeres sonoros a explorar. Desde 1987 o quinteto portug... es ... en ...antando o mundo com belíssimos discos em que a rica tradição lusa zarpa para novos mundos, sempre embasada em violões clássicos e elevada pelos vocais ilumin... s de Maria Teresa Salgueiro ... musicalmente impecável, rigorosamente concebido pelo ... ta Pedro Ayres Magalhães, mas sem um pingo de frieza.

O Porto registra um concerto realizado no Coliseu daquela cidade portuguesa ... 998. O repertório incl... tod... os belíssimos temas do álbum anterior *O Paraíso* mais ... quatro canções. Em arranjos ... característicos ... atingem uma ... que as orquestras alugadas para os atuais acústicos de artistas de rock não podem nem sonhar em alcançar

Pedro Só

MARK LANEGAN

I'll Take Care Of You ⑦
Sub Pop – IMPORTADO

Vocal dos Screaming Trees canta trovadores mortos

É bebida forte convém sorver com moderação. De uma vez só, pode dar em porre. Mas se você ouvir de duas em duas (três descem na boa também) doses, vai apreciar o traço amargo de Mark Lanegan ... se deliciar com sua excelente seleção de repertório. Ele escolheu pérolas nada óbvias de trovadores como Fred Neil, autor de "Everybody's Talking", e Tim Hardin (1941-1980), criador de "If I Were A Carpenter", incluiu um requiem para o saudoso Jeffrey Lee Pierce (do Gun Club) e pescou uma bela obscuridade "Creeping Coastline Of Lights".

O ex-Dinosaur Jr. Mike Johnson e os colegas de Screaming Trees (hoje sem gravadora) emolduram a velha voz de conhaque e de alcatrão com violões, guitarra e órgão *reverbeados*. Deprê? Mórbido? Nem sempre. Mark deixa "Consider Me", clássico de Eddie Floyd e Booker T., e a fossa-... ...o, do soulman Brook Benton (1931-1988), lindas de morrer. Mas é melhor ouvir vivo – e namorando, de preferência.

PS

PAUL MCCARTNEY

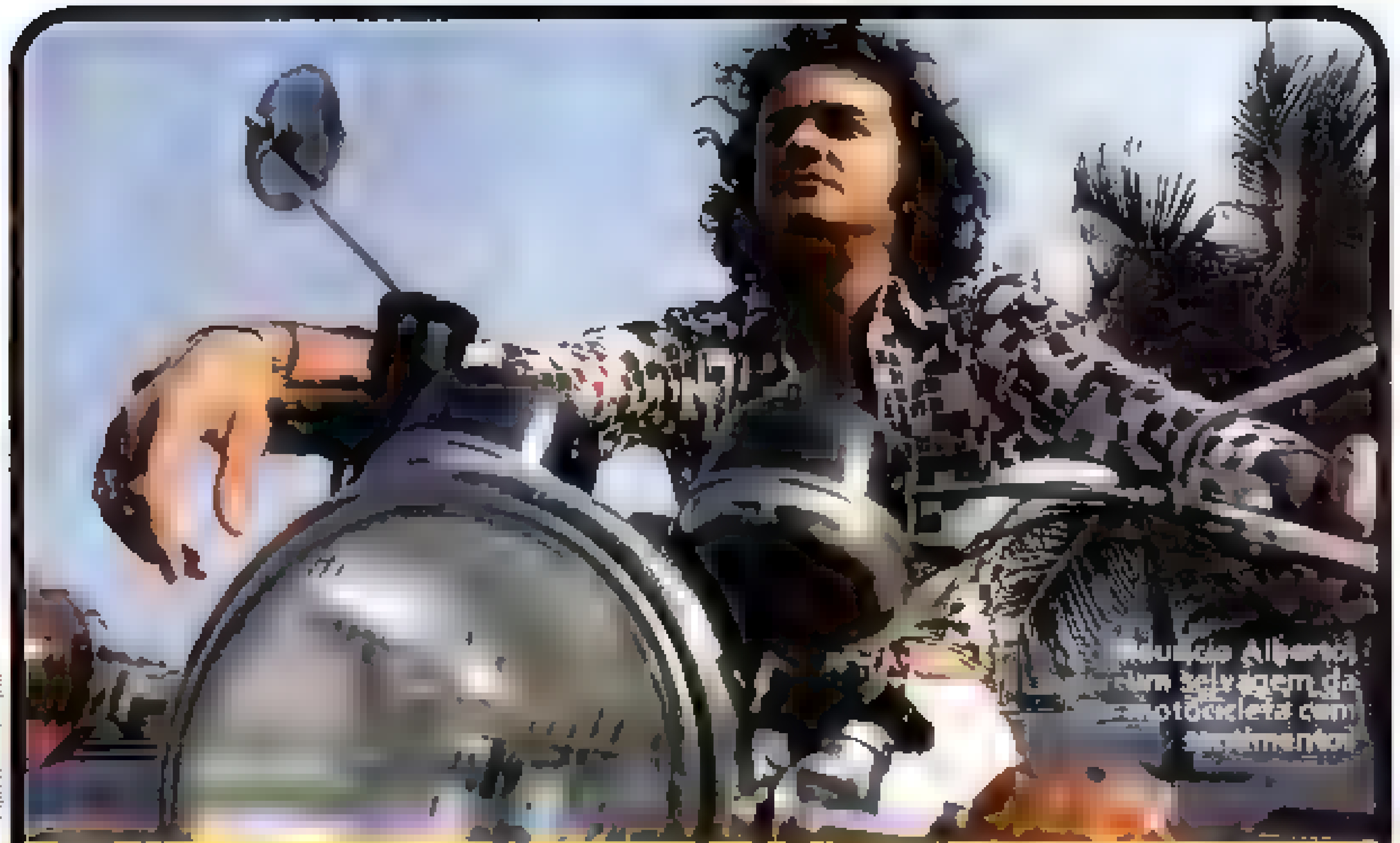
Run Devil Run ⑩
Parlophone/EMI

Sir Macca exorciza a tristeza e volta as raízes do rock

Depois da morte da esposa Linda, no ano passado, o que Paul McCartney mais precisava era ... um trabalho que o alegrasse. E ele consegue sorrir novamente com este incendiário disco. Cercando-se de músicos como David Gilmour (guitarrista do Pink Floyd), Ian Paice (baterista do Deep Purple) e Mick Green (guitarrista da banda Johnny Kidd & The Pirates, popular nos anos 50/60), Sir ... e vem ... um disco de ... rock'n'roll. O novo trabalho sai exatos 10 anos depois de CHOBA B CCP, o histórico "Álbum Russo", que antes de ser lançado em CD era importado por colecionadores a peso de ouro. Ali ... ex-beatle encarava um repertório de oldies conhecidos.

Em *Run Devil Run*, a fórmula ... mesma, só que a velharia garimpada é quase totalmente obscura. Aos 57 anos, tocando ... e cantando com a adrenalina e o tesão de um garoto ... vasculha o baú do rock e ... verdadeiras preciosidades ... "Blue Jean Bop" (Gene Vincent), "Movie Magg" (Carl Perkins), "Brown Eyed Handsome Man" (Chuck Berry) ... "Other Baby" (da banda ... Vipers) e "Lonesome ..." (Ricky Nelson). As ... mais conhecidas são do repertório de Elvis Presley: "All Shook Up", "Party" e "I Got ...g". As duas inéditas, "Try Not To Cry" e "No Other Baby" ... perfeitamente no ... da festa. Em resumo ... que isso sim é rock'n'roll

...inho Spessoto



Maurício Alberto, um selvagem da motocicleta com sentimento

Very gúdi

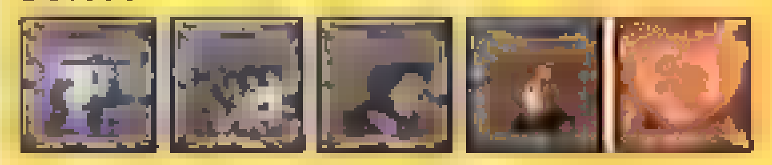
LIGHT REFLECTIONS ⑦
Essential

LEE JACKSON ⑦
Essential

MORRIS ALBERT ⑦
Essential

TERRY WINTER ⑦
Essential
EMI

VÁRIOS ⑧
Hits Again
Globodisk



Nos anos 70 a música estrangeira dominava o Brasil. Para ganhar um troco em cima dessa situação, espertos produtores bolaram uma lucrativa fórmula: gravar brasileiros cantando em inglês e vendê-los como se fossem estrangeiros. Entre os precursores da onda estavam os grupos Light Reflections e Lee Jackson e os cantores Morris Albert e Terry Winter (filho de ingleses), agora passados a limpo na série de coletâneas *Essential*.

O Light Reflections, que estourou com a balada "Tell Me Once Again", gravou apenas um LP e alguns compactos. Todo esse material está no CD dedicado ao grupo. O Lee Jackson foi mais profícuo e chegou até a fazer dois discos de samba-rock, um deles produzido por Bill Haley. Em seu CD estão o hit "Hey Girl" e a versão suingada de "Be-Bop-A-Lula" (de Gene Vincent), entre outros. Morris Albert enriqueceu à custa de "Feelings", regravada em todo o mundo. O CD do cantor traz também "Conversation" e "She's My Girl", hits medianos. Terry Winter, morto em 1998, surgiu na Jovem Guarda como Tommy Standen e emplacou "Summer Holiday" e "You'll Notice Me", ambas presentes no CD dedicado a ele.

Mas o melhor resumo dessa onda está em *Hits Again*, série de quatro CDs com 58 faixas no total, vendidos pelo telefone (0XX11) 3350-3350 e que mapeiam tudo o que se fez no gênero. Estão aqui nomes como Mark Davis, Uncle Jack, Tony Stevens e Don Elliot. Ou seja, respectivamente, Fábio Jr (que era Mark Davis e Uncle Jack), Jessé e Ralf, irmão de Chrystian, outro que estourou cantando em "gringo". No repertório, canções próprias e também covers de Michael Jackson, Burt Bacharach, Suzi Quatro e até Beatles. Acompanha um livreto com todas as letras e informações curiosas sobre os intérpretes. Nostálgico e divertido.

Ayrton Mugnaini Jr. e Toninho Spessoto

Luiz Melodia sintetizou 25 anos de pérolas

Resumo grandioso

LUIZ MELODIA
Acustico Ao Vivo (8)
Indie

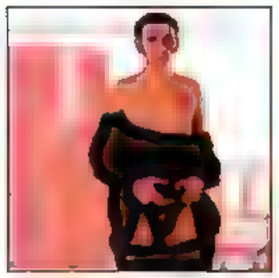
Luiz Melodia sempre foi um cantor de sucessos esparsos, porém marcantes. Nenhum dos seus discos alcançou vendagens assombrosas, mas ele sempre esteve com uma canção nas paradas. Este CD ao vivo, gravado no Teatro Rival (RJ), é o melhor resumo de sua obra nesses 25 anos de carreira. Acompanhado apenas pelos violonistas Perinho Santana e Renato Piau, Melodia solta a bela voz com emoção. O repertório é exemplar: "Dores De Amores", "Estácio Holly Estácio", "Magrelinha", "Pérola Negra" e covers saborosas de "Codinome Beija-Flor" (que fez mais sucesso com Melodia do que com o próprio Cazuza), "Diz Que Fui Por Aí" (Zé Kéti) e "Quase Fui Lhe Procurar" (do repertório de Roberto Carlos, regravada em 1998 por Melodia), entre outras. Só faltaram "Ébano" e "Juventude Transviada". Mas o resultado final ainda assim é grandioso.
Toninho Spessoto

Espontâneo e sem neuras

Qual o balanço que você faz desses 25 anos de carreira?
Luiz Melodia: Foi um tempo de luta, de batalha por um lugar, briguei para ser reconhecido. Acho que consegui.

No repertório faltam pelo menos dois clássicos, "Ébano" e "Juventude Transviada". Por que eles ficaram de fora?
Simplesmente porque não quis cantar essas músicas no dia da gravação. Não planejei repertório, fiz o mesmo show de todos os dias. Às vezes tiro uma ou outra música do repertório, sem uma razão específica.

Ultimamente você tem feito mais sucesso como cantor do que como compositor. Como encara essa situação?
Com a maior naturalidade. Gosto muito de cantar músicas dos outros, não tenho essa neura de ter que me afirmar constantemente como compositor. Gravar Cazuza, Zé Kéti e Roberto Carlos é motivo de orgulho para mim.

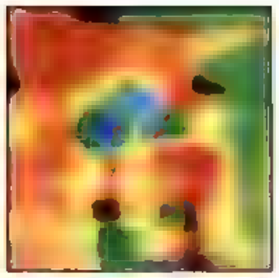


KEVIN ROWLAND
My Beauty (8)
Creation IMPORTADO

Ex-líder do Dexys Midnight Runners virou um bom crooner

Este é o primeiro álbum em onze anos de Kevin Rowland, ex-líder do Dexys Midnight Runners, uma das mais importantes bandas inglesas dos anos 80. Em músicas que vão do brega melosso ("The Greatest Love Of All", de Whitney Houston) ao pop crassíssico ("The Long And Winding Road", dos Beatles), passando pelo lounge ("This Guy's In Love With You", de Burt Bacharach), Rowland não se limitou a fazer meras covers. Ele chegou a reescrever partes grandes de algumas letras para deixá-las mais pessoais.

Antes mesmo do lançamento, Kevin já criou polêmica: tanto por se vestir de mulher na capa do disco, como por algumas mudanças na letra de "Thunder Road". O chefão Bruce Springsteen (autor) não gostou e vetou a inclusão da música no álbum. Com arranjos pomposos beirando o estilo Elvis Presley fase Las Vegas, *My Beauty* é um disco curioso e gostoso de ouvir. Há muito tempo não aparecia nada tão bom no mercado.
Luciano Vianna



KRISTIN HERSH
Sky Motel (7)
4AD IMPORTADO

Musa alternativa faz as pazes com a eletricidade

Ex-integrante do Throwing Muses, uma das mais festejadas e criativas bandas do rock alternativo (anque da segunda metade da década de 80, Kristin Hersh é gente que faz. Ou melhor, fez. Filhos, de preferência, teve três e só parou por causa de sérios problemas de saúde. Encerrada a longa pausa, a carreira de reprodutora ela teve de se contentar em fazer única e exclusivamente música e da boa.

Sky Motel é o quarto CD solo da autora e, apesar de não possuir nenhuma canção pop tão emocionante como a parceria com Michael Stipe, líder do R.E.M., em "Your Ghost" (do álbum *Hips And Makers*, de 1994), certamente vai agradar mais do que seu predecessor, *Murder Misery And Then Goodnight*, que trazia, pasme, regravações de hinos dos Aparaches (?).

Sky Motel marca também o reencontro de Kristin Hersh com a eletricidade. Logo no refrão da primeira faixa (e primeiro single), "Echo", reaparece a guitarra distorcida que marcou dezenas de músicas dos Throwing Muses. De vez em quando, a cantora perde o senso de direção e exagera na pompa dos arranjos e nos gorgeios, casos, respectivamente, de "Husk" e "Spring". Mas, quando acerta a mão, como na magnífica "A Cleaner Light", produz músicas perfeitas para grudar nos ouvidos e na programação das *college radios* (rádios universitárias) – se é que ainda existe algum desses lá nos Estados Unidos, sepultados no Brasil.
Carlos Marcelo

LOS HERMANOS
Los Hermanos (9)
Abril

Rock apunkalhado com letras de bolero – e é bom!

O grupo carioca Los Hermanos não trabalha com tantas influências latino-americanas assim. Mas se ouve nas letras – e na intensidade dos vocais emocionados e passionais de Marcelo Camelo. A música – o dramalhão, essa velocidade e animadeira – é basicamente punk rock pra lá de melodioso, com boas intervenções de teclados e sopros. Algumas melodias e letras batem forte em partes mais ska – ou esquizofrênicas, como queiram.

É impossível não cantar junto frases lacrimosas como "tire esse azedume do meu peito e com respeito trate minha dor" ("Azedume") ou "um aguém sem carinho será sempre um espinho dentro do meu coração" (do sucesso "Anna Julia"). Parece piegas, mas não é. Destaque também para a bateria firme e sem firulas de Rodrigo Barba. O melhor disco de estréia de uma banda nacional em muito tempo.
Bernardo Araujo

STING
Brand New Day (5)
A&M/Universal

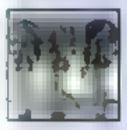
Sting abusa dos clichês e faz pop-cabeça maçante

É duro admitir, mas o outrora interessante e criativo Sting está se transformando num chato incurável. Depois do pavoroso *Mercury Falling*, lançado há três anos e que tinha até bossa nova em francês intragável, digam-se – o ex-líder do Police voltou com outro exercício de auto-indulgência duro de agüentar. *Brand New Day* é composto quase todo um clima de programações e [illegible] deixando de lado seus dotes de bom contrabaixista.

As canções na maioria falam de amor e coisas [illegible] e bem clichês eternos. O que as torna enfadonhas, casos de "A Thousand Years" e "Desert Rose". A [illegible] só melhora um [illegible] rockabilly "Fill Her Up", [illegible] Sting faz dueto com [illegible] Taylor, e na surpreendente [illegible] pontuada pela gaita [illegible] de Stevie Wonder. O que fica mesmo é a saudade dos primeiros discos solo do sujeito.
Toninho Spessoto

Tudo bem, em termos

SUPERGRASS
Supergrass (7)
Parlophone/EMI



Há quem não perdoe, mas era inevitável: acabou-se a adolescência para o Supergrass. A euforia "somos jovens, corremos livres, tudo bem" do primeiro sucesso, "Alright", virou "tudo bem, estou tentando levar a vida" em "Shotover Hill", faixa deste terceiro álbum da banda. Isso não significa que Gaz Coombes, Mick Quinn, Danny Goffey e o tecladista Robert Coombes não saibam mais compor os velhos rocks energizados que Faces e Rolling Stones faziam. "Jesus Came From Outer Space" e "Pumping On Your Stereo" são dois bons exemplos disso. A segunda, então, poderia estar num disco do T. Rex dos anos 70: "A vida é um cigarro, fume até o fim..."

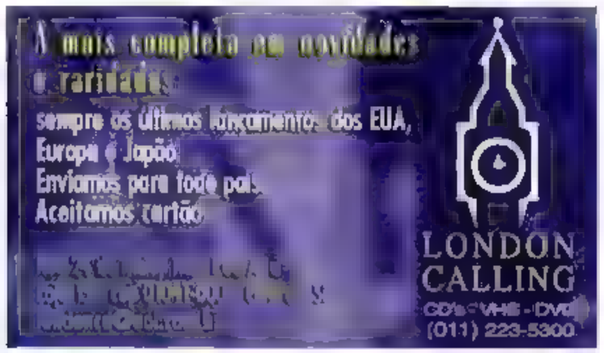
É, as letras estão angustiadinhas. "Não sei quem eu sou", pergunta a ótima "Moving", que começa suave e explode em baixo e palminhas típicas de discothèque no refrão. "Preciso de salvação", implora a musicalmente ensolarada "What Went Wrong With My Head". Em quatro ou cinco faixas, a coisa fica realmente soturna. No saldo final, mesmo sem repetir o brilho do segundo álbum, *In It For The Money*, o Supergrass continua sendo uma banda confiável e talentosa.
Pedro Só

Supergrass: "Meu Deus, a maturidade está chegaaando!"

E mais...

Pop, o reggae da Tribo de Jah, trilhas sonoras, o mambeiro Lou Bega, Verônica Sabino e o rock do Spy v.Spy

Disco	Quem?	Como?	Funciona?
[redacted] (Ind e)	A banda de reggae maranhense Tribo de Jah, uma das melhores do gênero no Brasil	Em CD gravado ao vivo no Palace, em São Paulo.	Sim, e o repertório tem clássicos como "Redemption Song" (Bob Marley) e "Police And Thieves" (de Junior Murvin, regravada pelo Clash).
SWING (RCA/BMG)	A cantora inglesa Lisa Stansfield.	Interpretando clássicos do swing das décadas de 30 e 40, como "Our Love Is Here To Stay", "The Best Is Yet To Come" e "Mack The Knife"	Dá para o gasto. Lisa é afinada, embora abuse um pouco das firulas vocais. Mas o resultado é acima da média.
MLTR (Medley/EMI)	A banda pop dinamarquesa Michael Learns To Rock.	Num disco cheio de baladinhas românticas chatas na mesma linha de Five, 'N Sync e Backstreet Boys.	Não. É repetitivo e igual a muitas outras coisas (ruins) do mercado.
PASSADO A LIMPO (MPB)	A cantora Verônica Sabino, uma das boas vozes femininas surgidas nos [redacted].	Em coletânea com hits, duas covers ("Lágrimas E Chuva" e "Impossível Acreditar Que Perdi Você") e uma inédita, "Melhor Pra Mim"	Sim, embora às vezes o repertório não esteja à altura da cantora. As belas interpretações de "Todo Sentimento" e "Lua Branca" mostram todo seu potencial.
[redacted] (Virgin)	Gente do primeiro time do pop rock atual, como Blur, Skunk Anansie, Fatboy Slim, Placebo, Counting Crows, Marcy Playground, The Verve.	Na trilha sonora do filme *Segundas Intenções*, estrelado por Sarah Michelle Gellar, do seriado *Buffy, A Caça-Vampiros*.	Sim, o repertório é bem construído, com destaque para "Bitter Sweet Symphony" (Verve), "Coffee & TV" (Blur) e "Praise You" (Fatboy Slim).
A LITTLE BIT OF MAMBO (Un cade/BMG)	O malandraço alemão – mas com cara de porto-riquenho – Lou Bega	Num disco dançante com muito mambo e calipso costurado com batidas eletrônicas. O hit é adaptação do "Mambo Nº 5", de Perez Prado.	Quase sempre. Nos anos 80, Kid Creole fez coisas melhores. E "Can I Tico Tico You", versão chicana da nossa "Tico-Tico No Fubá", é infame.
AMERICAN PIE (Universal)	Bandas americanas da geração 90, como Third Eye Blind, Dishwalla, Sugar Ray, Tonic e Blink 182.	Em músicas falando de amor, farras e desesperança, casos de "You Wanted More", "Find Your Way Back Home" e "Summertime"	Este é mais um daqueles filmes macantes sobre jovens às voltas com pais separados, drogas e virgindade. A trilha combina com o enredo
[redacted] (Tronador/ Trama)	A banda australiana Spy v Spy, bastante popular no Brasil.	Em coletânea dupla com trinta faixas, com hits como "Don't Tear It Down", "Clarity Of Mind" e uma cover inédita de "Turn, Turn, Turn", dos Byrds.	Claro, o rock com mensagens sociais do trio tem qualidade. Som que faz dançar e pensar sem ser chato até que vai bem.
VERTICAL HORIZON (RCA/BMG)	O Vertical Horizon, quarteto americano de rock originado de um duo acústico.	Num interessante terceiro disco, com boas canções como "You're A God", "Send It Up", "Best I Ever Had (Grey Sky Morning)" e "Finding Me"	Sim, o som é competente, com boas guitarras. O vocal sta Matt Scannell, autor de todas as canções, canta bem e tem potencial para decolar.



CD's POR ENCOMENDA

STUDDIO MUSIC SHOPPING

CD's • LD'S • VHS e Acessorios

Qualquer título por encomenda, nacionais e importados. Enviamos para todo o Brasil via correio, com toda segurança. Consulte-nos!

Visite nosso Site: www.studiomusic.com.br
E-mail: studiomusic@studiomusic.com.br
Tel.: 0XX - 11 - 6128-0041 - Tel/Fax: 0XX - 11 - 6965-7351

O Novo Álbum
The Distance To Here,
incluindo
"The Dolphin's Cry"
Já à venda!
MÚSICA É UNIVERSAL

Anthony Kiedis abusa do visual Iggy Pop e Flea *(abaixo)* brinca de ser o melhor baixista da atualidade

Mágica comportada

Red Hot Chili Peppers

Credicard Hall (São Paulo, 8/10)

Muita expectativa cercava essa segunda vinda dos Chili Peppers. Primeiro, pela presença do guitarrista John Frusciante, que acaba de retornar à banda depois de um exílio heroinico que quase o levou para o beleléu. Melhor guitarrista que já passou pelo grupo, ele não havia participado do primeiro show dos Peppers, no Hollywood Rock de 1993. Segundo, pelo sucesso de *Californication*, com "Scar Tissue" e "Around The World" em alta rotação nas rádios e na MTV. Terceiro, pelo cancelamento de duas das três datas programadas para o Brasil. Quarto... Bom, porque a banda é boa pra caralho. A manifestação na frente da UNE, em São Paulo, e o abaixo-assinado de 4 mil nomes de nada adiantaram, não houve show extra. A banda tinha de estar no dia seguinte no México e uma do show para o hotel, do hotel para o aeroporto.

Sete mil felizardos se espremeram no Credicard Hall para uma hora e meia de prazer. As cinco pequenas saídas não seriam suficientes para escoar tanta gente em caso de tumulto. Mas tudo correu bem tirando os bebuns que consumiram quase 100 ampolas de glicose do posto médico. O repertório foi uma combinação de *BloodSugarSexMagik* ("Give It Away", "If You Have To Ask", "BloodSugar Sex Magik", "The Power Of Equality") com *Californication* (os dois singles, mais "Otherside" e "Get On Top") dos álbuns gravados com a guitarra de Frusciante (o outro é *Mother's Milk*). Exceções foram "Warped", primeira faixa do álbum *One Hot Minute*, e "Me And My Friends", o álbum de estréia, *The Uplift Mofo Party Plan*. Sem os capacetes fumegantes anunciados em entrevista a um grande jornal, os músicos se comportaram muito bem. Flea estava excepcionalmente vestido com um sarongue; Anthony Kiedis exibia os resultados de centenas de abdominais diários; e John, com visual mendigo-com-camisa-de-flanela.

Fizzarramente, Anthony Kiedis dedicou "Could Have Lied" ao jogador Edmundo. Muitos reclamaram do som [que, no Credicard Hall, realmente deixa a desejar privilegia os camarotes em detrimento da platéia], da falta de inclinação na pista (baixinhos não viam nada – e da duração do show. Parece que é querer demais uma boa banda internacional numa turnê de shows que respeita o público. Enfim, valeu a palavra de Flea: "Sejam mais gentis uns com os outros".

Andrea Estevam

John assume o microfone no bis; Chad *(abaixo)* alterou as viradas em "My Lovely Man"

"Quem estupra, tem de ser capado"

Quando o guitarrista John Frusciante saiu da banda, houve muito ressentimento. Houve tensão antes da volta?

John: Tivemos uma luta de kung fu *(risos)*.

Kiedis: Se eu tivesse topado com John na época de sua saída, teríamos saído na porrada. Mas quando voltou, eu já havia rezado por ele tantas vezes que o ressentimento tinha sumido.

John: Um ano antes de eu sair, não nos olhávamos nem no palco. Depois, durante muito tempo, ainda mandei más vibrações para ele, mas aos poucos isso foi mudando.

Como é ter John de volta?

Flea: É uma bênção do cosmos. John é o melhor guitarrista do mundo.

Foi você quem tomou a iniciativa de trazê-lo de volta à banda?

Flea: Todos nós sempre pensamos nessa possibilidade. A época com Dave Navarro foi muito frustrante porque nunca tirávamos um som só por prazer, não havia a camaradagem de hoje.

Como foi tocar em Woodstock este ano?

Chad: Eu vejo como mais um festival e não como aquele muito. Pensando assim, foi um ótimo show. Não tivemos nada a ver com as coisas que aconteceram durante nosso show. Não incitamos ninguém a atos violentos, nem a atear fogo nas barracas.

Flea: Vi garotas nos ombros de outras pessoas mostrando os seios, e várias mãos subindo, tentando tocá-los. Paramos de tocar e eu disse: "Vocês têm de respeitar as mulheres. Se elas querem mostrar os seios, lindo! Elas têm liberdade de fazer isso. Mas vocês não podem tocá-las sem ter sido convidados". Quando fiquei sabendo que haviam ocorrido estupros, fiquei enojado. Quem estupra uma mulher devia ter o pênis cortado *(risos)*.

(Quase) paz e amor

Lenny Kravitz

Madison Square Garden (NY), 8/9

Roqueiros, quarentões nostálgicos, clubbers, adolescentes excitadas e outras tribos estavam ali para conferir o campeão da onda retrô-hippie dos anos 90. A turnê *Freedom*, patrocinada pela marca Tommy Hilfiger, fazia sua primeira e única parada em Nova York, cidade natal de Lenny.

As duas bandas de abertura, Smash Mouth e Buckcherry, entreteram bem os 17 843 presentes. Detalhes: garçons passavam vendendo champanha com morangos, não tinha fila para os banheiro (limpíssimos) e um trio zinho simpático recebia todos na entrada e levava educadamente para o lugar. Igualzinho ao Brasil.

O som ambiente dava o clima. Aretha Franklin, Sly Stone, Al Green... As luzes se apagaram e o cenário totalmente anos 70 se revelou: um painel de bolonas prateadas que mudavam de cor e um tablado de PAs, todos brancos, com a bateria (da poderosa Cindy Blackman), a percussão, os metais, o teclado e dois *backing vocals* em cima. Todos vestidos de brechó. Lenny... Bem, parecia que ele tinha pego roupas do armário do Jimi Hendrix, calça de veludo roxo e colete de pele tigrado rosa.

Aos 35 anos, ele nem precisava, mas provou que, além de cantar bem, é bom de palco. Foram duas horas de rock'n'roll, poucas baladas e muitos momentos altos.

"Isso é uma viagem: assisti ao primeiro show da minha vida aqui com meu pai, Jackson 5 e depois Aretha Franklin", avisou. Sortiu efeito, mas o gabola é a loucura mesmo quando, durante a última música do show, "Let Love Rule", Lenny pulou para o público num "mosh de amor" e foi andando por cima das cadeiras. Lindo o som tocado, para desespero dos seguranças. Foram 8 minutos com quase 18 mil pessoas cantando "let love rule" (deixe o amor mandar). Lindo!!!

Minutos depois, uma briga entre playboys bêbados provava a fugacidade daquele momento de união. Mas quase todos saíram para a casa com a sensação de dever cumprido.

Adriana Penna

Pavement: a timidez do líder Steven Malkmus e a descerebração de Bob Nastanovich *(abaixo)*

David Ayers (guitarra), MC Det e Ali Friend (baixo): jungle orgânico no Red Snapper

The Arsonists *(acima)*, revelação hip-hop que terá seu CD de estreia lançado no Brasil

Selo de garantia

A Nice Weekend In New York

Irving Plaza (Nova York), de 23 a 25/9

O [illegible] se o independente Matador Records não é mais aquele. Depois de lançar Pavement, Superchunk, Liz Phair, Teenage Fanclub, Belle & Sebastian (os dois últimos, só nos EUA), e de estar atirando para várias direções. Otima bota. Identificada com uma certa melancolia de garagem [illegible] pela chamada "nação alternativa" [illegible] universitários e vagabundinhos americanos que vivem pela Internet — a gravadora comemorou dez anos de atividades com um festival [illegible] desfilar dezessete [illegible] em três noites no palco do acolhedor Irving Plaza.

O consumidor hoje é menos fiel a um gênero [illegible] essa [illegible] de Chris Lombardi, fundador e sócio da Matador. Não por acaso, a primeira noite foi aberta pelo drum'n'bass híbrido do [illegible] do inglês Dylan Nathan. Dois grupos de hip hop do Brooklyn vieram em seguida. O primeiro, Non Phixion, mostrou raps politizados e um integrante [illegible] numa máscara de Ronald Reagan a puxar [illegible] demente.

The Arsonists foi o segundo porto-riquenhos que lançaram um elogiado disco, *As The World Burns*, com gosto de hip-hop velha guarda. As coreografias [illegible] profissionais [illegible] era uma galera fazendo farra em pleno palco. "A Matador tem dez anos, mas agora que lançou a gente é que a história começa pra valer", soltaram lá pelas tantas. Chris Lombardi, na plateia, riu muito.

Depois, o Mogwai, foi um [illegible] contraste. A superestimada banda [illegible] escocesa mostrou suas [illegible] e modorrentas composições para uma tribo catatônica, porém embasbacada. Na primeira fila, a atriz Chloe Sevigny, de *Kids*, musa da galerinha *indie* de Nova York — que também tem desses provincianismos) trocava sorrisos [illegible] Stuart Braithwaite, guitarrista.

Agora, impressionante mesmo tinha sido [illegible] a performance do Red Snapper, grupo [illegible] que transita entre trip hop e o jungle, mas que ao vivo [illegible] eletrônico. O baixo [illegible] de Ali Friend é capaz de levantar o mais tristinho dos *indie kids*. Bastou o [illegible] MC Det ordenar: "Vamos levantar, vocês vão dançar!". A endiabrada vocalista Alison David [illegible] e botou as mãos no joelho [illegible] várias abaixadinhas.

O esquisitão japonês Cornelius fechou os trabalhos com seu pop hiperecletico com aquele gosto de tajutice típico do pop de seu país. Em sua babel de referências [illegible] para um sampleado [illegible] Brasil [illegible] que marcava as transmissões futebolísticas da Globo nos anos 80.

Noite seguinte, seus conterrâneos da banda Guitarwolf empolgaram com rock demencial. O melhor da história: tem disco deles — e também do Arsonists — saindo no Brasil pela Trama (que já lançou *Terror Twilight*, do Pavement, *Fantasma* e *FM*, do Cornelius). Na plateia, Kim [illegible] e Beck conferiram o rock estéril do Chavez, a androginia do Khan (alemão [illegible] do underground nova-iorquino) [illegible] da cantora folk Chan Marshall, que grava sob o nome Cat Power.

O Pavement fez o melhor show do festival, no estilo retrospectiva. Foi de "Here" e "Trigger Cut", do álbum de estreia *Slanted And Enchanted* (de 1991), tocou "Stereo" (que ironiza Geddy Lee, do Rush) e "Range Life" (que sacaneia os Smashing Pumpkins), e, no bis, a nova "Spit On A Stranger" e "The Killing Moon", do Echo, lado B do último single, "Major League". Steven Malkmus ficou o tempo todo no lado do palco, cantando de olhos fechados, mas o maluco Bob Nastanovich (percussão e intervenções heterodoxas) quebrava o clima nerd [illegible] os integrantes da banda [illegible] tem feito [illegible] soltando impropérios e gritos. Como bem [illegible] o Blur, "uh huuu!"

Na terceira noite, tivemos Bardo Pond (mais indie rock cabisbaixo e dissonantoso), Come, que poderia ter sido o Garbage (surgiu em 1990 com um som parecido), mas perdeu o trem da história, e Mary Timony, ex-vocalista do Helium, chata, chata, chata. Houve ainda Solex, da holandesa Elisabeth Esselink, mestre em colagens musicais. O cultuado trio Yo La Tengo começou o show final perdido em improvisos com um naipe de metais, mas terminou [illegible] com "Everything Flows", do Teenage Fanclub.

No bis, [illegible] surpresa [illegible] Jon Spencer, outra estrela da companhia, entrou e cantou "Slack Motherfucker", hino de outra banda que começou na Matador, Superchunk. [illegible] aqui na festa da Epitaph Records" [illegible] apresentando os [illegible] gravadora. No camarim, Jon confessou: "Não deu para tocar com a banda *(Blues Explosion)*, mas eu tinha de vir [illegible] missão constranger esses caras!" Estava salva a porção rock do indie rock.

Pedro Só

Alison e MC Det, do Red Snapper, detonaram

Alf Campbell, do UB40: a maior banda de covers do planeta agradou

Foi lindo ouvir Cecil Spence, do Israel Vibration

Nativus: a cara do público

Ritmo frouxo

Ruffles Reggae
Anhembi (São Paulo), 2/10

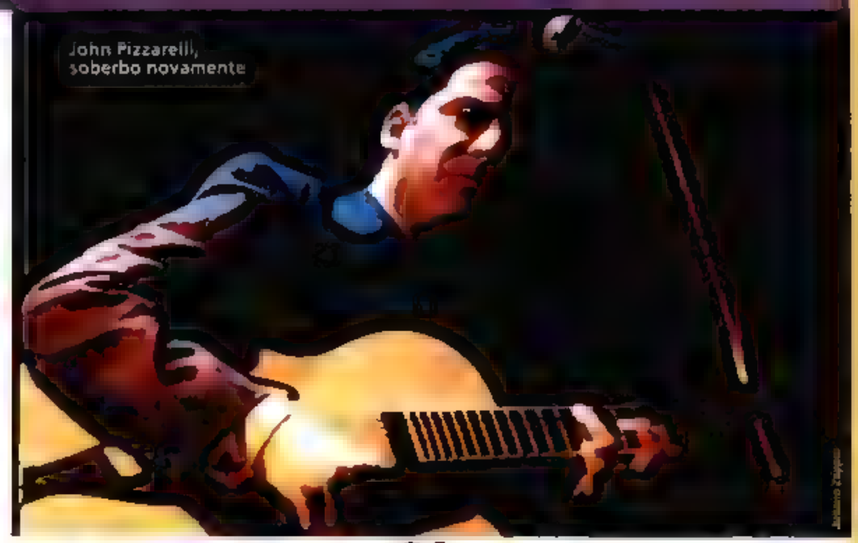
Ninguém reparou quando o cara veio, atravessou no meio da massa e parou, a uns 40 metros da torre de som. Paulo Roberto Da Gama teve infância dura em Belford Roxo (RJ), trabalhou no cais do porto, em oficina mecânica, foi vendedor em livraria e andou mais de ônibus do que muito cobrador por aí. Adora reggae.

Embalado na música, ele viajou e... num instante, estava na Califórnia, onde acontece o festival Reggae On The River "O Woodstock do reggae", nas palavras dele, que é guitarrista do Cidade Negra e já se apresentou por lá. Esse Reggae On The River rola à beira de um rio – local um tanto mais aprazível que um estacionamento no Anhembi. Tem dezesseis anos de história, seus organizadores gostam de reggae e produzem shows do gênero o ano todo – eles não estão nessa só porque é moda ou dá uma boa grana. Este ano, o evento teve Third World, Maxi Priest, Shaggy, Culture, Ziggy Marley, Steel Pulse e mais vinte nomes legais. Por aqui, rolaram apenas quatro atrações: Nativus, Cidade Negra, Israel Vibration e UB40. As comparações poderiam ir *looooonge*, mas já está bom. Achei que seria útil dar uma referência antes de dizer que esse Ruffles Reggae estava frouxo.

O Nativus entrou botando pra cima. O público e os artistas se parecem: dançam igual e usam roupas no mesmo estilo. Com letras que lembram as de pagode, a banda de Brasília fez até vendedor de refrigerante cantar. O Cidade Negra veio depois, aquele *dream team* no palco e um sucesso atrás do outro. Foi só correr pro abraço.

E, então, os gringos. Primeiro, os jamaicanos do Israel Vibration, que não têm mais Albert Apple Gabriel (decolando em carreira solo, já com álbum lançado). Os remanescentes do ex-trio Cecil Spence e Lacelle Bulgin (deficientes físicos que dançam de muleta!), adoraram ver a platéia cantando junto em "Why Worry", "There Is No End" "Rudeboy Shufflin" e "Feelin' Irie". Lá pelas 11 horas, entraram os mauricinhos do UB40, a maior banda de covers do mundo: "Here I Am", "Homely Girl", "Cherry Oh Baby", "Legalize It", "Red Red Wine" .. E aí acabou, debaixo de garoa, num frio de matar. Frouxo, não?

Otávio Rodrigues


John Pizzarelli, soberbo novamente

Emoções atemporais

John Pizzarelli
Bourbon Street (São Paulo), 16/9

Uma noite encantada. Não é exagero usar essa expressão para descrever a derradeira apresentação de John Pizzarelli na recente temporada paulista. O bom moço do swing pisou no Brasil pela primeira vez no Free Jazz Festival de 1996, retornou em 1998 e oxalá vire *habitué* de nossos palcos. A miniturnê brasileira, que ainda passou por Rio e Manaus, serviu para divulgar seu recente álbum, *John Pizzarelli Meets The Beatles*.

No show, Mr. Pizza não ficou preso ao repertório de Lennon e McCartney. Acompanhado de dois incríveis músicos, o pianista Ray Kennedy e o baixista Martin Pizzarelli, mandou vários *standards* da música americana.

"Should I" foi a escolhida para o primeiro arrepio. Conhecida na voz de Frank Sinatra, a canção dava uma idéia do que aconteceria ali. Em "Hit Jive Jack", Nat King Cole ressuscitou. Enquanto uma parte do público hesitava em bater palmas e cantar junto, outra cedia silêncio incessantemente. Mas todos estavam entregues à conversa entre as sete cordas da guitarra de John. Diretamente de Nova Jersey para os corações do mundo.

O pianista Oscar Peterson ganhou homenagem em "Oscar Night", prelúdio para a clássica "As Time Goes By". Como se ainda precisasse, o Pizzarelli Trio comprovou seu poder no diálogo de "Hip Hooray". Como num desafio de repentista, John mandava uma sequência de acordes na guitarra para que Ray repetisse ao piano. Até um trechinho de "Smoke On The Water" (do Deep Purple, improvável referência para um swingueiro) entrou na disputa. Um solo de contrabaixo fez a vez da cereja no topo do bolo.

Após uma hora de deleite, a primeira dos Beatles: "And I Love Her". Besteira tentar reproduzir a beleza da versão com palavras. "Can't Buy Me Love" virou um swingão. Sempre levando *scats* durante as músicas agitadas, a voz terna de Pizzarelli cristalizou o momento mais lindo da noite quando fez sentir sua ausência. Sem medo de parecer apelativo ou demagógico, o guitarrista fechou com "The Girl From Ipanema", deixando que a platéia levasse sozinha a letra.

José Flávio Júnior

Soltão no swing

O próximo disco vai ser com músicas dos Rolling Stones?
John Pizzarelli: Sim *(risos)*. E depois Black Sabbath *(risos)*.

Você não pretende mais gravar clássicos de outros artistas dos anos 60?
Não. Os Beatles são especiais. E a idéia veio depois de eu gravar uma música deles (*"Honey Pie"*, em *Our Love Is Here To Stay*) e obter boa resposta.

Mas foi divulgado que você vai gravar um álbum só com Tom Jobim. .
Tenho vontade. Acho que ele sai, no máximo, em dois anos. Gosto muito de bossa nova. Quem não gosta?

Você ouve musica pop atual? Elliot Smith?
Quem? Não sei quem é esse, mas tenho certeza de que ele sabe quem sou. Não ouço nada moderno: Tom Petty, Sting, Billy Joel, James Taylor. Não consigo colocar um disco para tocar, escutar uma música e atender o telefone. Nessa viagem, estou ouvindo CDs nos quartos de hotel, onde ninguém me perturba. Trouxe Paul Simon, Pat Metheny, Oscar Peterson e Ella Fitzgerald comigo.

Depois desse disco com Beatles, você não acha que está ficando popular demais?
Eu acho que minha carreira está acabando. Mais um ano e... Na verdade, tenho só mais vinte minutos e acabou *(risos)*. Esse tempo é precioso. Pode ser minha última entrevista!

Não brinque com isso.
Eu toco a mesma música há vinte anos. Todo mundo diz que é música velha. Eu gosto do que faço e as pessoas também. Não penso em ganhar bilhões de dólares.

Você curte a nova onda de bandas americanas de swing? Squirrel Nut Zippers, Big Bad Voodoo Daddy...
Eu comecei tudo isso há dez anos! Em 1983, já cantava músicas de Nat King Cole!

Mas essas bandas são bem mais recentes. Estou falando da onda nova mesmo.
Então eu sou da velha? *(risos)* Pergunta para eles se me conhecem. Brian Setzer? Legal, rock'n'roll. Quer uma boa banda de swing? Count Basie. Quando o jovem ouve essas bandas novas, pensa "deve haver mais do que isso". A acaba chegando na gente. Isso é bom pra todo mundo. Não que eu me ache melhor do que os outros... Você não acredita em mim, vejo isso na sua face.

Marky (na bateria) & The Intruders: consolo para as viúvas dos Ramones

Fotos: Marcelo Ximenes

Herdeiros do hey-ho, let's go!

Marky Ramone & The Intruders, Grinders e Carbona

Broadway (SP), 16/9

A apresentação do grupo novaiorquino Marky Ramone & The Intruders, liderado pelo lendário baterista dos Ramones, Marky Bell, teve bons apertivos. A banda carioca Carbona abriu os trabalhos com um set básico composto por musicas de seu primeiro disco, *Go, Carbona, Go*, e algumas do próximo album *Back To Basics*. Logo em seguida, Grinders, lendário quarteto de skate punk dos anos 80, ressuscitou, mais de cinco anos depois de ter feito o último show, em algum lugar de Santo André (SP).

Segundo o vocalista e guitarrista Pobreza, a banda havia feito apenas cinco ensaios para essa volta. Mesmo com audíveis erros de entrosamento, os Grinders não decepcionaram: tocaram as clássicas "Skate Gralha" e "Puta Vomitada" do seu único LP (que está para sair em CD).

Com presença de palco e energia, o trio Marky & The Intruders foi conquistando pouco a pouco a simpatia do público. O retorno, claro, vinha muito mais intenso nas covers de Ramones – entre elas, "I Don't Care", "Anxiety", "I Wanna Be Sedated" (com a participação do baterista da banda paulistana Forgotten Boys e Marky ao microfone) e "Blitzkrieg Bop". A maioria das pessoas estava lá muito mais pelo passado e pelo sobrenome artístico de Marky do que pela energia das músicas do trio. E daí? Marky deve saber muito bem disso.

César "Lost" Carpanez

Ação entre fãs

A banda Carbona, do Rio, abriu para os Intruders em São Paulo. Mas vocês já haviam tocado com eles em turnê no Canadá, não?
Marky Ramone: Sim. Eles têm influências nítidas de Ramones e qualquer banda que tenha essa influência está no caminho certo.

Por que tocar tantas covers de Ramones?
Nós tocamos 26 ou 27 musicas e apenas três ou quatro são do Ramones. Eu não acho que seja necessário, mas é uma coisa que gostamos de fazer por causa de nossos fãs.

Os Intruders gostam de tocar essas covers?
Sim, eles sempre foram fãs do Ramones. Tocamos "Anxiety", que eu mesmo escrevi. Os Intruders não precisam tocar Ramones, mas o fazem porque gostam das musicas.

Você ainda toca com The Ramainz?
Sim, esse é um projeto paralelo que eu e o Dee Dee criamos para nos divertir e tocar as musicas do Ramones que ele escreveu. A formação traz Dee Dee na guitarra e voz, sua atual esposa, Barbara, no baixo e voz, e eu na bateria. Acabamos de lançar um CD ao vivo chamado *Live In N.Y.C.*, com 24 faixas.

The Ramainz planejam fazer turnês?
Não. Formamos a banda apenas para nos divertir e fazer alguns shows em Nova York e Los Angeles. Sem compromisso.

Dee Dee Ramone toca com mais alguém?
Não. Ele tem apenas composto algumas musicas e está escrevendo um livro.

Você ainda não fala com Joey Ramone?
Não.

Volta necessária

The Cult

House Of Blues (Los Angeles), 19/8

Primeira noite anunciada, ingressos esgotados. Segunda noite anunciada, ingressos esgotados. Mais três noites anunciadas, ingressos esgotados. Outra noite anunciada, ingressos esgotados. Sétima noite anunciada, ingressos esgotados! Los Angeles recebeu a volta do The Cult de braços abertos. Até mesmo o local dos shows, House Of Blues, mudou seu nome para House Of The Cult em homenagem ao grupo. Na segunda noite dessa série de apresentações, o vocalista Ian Astbury, o guitarrista Billy Duffy, o baixista Martyn Le Noble (ex-Porno For Pyros), o baterista Matt Sorum (de volta ao grupo após deixar o Guns N' Roses) e o guitarrista Mike Dimkich (que só toca em turnê) retribuíram com um dos melhores shows de rock pesado já vistos na cidade.

Pearl Jam, Oasis, Hole e outros nomes do rock destacados nos anos 90 são piadas perto do Cult ao vivo. A diferença é que Ian e Billy, membros originais do grupo, são cobras criadas nos anos 80 – uma década lembrada por verdadeiros shows de rock, com músicos balançando cabeças e flexionando músculos, amplificadores saturando guitarras e fazendo tremer o concreto, fãs cantando versos e berrando refrãos. O Cult manteve essa tradição e emocionou pela força e a melodia de hits inesquecíveis, como "Fire Woman", "She Sells Sanctuary", "Rain" e "Revolution".

A reação dos fãs lembrou um show de punk ou heavy metal. Durante as canções mais pesadas, eles abriram rodas de pogo e se jogaram impiedosamente em direção ao palco. Animado e satisfeito, Ian disse antes de "Love Removal Machine", a última música do show: "As próximas noites terão diversas surpresas. Se vocês não conseguirem achar ingresso, roubem, pulem a janela, façam de tudo para entrar".

Daniel Oliveira

Billy Duffy e Ian Astbury *(ao lado)* mostraram a força eterna do rock'n'roll

Daniel Oliveira

Ian mundo queria subir no palco e Dave Smalley *(e boné)* precisou acalmar atleta e seguranças

Bombeiros hardcore

Down By Law

Broadway (São Paulo), 28/9

O vocalista e guitarrista Dave Smalley é uma tradicional figura da cena punk/hardcore americana. Lidera o quarteto Down By Law, mas já pôde ser visto à frente de outras grandes bandas, como All e o inesquecível Dag Nasty. Lançando seu sexto álbum, *Fly The Flag* – o primeiro sem o selo da gravadora Epitaph –, o Down By Law aterrissou no Brasil sem essa de disco de trabalho: o show não incluiu quase nada do novo CD.

Com Nitrominds e White Frogs na abertura, o grupo não precisou se esforçar muito para levantar o público: os jovens vestidos de uniforme e fãs de skatista cantavam em coro a maioria das músicas. O *set list* foi contado nos álbuns *Punkrockacademyfightsong* e *All Scratched Up*, mas não deixou de incluir velhas músicas, como "The Last Brigade" e a versão para "Best Friends".

Único problema: a banda foi obrigada a parar inúmeras vezes devido a confusões entre os seguranças da Broadway e algumas pessoas que não se contentavam em assistir ao show do lado de baixo do palco. Ao ver um dos seguranças segurando pelo pescoço um garoto que aparentava ter 17 anos, Dave Smalley pediu calma: "Alguém falou para esses caras que aqui embaixo estão nossos amigos mais. Eles são nossa família". Por outro lado, também tentou advertir os fãs: "Temos que combater a violência de dentro com nossas mentes e canções. Dessa forma, estaremos sendo inteligentes. Eles são muito mais fortes e podem machucá-los de verdade." Inconformado no som, o Down By Law acabou tendo de apagar incêndios para evitar maiores problemas.

C. L. C.

"Ninguém vai embora!"

Yes
Canecão (Rio), 6/9

A platéia carioca inventou um novo grito de guerra para implorar mais doses de Jon Anderson

Depois do distante Rock In Rio, em janeiro de 1985, o Yes já havia apresentado no Brasil dois shows bem distintos. O primeiro, em 1994, ainda com o guitarrista sul-africano Trevor Rabin, foi composto quase exclusivamente de músicas do álbum *Talk*, então recém-lançado. No ano passado, já com o dinossauro Steve Howe de volta às seis cordas, a banda apresentou um repertório cheio de clássicos, aquelas mesmas músicas que compuseram o disco triplo ao vivo *Yessongs*, de 1973.

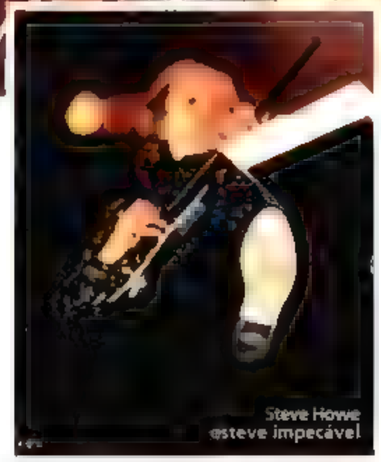
Desta vez, a formação da banda pendia para o período clássico: Jon Anderson (voz) Chris Squire (baixo), Howe e Alan White (bateria) – todos presentes nos momentos mágicos da década de 70 – e mais o russo Igor Koroshev (teclados), um bom substituto para o semideus Rick Wakeman e Billy Sherwood, um clone de Trevor Rabin (para a fase "Owner Of A Lonely Heart"). A comunidade progressiva carioca prestigiou em peso e o show correu bem, com a clássica "Yours Is No Disgrace".

Mas logo o sexteto deixou claro que estava lá para apresentar seu novo disco, *The Ladder*. Para cada clássico vinham duas músicas novas (algumas muito boas, diga-se). Mas a platéia queria mais. Jon Anderson percebeu, e nos intervalos cantava, sozinho, trechos de canções como "A Time And A World".

É impossível deixar de reverenciá-lo como um cantor perfeito, uma das razões da importância do Yes na história do rock. Por outro lado, Jon ainda não sabe se comportar num palco: fica saltitando feito mico e acena meio sem jeito para o público (muitas vezes com o jurássico sinal de *hang loose*).

Outro velho problema: o Yes tem músicas longas e sempre as toca na íntegra. Se decidisse incluí-las em *medleys*, talvez o público não perdesse tantos clássicos ("Close To The Edge", "And You And I", "Starship Trooper", "Heart Of The Sunrise" não foram ouvidas). Menos mal que o fim do show valeu os 40 reais do ingresso: depois de mandar "Roundabout" no encerramento e "I've Seen All Good People" no bis, a banda não conseguiu ir embora. A platéia, insistente, criou um novo grito de guerra – "ninguém vai embora!" – e o segurou por quase dez minutos. E os seis voltaram para novo bis, sem ensaio, e tocaram "Long Distance Runaround". Em delírio, os fãs acharam o máximo ver seus ídolos errando convenções e não tendo idéia de como acabava a música. Grande Yes.

Helvecio Parente


Steve Howe esteve impecável

Alegria que não sai nos jornais

Engenheiros Do Hawaii
Canecão (Rio), 11/9

Mais de 2 mil pessoas encheram a pista do Canecão para a estréia de *Tchau Radar!* em terras cariocas. Blumps e pzóings (calma, apenas sons sequenciados) anteciparam a entrada do quarteto, com o guitarrista Luciano Granja na beira do palco, mandando o riff de "O Papa É Pop". A banda espertamente escolheu entrar incendiando a galera. E os bravos e fiéis fãs dos Engenheiros, acostumados a ouvir chacotas dos amigos, se lançaram com paixão a uma sessão de aeróbica, que entrou por "O Exercito De Um Homem Só" e "Ninguém=Ninguém" e desembocou na primeira música da noite tirada do novo disco, "Concreto E Asfalto". Alguma mudança na pulação? Só porque a música era mais lenta. A letra continuou na boca de todos.

Como banda ao vivo, os Engenheiros vem o melhor momento de sua carreira. Além da tradicional competência do Alemão no baixo e na voz, Luciano é roqueiro na dose certa, bom de bases e solos; o tecladista Lúcio Dorfman segura a onda sem aparecer demais, e Adal Fonseca constitui-se na grande estrela dos coadjuvantes. Técnico e criativo, ele chega a lembrar Igor Cavalera, do Sepultura. Os tais barulhinhos, se ajudam a criar o clima para algumas canções, não precisavam aparecer durante o show todo.

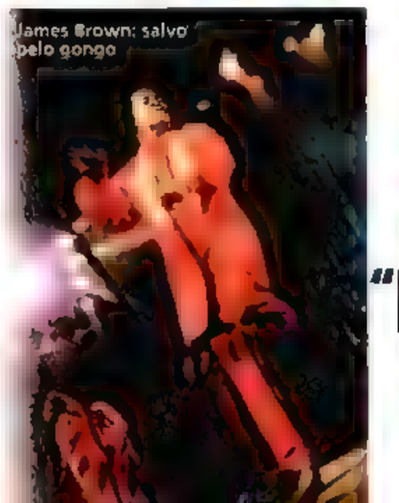
Após mais alguns hits e novidades – incluindo os sucessos recentes "Eu Que Não Amo Você" e "Negro Amor" –, o momento pelo qual todas as meninas estavam esperando. "Há mais de dez anos eu tento falar entre as músicas e não consigo", disse Humberto, enquanto pegava um violão. Sozinho, lembrou "Alívio Imediato", "Terra De Gigantes", "Somos Quem Podemos Ser" e outras, em versões enxutas.

Ao chamar a banda de volta, agradeceu aos gritos histéricos de "Humberto! Humberto!" brincando: "Vocês não têm lido muitos jornais e revistas, né?"

Depois de duas músicas do Humberto Gessinger Trio vieram os clássicos "Infinita Highway" e "A Promessa", para fechar os trabalhos. Mais duas, o povo não desiste e lá vem violão de novo. Ainda mais à vontade, Humberto voltou a canções que já havia tocado com a banda (como "Eu Que Não Amo Você" e "Negro Amor") e mais "Refrão De Bolero", "(Can't Help) Falling In Love", de Elvis Presley, e a versão que fez para "The Logical Song", do Supertramp. A música não está no disco, mas o público cantou junto assim mesmo. Para felicidade total do povo, a banda ainda voltou com "Toda Forma De Poder". Irrepreensível.

Bernardo Araujo

Humberto, aos fiéis: "Vocês não têm lido jornal, né?".


James Brown: salvo pelo gongo

Mito por 15 minutos

James Brown
Olympia, São Paulo 14/09

"I'm back!", gritou o mito, ao pisar no palco. Bastou isso para o público esquecer que na meia hora anterior tinha sido enrolado por uma perua loira que se espoleava, com mais onze músicos e cantoras vocalistas de apoio da banda de Brown.

O próprio entrou intercalando canções de seu último CD, *I'm Back*, com longos solos dos músicos. Um trio de dançarinas suava em coreografias ensaiadinhas e as *backing vocals* faziam o trabalho pesado. Brown se limitava a interjeições e gritos.

A coisa só esquentou aos 15 minutos do fim, ele virou o jogo com "I Got You (I Feel Good)", "Respect", "Gonna Have A Funky Good Time" e "Sex Machine". Foi a redenção de um show que fez muita gente se perguntar se o mito não devia ter se aposentado. Aos 66 anos, JB é uma sombra do que foi. Mas vê-lo ao vivo ainda é memorável.

Andrea Estevam

Letra Traduzida

"End Of A Century"

Pop deformado extraído do melhor álbum do Blur, *Parklife*

(D. Albarn/Blur)

She said there's ants in the carpet
Dirty like monsters
Eating all the morsels
Picking up the rubbish
Give her effervescence
She needs a little sparkle
Good morning, TV
You're looking so healthy

We all say
Don't want to be alone
We wear the same clothes
Just to feel the same
And kiss with dry lips
When we say goodnight
End of a century
Oh, it's nothing special

Sex on the TV
Everybody's at it
And the mind gets dirty
As you get closer to thirty
He gives her a cuddle
They're glowing in a ruddle
Good night, TV
You're a made up
And you're looking like

Can you eat her?
Yes, you can

Damon (de azul): ironia fim de século

Ela disse que tem formigas no carpete
Pequenos monstros sujos
Comendo todas as migalhas
Pegando o lixo
Dê a ela um estímulo
Ela precisa de um brilho
Bom dia, TV
Você esta parecendo tão saudável

Nós todos dizemos
Não queremos ficar sozinhos
Nos vestimos as mesmas roupas
Apenas para sentirmos o mesmo
E nos beijamos com labios secos
Quando damos boa noite
Fim de um século
Oh, nao é nada especial

Sexo na TV
Todos estão nisso
E a mente fica suja
Ao você se aproximar dos 30
Ele dá um abraço nela
Estão brilhando na multidão
Boa noite, TV
Você é toda falsa
E está se parecendo comigo

Você pode comê-la?
Sim, pode

Um dos hinos do milênio

"O que tem 20 metros de comprimento e não possui pêlos pubianos? A primeira fila de um show do Blur!" Esta foi a piada preferida do baixista Alex James durante a turnê do penultimo album. Culpa do hit "Song 2", que fez a garotada encher os peitos durante os shows para berrar a unica parte que todos sabiam de cor: "Wooh-hoo!" O novo àlbum, *13*, tem sido a base dos shows recentes e dos que irao acontecer no Rio e em São Paulo este mês. *13* dá continuação ao que eles pretendiam com o trabalho anterior: deformar a formula pop, tão bem construida por eles próprios no começo dos anos 90. "End Of A Century" é desta época. É a terceira faixa do melhor álbum do Blur, *Parklife*. Juntando guitarra acustica e trombone com uma melodia gostosa e letras cinicas e criticas (o alvo é sempre a classe média britânica), a banda fez uma espécie de hino de final do milênio. O album ganhou, em 1994, quatro Brit Awards e o reconhecimento tanto de critica quanto de publico.O século pode estar chegando ao fim, mas antes – 21 de novembro – tem show do Blur!

© MCA Music LTD/Mercury

Entre Leitores

Este é o espaço para fazer contato com quem aprecia o mesmo som que você, vender ou trocar fotos, discos e material sobre seus artistas favoritos, procurar músicos para a sua banda, divulgar seu fã-clube, seu fanzine...

Escreva para SHOWBIZZ: Caixa Postal 66157, CEP 05315 970, São Paulo - SP
e-mail. showbizz.atleitor@abril.com.br

CORRESPONDÊNCIA

Charlie Brown Jr.: Gisele Fragono Veras – Avenida Guilherme de Paula Xavier, 1356 – Campo Mourão, PR – CEP 87303-070

Cure: Mario Alvim – Rua 23 de Julho, 70 – Jardim Canhema – Diadema, SP – CEP 09941-610

Engenheiros Do Hawaii. Richard Gonçalves – Rua José de Queiroz, 1995 – São João Del Rey, MG – CEP 36300-000

Hole: Julio Halliwell – Travessa São Feliciano, 53 bl 14, ap. 302 – Fonseca – Niterói, RJ CEP 24120-270

Iron Maiden: Glória do Nascimento Soares – Rua Monte Go fier Barbieri, 342 A – Cruz das Almas – São Paulo, SP – CEP 02804-060

Leitora idolatra Jay Kay

Jamiroquai Vania Martiniano – Rua Saboó, 431 Vila Carrão – São Paulo, SP – CEP 03432-020

Kid Abelha e Titãs. Luciana de Castro Utsch – Rua Antonio Teixeira Dias, 1 294 – Belo Horizonte, MG – CEP 30642-270

Kraftwerk e Harry Max Bernardo – Rua General Piragibe, 200 – São Geraldo – Fortaleza, CE – CEP 60450-250

Bata papo sobre Kula Shaker

Kula Shaker: Caroline Garcia – Rua Farroupilha, 555 – Chácara Barreto – Canoas, RS – CEP 92110-250

Pixies e Breeders Otto Flavio Galvão – Rua Engenheiro Enaldo Cravo Peixoto, 155, ap. 1 601 – Tijuca – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20511-290

Progressivo e hard rock 70: Antônio Neder Neto – Rua Francisca Rocha Faria, 259/101 – Itajubá, MG – CEP 37500-000

Tori Amos: Tiago Ribeiro – Rua Mário Siqueira, 366, ap 37 A – Botafogo – Campinas SP – CEP 13020-210

U2 e Alanis Morissette Lilian Warshavsky – Rua Presbítero João Rosa da Silva, 691 – Santa Helena – Contagem MG CEP 32015-150

MÚSICOS

Baixista: procuro baixista entre 16 e 20 anos com determinação e vontade de vencer para formar banda de rock com influências de Nirvana, Titãs, U2 e Paralamas Lennon Lopez Ribeiro Corrêa – Rua Eraldo dos Santos Araujo, 345 fundos – Engenheiro Leal – Rio de Janeiro, RJ CEP 02469 000 – Tel (21) 596-7351

Cozinha roqueira: procuramos baixista e baterista de até 17 anos para formar a maior banda de rock do mundo Renato Menezes Neto - Estrada da Ceasa, 207 Itororó – Belem, PA – CEP 66080-120 – Tel (91) 276-6102

Menina cantora: procuro banda que necessite de vocal feminino, não importa a localização quero apenas trabalho sério e bom. Leyla Fernandes Rua Lauro de Freitas 127 Gongogi BA CEP 45540 000 – Tel (73) 240 2 94

Hard rock. procuramos vocalista e baterista (ambos do sexo feminino) para trabalho sério, rock'n'roll de verdade (cover e próprio), AC/DC, Guns N' Roses, Led Zeppelin, Kiss, Black Sabbath, Metallica (não tocamos Nirvana) Amanda Guimarães – Rua das Laranjeiras, 363 – Demarchi – São Bernardo do Campo, SP CEP 09820 – Tels. (11) 753-6413 e (11) 4330-4443

TROCO

Vários por vários: Troco reportagens importadas de bandas de todos os estilos por qualquer coisa do U2, Silverchair ou All Saints. Paula Pereira Maestro Estrada das Lágrimas 1646 – São Paulo, SP – CEP 04232-00

PROCURO

Aborto Elétrico. Procuro material da primeira banda de Renato Russo (compro ou troco) Clayton Almeida – Rua Cícero José Inácio 130 – Vila Esperança – Formiga, SP – CEP 35570-000

Guns N' Roses: Compro qualquer material da banda. Thaisa Leoni Carpinelli – Rua Desembargador José Anton o Nogueira, 82 – Jaguare, SP – CEP 05337-030

Oasis: Compro cópia em VHS do *MTV Video Music Awards*, do ano de 1996 com show da banda Oasis. Karina Medeiros Machado – Rua Valdomiro Lopes de Oliveira, 31 – Cachoeirinha – São Paulo SP CEP 02882-040

Oasis: maior banda do mundo

Oasis II Procuro show exibido pela MTV Latino em maio de 1998 e uma pequena entrevista com Liam no *Video Show* do dia 23 03 98 Reinaldo Leite Hungria – Rua das Americas 342 – Ferraz de Vasconcelos SP CEP 08500-000

Placebo e Nirvana Procuro CDs do Nirvana, Placebo e qualquer tipo de material do Silverchair Lailton da Silva Rua 18, qd 10, casa 08 – Angelim – São Luís MA – CEP 65063-150

Raul Seixas: Compro o CD *30 Anos De Rock*. José Damazio Rua Rosario 438 – Angola Betim MG – CEP 32630-000

Sheryl Crow: Reportagens, fotos, vídeos e CDs Letícia Simões de Aguiar – Rua Waldomiro Rosendo de Oliveira, 60 – Vila Industrial – São José dos Campos, SP CEP 12220-430

Silverchair Qualquer material da banda e o CD *Frogstomp*. Eduardo M Rocha – Rua Melchiades Picanço, 699 – Miracema, RJ – CEP 28460-000

Stooges Procuro material em vinil para compra Alessandro Loureiro – Rua Waldomiro Dombeck, 55, ap 154 – Boa Vista - Curitiba, PR CEP 82510-340 E mail alessandro@ebs.com br AC - CEP 69901-080

Titãs: Fotos e reportagens principalmente da época do *Domingo*): pôsteres, programas de TV e letras cifradas Renata Mendes de Sá – Avenida Barão de Valim, 55 São Paulo, SP CEP 04613-030

Videos: Smashing Pumpkins, Legião Urbana e cranberries Compro tudo! Cosme Júnior Travessa Praxedes, 384 Rio Branco, AC – CEP 69901-80

VENDO

Aerosmith dezoito CDs, uma lista com várias reportagens, fotos e revistas, mais uma camiseta e seis fitas de vídeo Jonatan Goulart Grevinell – Rua Professor Carvalho de Freitas, 200, ap 602 – Teresópolis – Porto Alegre, RS – CEP 91720-090

CDs. Dezenas de CDs em ótimo estado, oficiais e raridades, de bandas como Nirvana, Oasis e outros. Para ver a relação de CDs, visite o site www.geocities.com/Fashion Avenue/Runway/rockplace Carlos Ivan Pinto Silva Avenida Maracanã 585/ – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20511-000 – E mail. [illegible]@openlink.com br

Madonna: Várias revistas, pôsteres e traduções de letras. Antônio Gimenez Macedo – Rua Luiza Pinheiro Cabette, 20 – Canitar, SP – CEP 18990-000

Brown: maior perda de 1999

Reggae: Gravo fitas cassete por R$ 5 00 (Dennis Brown Gregory Isaacs etc.), Ronaldo Mello – Rua Praça da Liberdade 132 - Areal - Pelotas, RS - CEP 96077 160

Vários: Material de Michael Jackson, Kiss, Live, Skank e outros, Janaina Félix da Cruz – Rua Mineiros do Tietê, 96. bl 6, ap. 406 – Guadalupe – Rio de Janeiro, RJ – CEP 21675-350

Vinil Vendo 915 discos de vinil, de diversos cantores Jorge Ronaldo Marinho. Avenida 2, 505, qd. H3 lot 21 Tabuleiro Graciliano Ramos – Maceió, AL – CEP 57073-340 – Tel (82) 978-4246

FÃS-CLUBES

Eve 6 Eve 6 Forever Fan Club – Rua Frei Inocêncio, 233, b. 10, ap. 203 Ilha do Governador – Rio de Janeiro, RJ – CEP 21921-540

Geri Halliwell Look At Me Fan Club – Rua Engenheiro Daltro, 03 – São João de Meriti, RJ – CEP 25525-210

Karnak: Fã-clube Karnak – Rua Dom José de Moraes Torres, 293 A – São Paulo, SP – CEP 02545-080

Oasis Be Here Now Brazilian Fan Club – Rua Dr Gordiano Gai de Iacio Rossi 347 - São Paulo SP – CEP 02864-100 E-mail beherenowfc@hotmail.com

Paul McCartney Paul Is Live – Rua Carapós, 152 – Parque Neide – São Bernardo do Campo, SP – CEP 09850-340

Racionais MC's Fã-clube Capítulo IV/Versículo III – Rua Grajaú, 25 – Leblon – Belo Horizonte, MG – CEP 31575-020

Titãs: Fã-clube Corações e Mentes – Paula Xavier – Rua do Trabalho, 60 – Centro - Guarapari ES – CEP 29200-000

FANZINES

Moda, estilo e rock'n'roll: *Velotrol Revista* – Rua Capitão Otávio Machado 264 – São Paulo, SP CEP 04718-000 – E-mail: velotrol@sti.com.br – Site: www.velotrol.com.br

Rock britânico: *Make No Sense* Caixa Postal 273 – Osasco SP – CEP 06001-970 – E-mail nosenseatall@hotmail.com

As regras para colocar um anúncio aqui:
O espaço é gratuito, mas sua mensagem não deve ultrapassar quarenta palavras. Não esqueça de colocar um telefone em que você possa ser encontrado durante o dia, para confirmarmos as informações, e dizer se deseja que ele seja divulgado. Sem isso seu anúncio não será publicado. SHOWBIZZ não se responsabiliza pelos anúncios.

EDITORA Abril

SHOWBIZZ

Em São Paulo
Redação e Correspondência: [illegible]
Site: [illegible]

Representantes de Brasil
Rio de Janeiro: [illegible]
Bahia: [illegible]
Brasília: [illegible]
Campinas: [illegible]
Ceará: [illegible]
Minas Gerais: [illegible]
Paraná: [illegible]
Recife: [illegible]
Ribeirão Preto: [illegible]
Rio Grande do Sul: [illegible]
Santa Catarina: [illegible]

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL
Interesse Geral
VEJA • ALMANAQUE ABRIL
SUPERINTERESSANTE • NOVO EXAME
GUIA ABRIL DO ESTUDANTE • SAÚDE
Economia e Negócios
EXAME • VOCÊ S.A
Automobilismo e Turismo
QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS
VIAGEM E TURISMO • TERRA
Esportes
PLACAR
Masculinas
PLAYBOY • VIP EXAME
Femininas
ALGUNS ELLE • NOVA • NOVA BELEZA
MANEQUIM • PONTO CRUZ • FAÇA E VENDA
[illegible] • BOA FORMA • ANA MARIA
HORÓSCOPO • CARÍCIA
Decoração e Arquitetura
CASA CLAUDIA • ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO
ARTE & DECORAÇÃO • BONS FLUIDOS [illegible]
Entretenimento
CONTIGO • SHOWBIZZ

Revista Showbizz, Edição [illegible] [illegible]

Central de Atendimento ao Assinante [illegible]

ANER IVC

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Bom gosto no dial

Nacional

Nossas previsões se concretizaram: os mineiros do Jota Quest deixaram Paulo Ricardo e Maurício Manieri para trás, comendo poeira, com "O Vento".
Já os **Raimundos** protagonizaram a escalada mais rápida da parada nos últimos tempos: um mês depois de estrear em 17º lugar, "A Mais Pedida" já está num confortável 8º lugar e prometendo subir ainda mais. Os sons novos de Pato Fu – "Depois" – e Gabriel O Pensador – "Cachorrada" – também começaram bem.

		Mês anterior
1º	"O vento" / Jota Quest	2º
2º	"Bem Querer" / Maurício Manieri	4º
3º	"Sonho Lindo" / Paulo Ricardo	3º
4º	"Que País É Este" / Paralamas Do Sucesso	5º
5º	"Como Se Fosse A Primeira Vez"/ Paulo Ricardo	•
6º	"Te Levar" / Charlie Brown Jr.	6º
7º	"A Cor Do Sol" / Cidade Negra	10º
8º	"A Mais Pedida" / Raimundos	17º
9º	"Cachorrada" / Gabriel O Pensador	•
10º	"Aquilo" / Lulu Santos	7º
11º	"Depois" / Pato Fu	•
12º	"O Segundo Sol" / Cássia Eller	12º
13º	"Mulher De Fases (A Linda)" / Raimundos	8º
14º	"Mandrake E Os Cubanos" / Skank (9º)	2º
15º	"Minha Alma (A Paz Que Eu Não Quero)" / O Rappa	•
16º	"Negro Amor" / Engenheiros Do Hawai	•
17º	"Não Pode Parar" / Wilsom Sideral	13º
18º	"Anna Julia" / Los Hermanos	•
19º	"Vamo É Comemorar" / Junk	•
20º	"Zóio D Lua" / Charlie Brown Jr.	16º

Internacional

De repente, Califórnia. Mas antes o amor. Enquanto as primeiras posições ficam para os sons românticos de Phil Collins (líder há três meses), Ricky Martin (correndo por fora) e **Elvis Costello** ("She", versão de Charles Aznavour incluída no filme *Um Lugar Chamado Notting Hill*), a partir do 6º lugar vem a trinca Red Hot Chili Peppers, Sugar Ray e Smash Mouth. O Silverchair – que vem de areias australianas – pulou para o 9º lugar, deixando para trás New Radicals e Cranberries.

		Mês anterior
1º	"You'll Be In My Heart" / Phil Collins	1º
2º	"She's All I Ever Had" / Ricky Martin	2º
3º	"She" / Elvis Costello	16º
4º	"The Last Kiss" / Pearl Jam	3º
5º	"That I Would Be Good" / Alanis Morissette	4º
6º	"Scar Tissue" / Red Hot Chili Peppers	7º
7º	"Someday" / Sugar Ray	13º
8º	"All Star" / Smash Mouth	5º
9º	"Anna's Song (Open Fire)" / Silverchair	17º
10º	"Someday We'll Know" / New Radicals	•
11º	"Never There" / Cake	10º
12º	"Animal Instinct" / Cranberries	•
13º	"Sweet Child O'Mine" / Sheryl Crow	11º
14º	"Full Circle" / Aerosmith	8º
15º	"Soldier Of Love" / Pearl Jam	•
16º	"Nothing Can Keep Me From You" / Kiss	•
17º	"The Kid's Aren't All Right" / Offspring	19º
18º	"Fly Away" / Lenny Kravitz	9º
19º	"Beautiful Stranger" / Madonna	14º
20º	"You Get What You Give" / New Radicals	12º

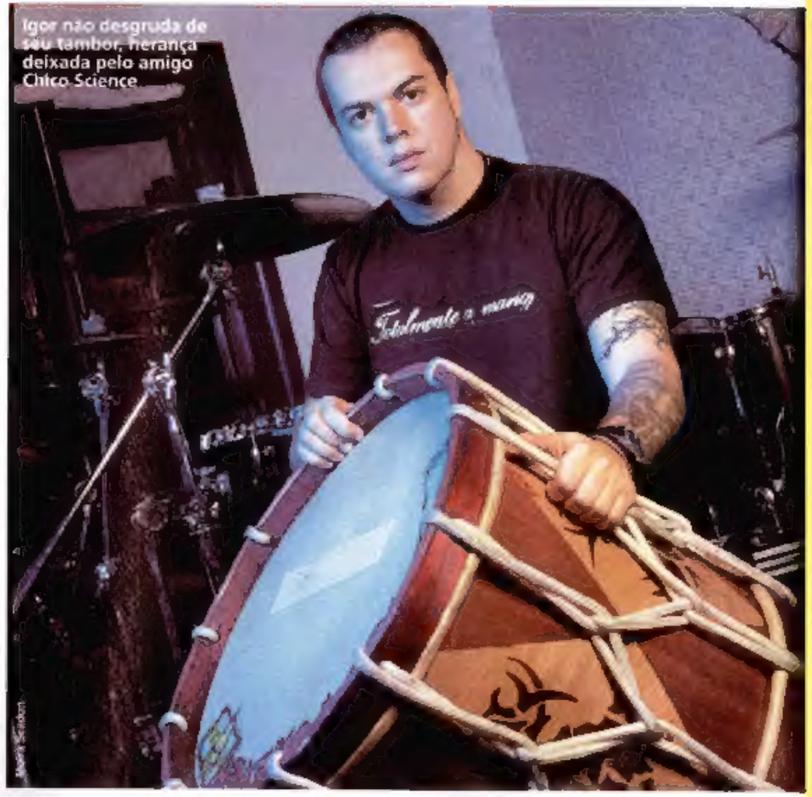
Crowley

Sistema de monitoramento Crowley Broadcast Analysis do Brasil Ltda. – Auditoria das músicas mais ouvidas em doze rádios FM do Rio de Janeiro e doze rádios FM de São Paulo, no período de 1º a 30 de setembro de 1999. Os dados de audiência horária de cada estação de rádio são fornecidos pelo Ibope. CBAB – Crowley Broadcast Analysis do Brasil Ltda. – Proibida a reprodução sem autorização. CBAB
•estréia

Trovão único

Igor Cavalera apresenta seu kit personalizado de bateria

Quando Igor Cavalera vê um baterista esbanjando técnica num solo interminável, ele sente-se num circo. "Parece número de malabarismo. Tenho bode de baterístas que se preocupam muito com a técnica e esquecem a essência da batera, que é o instrumento mais antigo que existe", diz. A opção pela espontaneidade em detrimento da técnica foi feita aos 9 anos de idade, depois de algumas poucas e malsucedidas aulas de bateria. "Eu era moleque e queria extravasar, mas o cara insistia em me ensinar a ler partitura, ficava falando de baterístas de jazz. Nunca mais fiz aula", lembra.


Igor não desgruda de seu tambor, herança deixada pelo amigo Chico Science

Na época, Igor ainda praticava numa bateria para lá de improvisada: um tarol – "aquela caixa pequenininha, de fanfarra" –, um contra-surdo e um prato pregado num cabo de vassoura. Como suporte, um tripé de samambaia. "Quando o Sepultura começou, eu ensaiava com essas peças e só tocava numa bateria de verdade na hora do show", conta. Foi só com a grana do primeiro disco do Sepultura, *Bestial Devastation*, que Igor conseguiu comprar uma batera de verdade, uma Caramuru. "Hoje tenho mais do que eu sonhava, mais até do que eu preciso", diz. "Cada disco que passa eu aumento um pouco a bateria, principalmente a parte percussiva."

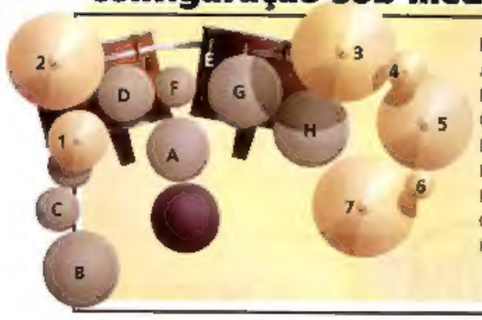
Patrocinado pela Pearl, Igor usa um kit feito sob encomenda para ele. "Essa é a vantagem do patrocínio, mais até do que ganhar instrumentos de graça." As medidas do kit são totalmente fora do comum. "O bumbo é de 20 polegadas, enquanto o normal é de 22 ou mais. Tem gente que acha que é de brinquedo", brinca. "As pessoas acreditam que, quanto maior o bumbo, mais alto o som; eu já acho que é o contrário: quanto menor, mais pegada ele tem e mais audível ele fica no meio dessa loucura que é guitarra, baixo etc.", completa. Já os tontons da bateria são gigantescos. "Não tem maior do que esses, é uma coisa meio monstruosa. O cara da Pearl levou um susto quando eu passei para ele as medidas", diverte-se.

A peça mais querida, porém, não é a bateria em si, mas um tambor de maracatu com a inscrição "Chico Forever", presente do amigo Chico Science. "Eu levo esse tambor comigo para tudo quanto é lugar. Minha bateria pode cair do avião que eu arrumo outra, mas esse tambor não. Estou até pensando em samplear o som dele e levar num *pad* para poder guardar o tambor na minha casa. Se acontecer alguma coisa com ele, não vou me perdoar", diz.

Andrea Estevam

Ilustração Felix Reiman

Configuração sob medida



Peles	Pratos
A - Caixa 14" x 6"	1 - Chimbau de 14"
B - Tambor de maracatu	2 - Crash de 19"
C - Pads Holland (2)	3 - Crash de 20"
D - Tom 10" x 10"	4 - Splash de 8"
E - Bumbos 20" x 18" (2)	5 - China de 18"
F - Octoban 6" x 21"	6 - Z-Bell de 6"
G - Tom 16" x 16"	7 - Ride de 20"
H - Tom 18" x 16"	

94.1 Porto Alegre
100.9 Florianópolis
102.7 Blumenau
94.3 Santa Maria
105.7 Caxias
96.9 Uruguaiana
94.5 Santo Ângelo
96.1 Livramento
105.1 Cruz Alta
99.3 Chapecó
97.1 Passo Fundo
104.7 Tramandaí
97.5 Alegrete
93.3 Santa Cruz
102.1 Rio Grande
94.1 Itaqui
98.1 Bagé
95.3 Pelotas

Ligue os pontos e se ligue na maior rede de rádio jovem do sul do país.

Este ponto está reservado para você ligar para a gente e fazer parte da rede Atlântida: (51) 218.5700 - rede@atlantida.com.br

Atlântida
A maior rede de rádio jovem do sul do país.

Safra mágica

Num ano maravilhoso para o rock, **The Zombies** fizeram uma obra-prima sofisticada e acessível

The Zombies: canções para viajar puramente na música

Ficha técnica

Ano de lançamento: 1967
Produção: Rod Argent e Chris White
Músicas: "Care Of Cell 44" • "A Rose For Emily" • "Maybe After He's Gone" "Beehwood Park" • "Brief Candles", "Hung Up On A Dream" • "Time Of The Season" • "I Want Her She Wants Me", "This Will Be Our Year" • "Butchers Tale (Western Front 1914)" • "Friends Of Mine" • "Changes".

Graças aos esforços de Al Kooper (ex-Bob Dylan e Blood, Sweat & Tears), um fã do grupo, o disco foi lançado em 1968 nos EUA, onde "Time Of The Season" atingiu o terceiro lugar. Após o fim dos Zombies, Rod Argent fundou o grupo progressivo Argent e trabalhou com Phil Collins, The Who (o piano em "Who Are You?" é dele) e Tanita Tikaram. Colin Blunstone teve relativo sucesso na carreira solo. Em 1991 lançou um disco com alguns integrantes dos Zombies.

Odessey And Oracle
The Zombies

O lisérgico ano de 1967 foi dos mais inspirados na história do rock. *Younger Than Yesterday* (dos Byrds), *Sgt. Pepper's* (dos Beatles), *Forever Changes* (do Love), entre outros álbuns clássicos, são dessa safra. A obra-prima de um grupo menos badalado, porém muito peculiar e influente, The Zombies, também data desse mesmo período dourado. Pop e acessível, *Odessey And Oracle* é mais um na lista dos discos à frente de seu tempo e de difícil classificação até hoje. Seria protoprogressivo, pop barroco ou *merseybeat* (a batida dos Beatles) psicodélico?

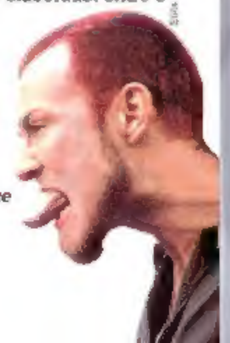
Tudo isso e mais um pouco tinha começado a ser engendrado cinco anos antes em St. Albans, Inglaterra, pelo tecladista Rod Argent, o guitarrista Paul Atkinson, o baixista Paul Arnold (logo substituído por Chris White), o baterista Hugh Grundy e por Colin Blunstone, que quase foi recusado como vocalista por estar com o rosto repleto de hematomas no primeiro ensaio. Apesar de péssimo desportista, Blunstone tinha garganta apurada e sua voz de garoto de coral mais o teclado quase erudito de Argent se tornaram a marca registrada dos Zombies.

Misturando batidas de jazz, rhythm & blues e *mersey sound*, os singles "She's Not There" (em 1964) e "Tell Her No" (em 1965) fizeram sucesso na Inglaterra e mais ainda nos EUA, onde alcançaram o topo das paradas. O grupo então se tornou referência essencial para os americanos.

O ápice veio em 1967 com esse segundo álbum. Música pop com rara sofisticação (composta por Rod Argent e Chris White) e letras bem construídas abordando temas pessoais e políticos (como o horror das Guerras Mundiais). Tudo com melodias luminosas e harmonias vocais singelas, embaladas por arranjos de cordas, sopros e cravo.

Fazer um disco de nível tão elevado não poderia nunca ser fácil. E teve como consoqüência o desgaste das relações entre os integrantes. Resultado: a obra acabou sendo lançada após o fim do grupo, em dezembro de 1967. Ironicamente, "Time Of The Season" foi um estrondoso sucesso dois anos depois nos EUA, promovendo um reinteresse pela banda. Propostas vultuosas de retorno foram declinadas por Rod Argent, pondo fim, assim, a um banda que tornou transitável a ponte entre o simples e o elaborado, entre o pop e o progressivo.

Sérgio Barbo



"Quando ouvi esse disco dos Zombies, pela primeira vez, fiquei completamente chapado... É de um bom gosto musical incrível, impressionante."
Scott Weiland, cantor do Stone Temple Pilots, que gravou "Time Of The Season" para a trilha de Austin Powers, O Espião Bond Cama

Fim do caminho?

TRY ON

Novo Training. Vai até onde só malucas como você costumam ir.